Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 442
Abril 1984
Quinta-feira

26

30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Apesar de dominados por referências à "crise"

Manifestação e comício de Lisboa testemunham força de Abril

O décimo aniversário do 25 de Abril foi ontem celebrado em todo o território nacional. As manifestações-comícios de Lisboa e do Porto, especialmente, terão mostrado que a mobilização popular ultrapassa, ainda, todas as expectativas: elas constituem prova indesmentível de que, apesar da «crise» em que o País se encontra mergulhado, a identificação do «povo» com os ideais de Abril não perdeu força nem confiança.

Páginas 2 a 6 e 20

Capitães de Abril encabeçavam o desfile em direcção ao Rossio, ontem à tarde, em Lisboa

Tragédia em Valongo

Comboio esmaga autocarro em passagem de nível

Dezassete mortos e 34 feridos contados até ao meio-dia mas o número de vítimas pode ser maior

Pág. 9

Com Pedras Rubras cheio como um ovo

Equipa do Porto aterra em Lisboa

Muitos milhares de adeptos do FC Porto, desejando saudar a caravana futebolista que triunfou em Aberdeen, invadiram a pista de Pedras Rubras obrigando o avião que transportava a turma de Pedroto/Morais a aterrar em Lisboa, ao princípio da tarde.

Pág. 13

FNAC

Somos o ar condicionado

Comemorações do décimo aniversário do 25 de Abril

Em comunicado datado de 24

Governo pedia que não houvesse "polémicas nem divisões"

O Conselho de Ministros, reunido na terça-feira, «deliberou saudar o 25 de Abril (...) e em especial todos os que o fizeram ou para ele contribuíram, sem discriminações de qualquer tipo e independentemente das posições político-ideológicas, antes ou depois assumidas». Referindo-se indirectamente ao facto de a generalidade dos militares de Abril e dos resistentes antifascistas se terem alheado das cerimónias oficiais, o comunicado do Governo afirma que «o 25 de Abril é o dia da liberdade redescoberta e por isso deve ser comemorado em ambiente de alegria e de concordância nacional, sem polémicas e divisões estéreis».

Escamoteando as razões que estiveram na sua origem, o texto acrescenta que a «polémica e a divisão não estariam à altura da importância e do significado do evento histórico que se pretende celebrar».

Na mesma sessão do Conselho de Ministros foram aprovados sete decretos incidindo sobre matérias diversas e uma proposta de resolução a apresentar à Assembleia da República para ractificação da convenção europeia sobre protecção das pessoas, face ao tratamento automatizado de dados de carácter pessoal.

Os decretos aprovados referem-se à aceitação de uma convenção relativa à celebração de casamentos no estrangeiro; à aplicação aos docentes do ensino superior não abrangidos pelos estatutos da carreira docente e do ensino superior politécnico do regime fixado no Art.º 39 do Decreto 158/81 de 1 de Julho; ao termo da concessão de uma autorização dada a Basílio de Castelbranco, em 1884, para efectuar certos trabalhos agrícolas em terrenos pertencentes ao Estado nos concelhos de Loulé, Faro e Olhão; à alteração da estrutura orgânica do Centro de Estudos Judiciários; à criação de um Conselho Técnico, de um Gabinete de Estudos Jurídico-Sociais, de uma biblioteca e de um museu no Centro de Estudos Judiciários; ao carácter facultativo da inscrição no regime de segurança social dos trabalhadores independentes para determinados profissionais livres e à alteração de um outro decreto-lei com o objectivo de permitir uma mais rápida e eficaz execução do programa de construção de novos centros de formação e de reabilitação profissional.

O diploma relativo à cessação da concessão feita a Basílio Castelbranco destina-se a criar condições para que seja feita uma reserva natural e a respectiva zona de protecção. Nos terrenos em causa inclui-se a Quinta do Ludo ou Tapada do Ludo.

Quanto ao decreto sobre o Centro de Estudos Judiciários, o seu objectivo fundamental reside na abertura do centro a outros serviços e no provimento mais rápido de lugares do seu quadro de pessoal. Por outro lado, é eliminado nesse centro o limite máximo de idade como condição de ingresso e permitida a admissão, sem testes de aptidão, dos licenciados em Direito «mais qualificados».

Finalmente, o Conselho ouviu também uma exposição do ministro da Justiça sobre a situação nos estabelecimentos prisionais, decorrente do aumento da população prisional. Rui Machete propôs diversas orientações, que foram aprovadas, com vista a que seja evitada uma situação de saturação se não mesmo de ruptura. Entre os problemas focados conta-se a exiguidade da cotação para as despesas alimentares com os reclusos.

Soares e Mota Pinto durante o desfile militar, ontem de manhã

O aniversário de Abril na Imprensa estrangeira

A Imprensa estrangeira tem dedicado, nos últimos dias, significativo espaço noticioso às comemorações, em Portugal, do Décimo Aniversário da Revolução dos Cravos.

Desde o prestigiado «Le Monde» ao jornal da extrema-direita espanhola «El Alcazar», passando por muitos outros títulos publicados em França, Inglaterra, Espanha, RFA, RDA, URSS e países africanos de expressão oficial portuguesa, todos têm publicado entrevistas, crónicas, editoriais e reportagens sobre os últimos dez anos da vida portuguesa e sobre a histórica revolução de Abril. E é exactamente sobre Abril, sobre as cerimónias comemorativas da data que celebra a queda do fascismo em Portugal, que o Presidente da República, em entrevista ao «Le Monde», e publicada ontem por aquele matutino, proferiu a seguinte declaração: «A comemoração do 25 de Abril deveria constituir um momento de reflexão designadamente sobre as promessas cumpridas e as não cumpridas. Deveria ser uma ocasião para os portugueses se unirem em torno de grandes objectivos nacionais. Infelizmente, as coisas não se passam assim. Receio um pouco pela oficialização das cerimónias. Receio uma fraca mobilização popular».

Na sua entrevista, o Presidente Eanes considera que Portugal tem incontestavelmente uma vocação africana e lembra que «há 20 milhões de africanos a pensarem na nossa língua». «Além do mais – acrescenta – existem estranhas afinidades entre os que se combateram». E conclui: «Eu próprio o constato, com surpresa, desde o meu primeiro encontro com o presidente de Moçambique, Samora Machel. Combatemo-nos militarmente no terreno e hoje estamos ligados por uma amizade profunda».

O «Le Monde» publicou um suplemento de quatro páginas inteiramente dedicados a Portugal e à Revolução de Abril. Mas não foi só este jornal parisiense a dedicar largo espaço das suas colunas ao aniversário do 25 de Abril, em Portugal. Também o «Le Matin», o «L'Humanité», o «Le Quotidien de Paris» e o «Liberation», entre outros, fizeram publicar entrevistas e reportagens, artigos e crónicas. O «Le Matin», por exemplo, entrevistou Mário Soares que falou sobre «liberdade, democracia e descolonização». Por seu turno, o órgão oficial do PCF fez publicar alguns artigos sobre o que considerou ser «a última revolução romântica da nossa época». O «Le Quotidien de Paris» (um jornal conservador) titulava «Os cravos e os espinhos» e terminava um artigo com uma frase de Mitterrand: «As asneiras dos esquerdistas em Lisboa, como nos outros lados, foram dar uma nova oportunidade à contra-revolução». Finalmente, o «Liberation» publica duas entrevistas: uma, com Mário Soares; outra, com Melo Antunes.

Espanha

Em Espanha, quase todos os jornais de grande expansão evocaram o 25 de Abril. O «El País» dedicou um suplemento especial de domingo aos dez anos do Portugal democrático e à Revolução. Também o «Diário 16» publica um suplemento especial de 16 páginas, um editorial sobre os acontecimentos do 25 de Abril e sobre a actual situação portuguesa. Os jornais «ABC», «YA» e «El Alcazar» publicam igualmente páginas especiais sobre o mesmo tema. As emissoras de Rádio transmitiram blocos informativos sobre Portugal e as comemorações do 10.º Aniversário da Revolução.

Em Inglaterra, o jornal londrino «The Times» publicou uma entrevista com o tenente-coronel Vítor Alves e uma série de artigos assinados pelo jornalista Richard Wigg. Na sua entrevista, o antigo porta-voz do Conselho da Revolução afirma que «os objectivos da Revolução – democratizar, descolonizar e desenvolver – não foram lacançados de acordo com as previsões do Movimento das Forças Armadas».

Também na RFA, o «Der Spiegel» dedica, no seu último número, uma página e meia ao 25 de Abril, sob o título»: «Portugal. Tudo Morre».

«Tudo Morre. Desencantado e derrotado, Portugal entra no Décimo Aniversário da Revolução dos Cravos: caos económico, fome e corrupção mantêm-se», lê-se na reportagem coordenada pelo jornalista Dieter Wild.

Na RDA, «Neues Deutschland» considera que no Portugal de Abril «continuam a manter-se vivas as estruturas económicas e sociais criadas pela Revolução».

O «Pravda» publica, entretanto, uma entrevista com o secrtário-geral do PCP e a TASS, agência oficial soviética, fez distribuir um extenso comentário sobre o aniversário do 25 de Abril para dizer que «o povo trabalhador e as forças democráticas portuguesas têm ainda esperança num desenvolvimento pelo caminho aberto pela Revolução de Abril de 1974».

Outros jornais soviéticos dedicaram algumas das suas páginas ao aniversário da Revolução dos Cravos.

Em países africanos de expressão oficial portuguesa foi invocada, na Imprensa (Rádio e jornais), a data histórica do 25 de Abril. Em Luanda, a ANGOP disse mesmo que, lembrar esta data é o mesmo que «falar do triunfo da paz, da prosperidade e das boas relações entre os povos».

Na Guiné-Bissau, a Rádio abriu os seus noticiários, em portugês e em crioulo, com referências ao Décimo Aniversário do 25 de Abril.

a opinião dos outros

Tempo

«Contra a opinião de muitos nostálgicos da revolução permanente, contra as aspirações dos radicais, afirmei aqui que as revoluções têm o seu tempo, melhor digo, os seus tempos, as suas fases. Desenvolvem-se, engrossam e institucionalizam-se no quotidiano, depois de rupturas mais ou menos graves, consoante os países. Neste sentido, todas elas são traídas, todas elas são inacabadas, todas elas acabam por se neutralizar nas mãos de uma nova elite política aproveitadora.

A revolução do 25 de Abril, em 1974, não deixou de ser igual às outras, pese às reivindicações de originalidade. Uma vez desencadeado o processo, e dado o seu triunfo sem contestação, a revolução percorreu a sua trajectória natural e, hoje, em dia, só dá azo a comemorações folclóricas por parte daqueles que dela beneficiaram.

Dez anos depois, já longe do Thermidor do 25 de Novembro que representou o ponto final do processo e a sua passagem à institucionalização em termos de forças sociais e repartições de benefícios políticos e económicos pode-se e deve-se fazer um pequeno balanço do tempo que passou e do que se ganhou e perdeu. Não que isso tenha alguma importância, mas porque tal exercício permite traçar o outro quadro de que ninguém fala, a não ser na marginalidade política, embora esse quadro tenha relevo objectivo e interesse a uma correcta perspectiva do nosso tempo (...)»

de A. Marques Bessa
26.4.84

o diário

«Os desfiles e concentrações unitários do 25 de Abril foram os maiores de sempre em comemorações de aniversário da Revolução.

Há dez anos que não se via tanto cravo rubro numa jornada festiva que foi também jornada de luta e protesto, de memória histórica, de fidelidade aos ideais de Abril e de muita confiança no futuro.

O Governo obteve do povo português a resposta que merecia. Convidou-o a escolher entre uma data reduzida a efeméride congelada, animada por estridências de bandas do imperialismo e patrocinada por contra-revolucionários; e uma data viva, a festa daqueles que vêem no 25 de Abril uma ruptura que em Portugal transformou os homens e as coisas, uma revolução que não se aceita como finda e pretende defender as suas conquistas e retomar o caminho interrompido.

E o povo escolheu. Festejou com alegria, com esperança, o aniversário da Revolução. Torrencialmente. Nas ruas, com os seus capitães. Longe das palhaçadas oficiais, promovidas pelos inimigos de Abril.

O aniversário da Revolução foi uma grande vitória do povo e uma grande derrota do Governo, dos ocupantes do Poder, que vamos, unidos, pôr na rua.»

de Registo
26.4.84

As Forças Armadas estão unidas

— *afirma Lemos Ferreira*

O genral Lemos Ferreira afirmou ontem em Lisboa que as Forças Armadas portuguesas estão unidas, que «servem os superiores interesses nacionais», e que obedecem «aos órgãos de soberania competentes, nos termos da Constituição e da Lei».

Na sua mensagem às Forças Armadas proferida no decorrer das cerimónias militares, o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas sublinhou que «dentro da normalidade democrática já completamente realizada, os interesses nacionais essenciais têm de sobrepor-se às várias ideologias e aos interesses dos grupos». «As responsabilidades têm de ser assumidas de forma solidária frente às dificuldades e na aceitação e respeito pelas leis e pelas instituições», acrescentou o CEMGFA.

Depois de sublinhar esses dois pressupostos como «regra de ouro e centro ético-moral» da actuação dos militares, Lemos Ferreira considerou que a liberdade «é um precioso bem e uma condição básica da vida». Disse, no entanto, que ela não pode atentar contra ou reduzir a liberdade dos outros concidadãos».

«A obediência e o respeito recíprocos pelas obrigações e direitos de cada um, são regras sociais indispensáveis para a existência da liberdade, a qual nunca poderá confundir-se com anarquia», concluiu Lemos Ferreira.

A terminar a sua mensagem, o general CEMGFA afirmou que a «nossa História tem de prosseguir, sem se desfazer no desânimo e no abandono».

Comemorações do décimo aniversário do 25 de Abril

Do Minho a Macau

Frases do dia nos discursos locais

Não houve cidade ou vila que não comemorasse ontem o X aniversário do 25 de Abril. A efeméride foi assinalada por festas populares, desfiles, espectáculos, provas desportivas e também por discursos alusivos ao significado da data. Discursos com passagens a merecerem destaque.

● «A revolução pôs termo ao fascismo mas permite que os fascistas continuem em liberdade» (**Manuel Pimentel**, PS-/Coimbra)

● «Por muito que alguns saudosistas desejem, não voltaremos a um passado fascista» (**Joaquim Urtigão**, APU/Viseu)

● «O 25 de Abril foi um marco histórico para o Mundo apenas com uma falha, a transformação das mentalidades (...) os preconceitos impedem as reformas estruturais no âmbito cultural, impedem que as pessoas caminhem para a frente» (**Horácio de Carvalho**, governador civil de Faro)

● «Foram anos de esperança, anos de algumas frustrações, anos que nos deram tudo ou mesmo muito daquilo que gostaríamos de ter, anos de avanços e recuos, de alegrias e tristezas, mas acima de tudo, foram anos em que não vivemos como viveramos antes: livres! (**António Portugal**, PS/Coimbra)

● «Não se devem iludir aqueles que julgam que um regime autoritário resolveria os problemas sociais e económicos de Portugal» (**Lúcio Rodrigues**, PS/Viseu)

● «Com o 25 de Abril e em dez anos foram feitas mais coisas do que em 48 anos de fascismo» (**Abílio Fernandes**, presidente da Câmara Municipal de Évora)

● «A liberdade é um bem que parece tão natural que nos leva ao descuido, correndo o risco de ser tragada por uma qualquer onda revanchista de mal-intencionados arautos de que afinal ela não resolveu todos os problemas da nossa sociedade (...) é fundamental proporcionar aos jovens oportunidades de realização, de modo a afastar a tentação e o ludíbrio dos que permanentemente acenam com as vantagens de um regime totalitário» (**Castro Gil**, PS/Porto)

● «O 25 de Abril foi um marco importante da nossa vida em comum. É um bem inestimável e que importa preservar ciosamente» (contra-almirante **Almeida e Costa**, governador de Macau)

política de A a Z

O Povo... à tona da história

ESTES dez anos, agitados, rápidos, que nos separam do 25 de Abril de 1974, resistem a qualquer balanço crítico rigoroso, só por uma razão, uma razão suprema: porque estes dez anos são contados, na alegria e no sofrimento, no entusiasmo e no desencanto, no aplauso e no protesto, na muita esperança e no muito desesperar, a partir do Dia da Liberdade.

A tirania, velha de 48 anos, desmoronou-se nas mãos dos «capitães de Abril», à voz do povo que logo os aclamou, e na madrugada mesma da revolta militar rasgou o Dia da Liberdade. A tirania não teve defensores, nem nas Forças Armadas, nem nas legiões mercenárias. Ninguém por ela se bateu. Às vascas da sua agonia não acorreram os seus numerosos servidores. A tirania, era um gigante com pés de barro. Ruiu, e a Liberdade raiou. Virava-se, pela acção unida do povo civil e dos militares-povo, uma página da História. Portugal continuava – era, a partir de 25 de Abril de 1974, novamente, após um longo e penoso interregno, uma nação livre e democrática.

A dez anos da data histórica, é para qualquer observador lúcido evidente que o Povo compreendeu o 25 de Abril como um acto de libertação revolucionária. Só nessa compreensão poderá ser entendido o que se passou no País, o que acabamos de viver com as comemorações do 10.º Aniversário do 25 de Abril. O Povo mostrou, e mostrou de maneira incontestável, com uma consiciência esclarecida, com maturidade cívica, com uma determinação surpreendente, que sabia distinguir a «situação material», a «situação política» e a «situação moral», e que sentindo as dificuldades presentes na própria carne, não esquecia que o melhor de todos os bens é a Liberdade.

E o Povo português soube, também, dizer com voz forte que não consente que lhe tirem o 25 de Abril e o empalhem ou folclorizem. O infelicíssimo propósito de impor, com acompanhamento musical estrangeiro e números de circo e de arraial, uma interpretação oficial do 25 de Abril, teve a sua funambulesca conclusão, sim ultâneo encerramento e enterro, na triste sessão solene que se realizou na Aula Magna da Universidade de Lisboa.

Na Assembleia da República, descontadas algumas «originalidades» e as conhecidas dificuldades dos oradores que soletram o 25 de Abril, Manuel Tito de Morais soube vincar: «A Revolução que os militares fizeram merece que a saibamos continuar». E um militar, o general António Ramalho Eanes, falando na sua qualidade de Presidente da República, teve ocasião de, com confiança, proclamar: «O Povo encontrará sempre maneira de vir à tona de História».

Nessa mesma hora, um rio humano, descia da Rotunda republicana para o Rossio evocativo do triunfo do liberalismo. Era uma das maiores manifestações populares que Lisboa viu. Era uma das mais fortes e afirmativas mensagens que o povo de Lisboa emitia para o País. Não se tratava de aplaudir sem crítica, mas de reconhecer, apesar da crítica, que existe a vontade popular de defender a Liberdade como uma conquista irreversível da Revolução de 25 de Abril.

Nenhuma auto-satisfação nos é consentida, a nós, Portugueses, perante a situação presente e os desvios do processo revolucionário de transformação da sociedade portuguesa iniciado a 25 de Abril de 1974. Mas, os democratas portugueses — os portugueses que são democratas — compreendem que, nas contradições do curso histórico, permanece um elemento essencial e que é a base de partida para a construção democrática do País de Abril: a conquista da Liberdade.

Não está o Povo contente com o caminhar da governação. Não está o Povo disposto a que se apossem do 25 de Abril os que não amam o 25 de Abril, ou querem ensinar aos que fizeram Abril como deveriam ter feito a «transição ordeira» entre fascismo e democracia. As revoluções são convulsões sociais. Não são transições políticas pacíficas, palacianas. Dos gabinetes para a rua, o «poder» sofre modificações democráticas. É na rua que o povo clama a sua vontade. É pelas ruas que o povo percorre o caminho para as urnas onde vai depositar o seu voto, afirmar que é soberano, que é ele quem mais ordena.

Depois de 25 de Abril de 1974 não é possível governar contra o Povo. Nem mesmo sem o Povo. Os que o fizerem ficarão na situação deprimente de se verem a braços com as dificuldades que se multiplicam a partir da incapacidade de mobilizarem as forças vivas do Trabalho e da Cultura para a tarefa de construir a Democracia. O jogo partidário vai-se esgotando. Os homens e as mulheres do País de Abril pedem à Democracia uma nova dimensão de militantismo e de participação cívica. Não comemoraram Abril só para dizer aos militares esquecidos, humilhados, desrespeitados: Bem hajam!

Comemoraram Abril — dando aos governantes a lição e advertência de uma espantosa mobilização popular — para que todos saibam que o Portugal de Abril está bem vivo e que o Povo tomou nas suas mãos a defesa da Liberdade conquistada. Nenhum saudosismo obscurece a consciência de que Abril é o futuro de Portugal, de que a esperança não está perdida. de que a Democracia nos pede e exije um projecto novo. Não temos que reproduzir, depois de Abril, o parlamentarismo que conduziu a Maio de 1926. Não existe ameaça antidemocrática, garantiu o Presidente da República. Todavia, a maior ameaça para a democracia é o mau, (o desprestigiado), funcionamento das instituições democráticas. É necessário corrigir o que está errado.

Nenhum homem, nenhum partido, nenhuma conspiração hábil e imaginosa, poderia ter organizado o espectáculo de ontem, na Baixa de Lisboa, de uma multidão que, com Abril, manifestou a vontade democrática de continuar Portugal independente e livre.

Na Avenida da Liberdade, na Praça D. Pedro IV, era o Povo, o Povo democrático e antifascista, que estava à tona da História.

Soltas

Otelo também falou do «25 de Abril»

Otelo Saraiva de Carvalho, fez ontem em entrevista à Rádio Comercial, a «recordação histórica» da sua acção de comandante da Revolução de 25 de Abril de 1974. Para Otelo, o «ponto alto» dos acontecimentos foi quando o general Spínola o contactou para o posto de comando da Pontinha, pedindo-lhe instruções para a transferência de poderes no Quartel do Carmo. Otelo, [illegible] te impossibilitado pela hierarquia militar de fazer declarações políticas, recordou o [illegible] no posto de comando [illegible] mo, embora nessa altura já a vitória [illegible] dou.

«Esquerda radical» fez balanço

Cidadãos da esquerda radical portuguesa comemoraram em Lisboa o 25 de Abril com um debate aberto sobre a modernização da esquerda. O debate foi orientado no sentido do «balanço dos vícios e virtudes da prática política de esquerda dos últimos dez anos» e da análise de «algumas das questões centrais que se colocam à modernização da esquerda democrática». Entre as questões abordadas incluíram-se a urgência da contraposição de «uma cultura política moderna e laica» ao «pessimismo paralisante e proteccionista em que vem caindo grande parte da esquerda tradicional», e a busca de saídas políticas e económicas.

Sargentos e praças da GNR: «É bom dizer sim a Abril»

Durante o jantar dos sargentos e praças da GNR ontem realizado em Lisboa, foi afirmado ser «bom estar nesta noite a dizer sim a Abril», acto que foi considerado de «grande significado». Um dos elementos da GNR no seu discurso disse que, «independentemente do lugar que ocupávamos em 25 de Abril de 1974, todos [illegible]

[illegible]

[illegible]

UDP: «protesto veemente» contra detenções

Quatro militantes da UDP foram ontem presos em Lisboa pela PSP durante a parada militar na Avenida da Liberdade. Os militantes presos (José Arido, Bento Correia, Carlos Cardoso e Pedro Saraiva) exibiam duas faixas com os dizeres «NATO fora de Portugal» e «Sindicato para os soldados» subscritos pela revista «Patuleia», orientada pelo major Tomé. Os presos foram conduzidos para a esquadra da Praça da Alegria. a UDP irá formular um veemente protesto pelo sucedido.

ADFA: documento sobre a descolonização

A Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA) divulgou um documento sobre a descolonização, no qual afirma que esta «impôs-se aos militares do 25 de Abril como um imponderável histórico e irreversível». O texto subordinado ao tema «25 de Abril: fim da guerra colonial descolonização», afirma que «muitos [illegible] da de 13 anos de guerra, advogando a justiça histórica da descolonização [illegible] A ADFA afirma que [illegible]

[illegible]

[illegible]

Mobutu e o 25 de Abril: simpatia do Zaire

O presidente do Zaire, Mobutu Sese Seko, afirmou ontem em Vila Real que o aniversário do 25 de Abril «é um marco importante na História do Portugal moderno». Esta data «foi uma oportunidade feliz que permitiu a Portugal integrar-se nos países democráticos da Europa» — disse à ANOP o presidente zairense, em visita particular a Trás-os-Montes, com sessenta acompanhantes. A aceitação de Portugal nas democracias europeias é um facto visto com muita simpatia e amizade que o Zaire compartilha — acrescentou. Mobutu disse que interrompeu as suas férias em Portugal para ir ao Porto cumprir o que prometera.

Queniana dá à luz a sobrevoar Lisboa

Uma passageira de um avião que sobrevoava Lisboa associou-se às comemorações do 25 de Abril de uma forma que, embora inconsciente e involuntária, foi das mais originais e simbólica: deu à luz uma menina. O avião, um jacto transcontinental da «Varig», aterrou pouco depois no Aeroporto da Portela. A passageira, a nigeriana Ogedegbe Quilom, foi internada numa maternidade, onde por certo se estranhou o facto, já (pelo menos) raro, das clientes entrarem já com o bebé ao colo.

Comemorações do décimo aniversário do 25 de Abril

Do Minho a Macau

Frases do dia nos discursos locais

Não houve cidade ou vila que não comemorasse ontem o X aniversário do 25 de Abril. A efeméride foi assinalada por festas populares, desfiles, espectáculos, provas desportivas e também por discursos alusivos ao significado da data. Discursos com passagens a merecerem destaque.

● «A revolução pôs termo ao fascismo mas permite que os fascistas continuem em liberdade» (**Manuel Pimentel**, PS-/Coimbra)

● «Por muito que alguns saudosistas desejem, não voltaremos a um passado fascista» (**Joaquim Urtigão**, APU/Viseu)

● «O 25 de Abril foi um marco histórico para o Mundo apenas com uma falha, a transformação das mentalidades (...) os preconceitos impedem as reformas estruturais no âmbito cultural, impedem que as pessoas caminhem para a frente» (**Horácio de Carvalho**, governador civil de Faro)

● «Foram anos de esperança, anos de algumas frustrações, anos que nos deram tudo ou mesmo muito daquilo que gostaríamos de ter, anos de avanços e recuos, de alegrias e tristezas, mas acima de tudo, foram anos em que não vivemos como vivêramos antes: livres! (**António Portugal**, PS/Coimbra)

● «Não se devem iludir aqueles que julgam que um regime autoritário resolveria os problemas sociais e económicos de Portugal» (**Lúcio Rodrigues**, PS/Viseu)

● «Com o 25 de Abril e em dez anos foram feitas mais coisas do que em 48 anos de fascismo» (**Abílio Fernandes**, presidente da Câmara Municipal de Evora)

● «A liberdade é um bem que parece tão natural que nos leva ao descuido, correndo o risco de ser tragada por uma qualquer onda revanchista de mal-intencionados arautos de que afinal ela não resolveu todos os problemas da nossa sociedade (...) é fundamental proporcionar aos jovens oportunidades de realização, de modo a afastar a tentação e o ludíbrio dos que permanentemente acenam com as vantagens de um regime totalitário» (**Castro Gil**, PS/Porto)

● «O 25 de Abril foi um marco importante da nossa vida em comum. É um bem inestimável e que importa preservar ciosamente» (contra-almirante **Almeida e Costa**, governador de Macau)

política de A a Z

O Povo... à tona da história

ESTES dez anos, agitados, rápidos, que nos separam do 25 de Abril de 1974, resistem a qualquer balanço crítico rigoroso, só por uma razão, uma razão suprema: porque estes dez anos são contados, na alegria e no sofrimento, no entusiasmo e no desencanto, no aplauso e no protesto, na muita esperança e no muito desesperar, a partir do Dia da Liberdade.

A tirania, velha de 48 anos, desmoronou-se nas mãos dos «capitães de Abril», à voz do povo que logo os aclamou, e na madrugada mesma da revolta militar rasgou o Dia da Liberdade. A tirania não teve defensores, nem nas Forças Armadas, nem nas legiões mercenárias. Ninguém por ela se bateu. Às vascas da sua agonia não acorreram os seus numerosos servidores. A tirania, era um gigante com pés de barro. Ruiu, e a Liberdade raiou. Virava-se, pela acção unida do povo civil e dos militares-povo, uma página da História. Portugal continuava – era, a partir de 25 de Abril de 1974, novamente, após um longo e penoso interregno, uma nação livre e democrática.

A dez anos da data histórica, é para qualquer observador lúcido evidente que o Povo compreendeu o 25 de Abril como um acto de libertação revolucionária. Só nessa compreensão poderá ser entendido o que se passou no País, o que acabamos de viver com as comemorações do 10.º Aniversário do 25 de Abril. O Povo mostrou, e mostrou de maneira incontestável, com uma consiciência esclarecida, com maturidade cívica, com uma determinação surpreendente, que sabia distinguir a «situação material», a «situação política» e a «situação moral», e que sentindo as dificuldades presentes na propria carne, não esquecia que o melhor de todos os bens é a Liberdade.

E o Povo português soube, também, dizer com voz forte que não consente que lhe tirem o 25 de Abril e o empalhem ou folclorizem. O infelicíssimo propósito de impor, com acompanhamento musical estrangeiro e numeros de circo e de arraial, uma interpretação oficial do 25 de Abril, teve a sua funambulesca conclusão, simultâneo encerramento e enterro, na triste sessão solene que se realizou na Aula Magna da Universidade de Lisboa.

Na Assembleia da Republica, descontadas algumas «originalidades» e as conhecidas dificuldades dos oradores que soletram o 25 de Abril, Manuel Tito de Morais soube vincar: «A Revolução que os militares fizeram merece que a saibamos continuar». E um militar, o general Antonio Ramalho Eanes, falando na sua qualidade de Presidente da Republica, teve ocasião de, com confiança, proclamar: «O Povo encontrará sempre maneira de vir à tona de História».

Nessa mesma hora, um rio humano, descia da Rotunda republicana para o Rossio evocativo do triunfo do liberalismo. Era uma das maiores manifestações populares que Lisboa viu. Era uma das mais fortes e afirmativas mensagens que o povo de Lisboa emitia para o País. Não se tratava de aplaudir sem crítica, mas de reconhecer, apesar da crítica, que existe a vontade popular de defender a Liberdade como uma conquista irreversível da Revolução de 25 de Abril.

Nenhuma auto-satisfação nos é consentida, a nós, Portugueses, perante a situação presente e os desvios do processo revolucionário de transformação da sociedade portuguesa iniciado a 25 de Abril de 1974. Mas, os democratas portugueses — os portugueses que são democratas — compreendem que, nas contradições do curso histórico, permanece um elemento essencial e que é a base de partida para a construção democrática do País de Abril: a conquista da Liberdade.

Não está o Povo contente com o caminhar da governação. Não está o Povo disposto a que se apossem do 25 de Abril os que não amam o 25 de Abril, ou querem ensinar aos que fizeram Abril como deveriam ter feito a «transição ordeira» entre fascismo e democracia. As revoluções são convulsões sociais. Não são transições políticas pacíficas, palacianas. Dos gabinetes para a rua, o «poder» sofre modificações democráticas. É na rua que o povo clama a sua vontade. É pelas ruas que o povo percorre o caminho para as urnas onde vai depositar o seu voto, afirmar que é soberano, que é ele quem mais ordena.

Depois de 25 de Abril de 1974 não é possível governar contra o Povo. Nem mesmo sem o Povo. Os que o fizerem ficarão na situação deprimente de se verem a braços com as dificuldades que se multiplicam a partir da incapacidade de mobilizarem as forças vivas do Trabalho e da Cultura para a tarefa de construir a Democracia. O jogo partidário vai-se esgotando. Os homens e as mulheres do País de Abril pedem à Democracia uma nova dimensão de militantismo e de participação cívica. Não comemoraram Abril só para dizer aos militares esquecidos, humilhados, desrespeitados: Bem hajam!

Comemoraram Abril — dando aos governantes a lição e advertência de uma espantosa mobilização popular — para que todos saibam que o Portugal de Abril está bem vivo e que o Povo tomou nas suas mãos a defesa da Liberdade conquistada. Nenhum saudosismo obscurece a consciência de que Abril e o futuro de Portugal, de que a esperança não está perdida, de que a Democracia nos pede e exije um projecto novo. Não temos que reproduzir, depois de Abril, o parlamentarismo que conduziu a Maio de 1926. Não existe ameaça antidemocrática, garantiu o Presidente da República. Todavia, a maior ameaça para a democracia é o mau, (o desprestigiado), funcionamento das instituições democráticas. É necessário corrigir o que esta errado.

Nenhum homem, nenhum partido, nenhuma conspiração hábil e imaginosa, poderia ter organizado o espectáculo de ontem, na Baixa de Lisboa, de uma multidão que, com Abril, manifestou a vontade democrática de continuar Portugal independente e livre.

Na Avenida da Liberdade, na Praça D. Pedro IV, era o Povo, o Povo democrático e antifascista, que estava à tona da História.

Soltas

Otelo também falou do «25 de Abril»

Otelo Saraiva de Carvalho, fez ontem em entrevista à Rádio Comercial, a «recordação histórica» da sua acção de comando na Revolução de 25 de Abril de 1974. Para Otelo, o «ponto alto» dos acontecimentos foi quando o general Spínola o contactou para o posto de comando da Pontinha, pedindo-lhe instruções para a transferência de poderes no Quartel do Carmo. Otelo, actualmente impossibilitado pela hierarquia militar de fazer declarações políticas, recordou o «estado de euforia muito grande» que se viveu no posto de comando, enquanto os diversos objectivos da operação iam sendo tomados. «O clímax foi a queda do Quartel do Carmo, embora nessa altura já a vitória estivesse definida» — recordou.

«Esquerda radical» fez balanço

Cidadãos da esquerda radical portuguesa comemoraram em Lisboa o 25 de Abril com um debate aberto sobre a modernização da esquerda. O debate foi orientado no sentido do «balanço dos vícios e virtudes da prática política de esquerda dos últimos dez anos» e da análise de «algumas das questões centrais que se colocam à modernização da esquerda democrática». Entre as questões abordadas incluiram-se a urgência da contraposição de «uma cultura política moderna e laica» ao «pessimismo paralisante e proteccionista em que vem caindo grande parte da esquerda tradicional», e a busca de saídas políticas e económicas.

Sargentos e praças da GNR: «É bom dizer sim a Abril»

Durante o jantar dos sargentos e praças da GNR ontem realizado em Lisboa, foi afirmado ser «bom estar nesta noite a dizer sim a Abril», acto que foi considerado de «grande significado». Um dos elementos da GNR no seu discurso disse que, «independentemente do lugar que ocupávamos em 25 de Abril de 1974, todos reconhecemos que a revolução trouxe o fim da guerra colonial, trouxe a liberdade para o povo português, e, se não beneficiámos directamente e em toda a sua extensão dessa liberdade (os nossos estatutos e regulamentos não no-lo permitem), não deixamos de reconhecer que é bom viver em liberdade, é bom poder-se ter uma opinião sem medo da polícia política nos prender e torturar, que era o que acontecia como sabemos, antes do 25 de Abril».

PR: apreço a Palma Carlos e Henrique de Barros

Ramalho Eanes manifestou a Adelino Palma Carlos e Henrique de Barros o seu reconhecimento pelo contributo de ambos «no sentido de trazer a liberdade a Portugal». No decímo aniversário do 25 de Abril de 1974, o Presidente da República entendeu expressar a Adelino da Palma Carlos, ex-primeiro-ministro do 1.º Governo Provisório e a Henrique de Barros, que foi presidente da Assembleia Constituinte, «o seu reconhecimento pelo contributo de ambos no sentido de trazer a liberdade a Portugal e de serem respeitadas as liberdades cívicas conquistadas».

UDP: «protesto veemente» contra detenções

Quatro militantes da UDP foram ontem presos em Lisboa pela PSP durante a parada militar na Avenida da Liberdade. Os militantes presos (José Aredo, Bento Correia, Carlos Cardoso e Pedro Saraiva) exibiam duas faixas com os dizeres «NATO fora de Portugal» e «Sindicato para os soldados» subscritos pela revista «Patuleia», orientada pelo major Tomé. Os presos foram conduzidos para a esquadra da Praça da Alegria, a UDP irá formular um «veemente protesto pelo sucedido.

ADFA: documento sobre a descolonização

A Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA) divulgou um documento sobre a descolonização, no qual afirma que esta «impôs-se aos militares do 25 de Abril como um imponderável histórico e irreversível». O texto subordinado ao tema «25 de Abril: fim da guerra colonial descolonização», afirma que «muitos serão aqueles que por insuficiência de informação sobre a realidade de 13 anos de guerra, advogarão a justeza histórica da descolonização, desejando, todavia, outra dinâmica para a mesma». A ADFA adianta que «não se poderá repensar a descolonização sem penetrar profundamente na sua razão principal — a colonização».

Cor. Vilhena: «amor à democracia»

O coronel Vilhena, velho resistente antifascista que se integrou na manifestação promovida pela Associação 25 de Abril, disse à ANOP que sentiu um «prazer imenso» com esta jornada. «Verifiquei que o povo de Lisboa compreendeu o 25 de Abril» — disse aquele que muitos continuam a tratar de «capitão Vilhena» e que, como o recordou Salgado Zenha, ficava sempre nas «honrosas excepções» às amnistias proclamadas por Salazar.

Sobre a jornada realizada entre o Marquês de Pombal e o Rossio, o coronel Vilhena comentou que a considerava uma «manifestação de amor à democracia, à Pátria e à República».

Mobutu e o 25 de Abril: simpatia do Zaire

O presidente do Zaire, Mobutu Sese Seko, afirmou ontem em Vila Real que o aniversário do 25 de Abril «é um marco importante na História do Portugal moderno». Esta data «foi uma oportunidade feliz que permitiu a Portugal integrar-se nos países democráticos da Europa» — disse à ANOP o presidente zairense, em visita particular a Trás-os-Montes, com sessenta acompanhantes. A aceitação de Portugal nas democracias europeias é um facto visto com muita simpatia e amizade que o Zaire compartilha — acrescentou. Mobutu disse que interrompeu as suas férias em Portugal para ir ao Porto cumprir o que prometera.

Queniana dá à luz a sobrevoar Lisboa

Uma passageira de um avião que sobrevoava Lisboa associou-se às comemorações do 25 de Abril de uma forma que, embora inconsciente e involuntária, foi sem dúvida original e simbólica: deu à luz uma menina. O avião, um jacto transcontinental da «Varig», aterrou pouco depois no Aeroporto da Portela. A passageira, a nigeriana Ogedegbe Ojukwn, foi internada numa maternidade, onde por certo se estanhou o facto, ali (pelo menos) raro, das clientes entrarem já com o bebé ao colo.

Comemorações do décimo aniversário do 25 de Abril

Spínola na Aula Magna:

"Liberdade é a conquista irreversível da Revolução"

«O 25 de Abril devolveu ao povo português um bem inestimável e sem o qual a vida não tem significado – a liberdade» afirmou ontem à noite o marechal António de Spínola, último orador da sessão solene comemorativa do décimo aniversário do 25 de Abril que decorreu na Aula Magna da Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa. A sessão encerrou o programa das comemorações oficiais e nela intervieram ainda Francisco Sousa Tavares e Jean Daniel, jornalista do «Le Nouvel Observateur». Na sala, as clareiras vazias eram maiores que os espaços ocupados pelo público.

Para o marechal Spínola, a liberdade «é e será a grande conquista irreversível da revolução, porque corresponde aos sentimentos mais profundos do povo português». «O povo, já no uso da liberdade, não permitiu novas ditaduras nem novas opressões» acrescentou o ex-Presidente da República, que frisou: o 25 de Abril «permitiu dar início ao grande projecto nacional que é a construção de uma democracia económica, social, politica e cultural» e por isso «mais do que um facto histórico», o 25 de Abril, «na sua pureza, é um desafio à capacidade intelectual e criativa dos portugueses, é uma aposta numa nova consciência nacional».

Na sua intervenção, Spínola recordou o programa do MFA, afirmando que «ele continha sem reservas os grandes princípios da organização do Estado democrático baseados na dignidade humana, na vontade popular, no pluralismo da expressão, no exercício do poder político através do sufrágio universal, e na unidade e indivisabilidade da soberania nacional».

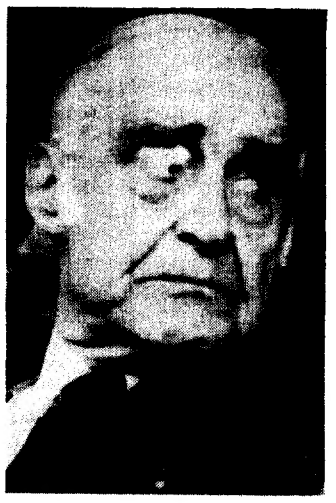
Referindo-se à situação actual, a de «um pais em crise», Spínola advertiu para o facto de «a liberdade sem trabalho e sem justiça correr sempre perigo». Segundo ele, chegámos agora a «uma encruzilhada da história» e acrescentou: «O nosso espaço geográfico é o da Europa, o nosso caminho é o da democracia, os nossos valores e as nossas aspirações identificam-se com o mundo ocidental, a nossa individualidade permite-nos um relacionamento ímpar com outros povos, o nosso humanismo aproxima-nos sem complexos dos países de expressão portuguesa».

António de Spínola falou ainda sobre a descolonização que considerou de «inevitável» e assumiu-a como «um imperativo nacional». No entanto, salientou, «processou-se sem glória e sem orgulho».

«No limiar da fome»

Sousa Tavares declarou, por seu lado, que o 10.º aniversário do 25 de Abril surge numa hora em que «grande parte do povo português se encontra descrente no destino e no limiar da fome», tendo sublinhado que «é real a baixa do nível de vida para a maior parte da população de rendimentos fixos, ou seja para os empregados por conta de outrém».

O orador defendeu a «necessidade de alteração da filosofia e da estrutura da lei eleitoral». Esse seria, em seu entender, um «primeiro passo no sentido de maior genuinidade da representação nacional, de maior intervenção do povo na vida política, e de limitação dos poderes concentrados nas direcções dos partidos». A concluir, Sousa Tavares disse recusar «a revolta fácil» e a «promessa dos paraísos ilusórios» daqueles que «hoje gritaram nas ruas de Lisboa que a liberdade de Abril é a deles e não a nossa».



Em nome do Presidente da República

O jornalista francês Jean Daniel que a seguir usou da palavra, evocou outros processos revolucionários, a descolonização da Argélia e diferentes postulados teóricos para enquadrar o problema nuclear da sua intervenção: «Saber se o 25 de Abril foi uma revolução popular ou uma revolução de palácio».

Não houve ministros que chegassem

Não houve ministros, secretários de Estado, embaixadores, deputados, polícias que chegassem.

Tal como acontecera na véspera no Coliseu dos Recreios, durante a tarde no Pavilhão dos Desportos e um pouco por toda a parte para onde a maciça propaganda governamental procurou arrastar o público, a Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa encontrava-se ontem à noite menos de meia.

Entre a escassa assistência contavam-se pelos dedos aqueles que lá estavam por razões outras que não fossem as funções que ocupam.

Militares de Abril, «moderados» ou «radicais», nem um!

Figuras conhecidas da resistência antifascista havia Manuel Alegre, Raul Rego, João Cravinho e pouco mais...

Na tribuna, para lá da presença caricata de Jean Daniel Super-Star – a pálida figura de cartaz que a Comissão oficial conseguiu arregimentar –, um bispo, um ministro chamado Seabra, um marechal de monóculo, um primeiro-ministro chamado Soares, Coimbra Martins, Almeida Santos e um homem que no dia 25 de Abril de 1974, à sombra dos militares, se encarrapitou algures no Largo do Carmo e arengou às massas, de megafone em punho.

Ontem, sozinho, Sousa Tavares confessou que tinha recebido na véspera um cartão de um capitão de Abril a declinar o convite que lhe dirigira para a sessão. Criticou venenosamente a ausência de todos eles e foi ao ponto de os questionar, por interpostas câmaras de televisão.

Mais do que isso, e revelando todo o despeito e o isolamento que sentia mais a sua comissão, não hesitou em insultar as centenas de milhares de pessoas que desfilaram na Avenida com os militares de Abril.

O pretexto: uma dúvida que o esmagava. Sousa Tavares não sabia se os capitães de Abril e aqueles que com eles desfilaram estavam de acordo com quem nos quis calar a voz e tirar a liberdade...

Para ele a resposta era naturalmente positiva: os que nos devolveram a voz e a liberdade estavam todos na Aula Magna.

J.A.C.

A. M. ALMEIDA - Veículos e Peças, Lda.
Av. da Liberdade, 11 · 1200 LISBOA · Telef. 32 03 19
R. Gonçalo Cristóvão, 90 · 4000 PORTO · Telef. 251 87

UNIGUIA - Comércio de Automóveis, Lda.
Av. Guerra Junqueiro, 16 A/B · 1000 LISBOA · Telef. 88 50 66/7

NOTARIADO PORTUGUÊS

DÉCIMO TERCEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
A CARGO DO NOTÁRIO
DR. ORLANDO RODRIGUES BENTO PEREIRA

CERTIFICO PARA EFEITOS DE PUBLICAÇÃO

Que neste Cartório e no dia cinco de Abril de mil novecentos e oitenta e quatro, de folhas noventa verso a folhas noventa e três do livro de notas para escrituras diversas número Cento e treze-E, foi constituída entre JOAQUIM JOÃO MACHADO e ANTÓNIO DOMINGOS LEITÃO HERMENEGILDO, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que adoptou a denominação «CENTRO CLÍNICO IDEAL DOS BONS DIAS, LIMITADA», e, ficou a ser redigida pelos artigos constantes da fotocópia anexa, que, com esta se compõe de Cinco folhas e vai conforme com o original.

Lisboa, seis de Abril de mil novecentos e oitenta e quatro.

O Ajudante,
(ass. ilegível)

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação CENTRO CLÍNICO IDEAL DOS BONS DIAS, LIMITADA, fica com a sua sede e domicílio em Ramada, freguesia de Odivelas, concelho de Loures, na Rua Palmira Bastos, número vinte e cinco, rés-do-chão, esquerdo.

SEGUNDO

A sua duração é por tempo indeterminado e o seu início conta-se a partir de hoje.

TERCEIRO

O seu objecto é o exercício da actividade de clínica médica, analista e enfermagem.

QUARTO

O capital social é de CINQUENTA MIL ESCUDOS, integralmente realizado em dinheiro e correspondente à soma das seguintes quotas: – uma de quarenta e cinco mil escudos pertencente ao sócio JOAQUIM JOÃO MACHADO, e, outra de cinco mil escudos pertencente ao sócio Dr. ANTÓNIO DOMINGOS LEITÃO HERMENEGILDO.

PARÁGRAFO ÚNICO

Qualquer sócio poderá fazer à sociedade suprimentos, quando ela deles necessite, com ou sem juros, conforme for resolvido entre eles.

QUINTO

A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livremente permitida entre os sócios. A cessão a estranhos necessita do consentimento prévio da sociedade, prestado em Assembleia Geral ou na própria cessão, consentimento este que no entanto é plenamente dispensado quando se trate de cessão de quotas a herdeiros de sócios.

SEXTO

Ambos os sócios ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for resolvido em Assembleia Geral, competindo-lhes representar a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente; todavia a representação em juízo e fora dele, pode ser feita única e exclusivamente pelo sócio gerente JOAQUIM JOÃO MACHADO, o qual fica desde já com os mais amplos e ilimitados poderes de gerência e de alienação, oneração e venda dos bens sociais, tanto móveis como imóveis, e os de confessar a sociedade devedora de quaisquer importâncias, e, ainda de trespassar e sublocar, total ou parcialmente, locais ocupados pela sociedade, o que tudo poderá praticar por si só ou por meio de procurador que constitua ainda que estranho à sociedade.

SÉTIMO

Para a sociedade ficar, pois, devidamente obrigada em todos os seus actos e contratos, é sempre necessária mas suficiente, a assinatura do mesmo sócio JOAQUIM JOÃO MACHADO, o qual, por si só, poderá também constituir mandatários em nome da própria sociedade.

PARÁGRAFO ÚNICO

Fica, no entanto, desde já designado e nomeado o sócio gerente Sr. Dr. ANTÓNIO DOMINGOS LEITÃO HERMEGILDO para, por si só e em nome da sociedade, outorgar e assinar, pelo prazo, renda, objecto e demais cláusulas, condições e obrigações que entender por mais convenientes, a escritura do arrendamento comercial do local onde a sociedade vai ter a sua sede e domicílio.

OITAVO

As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, enviadas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias, salvo os casos em que a lei prescreva forma especial.

NONO

A sociedade só se dissolverá nos casos legais, e, em caso de morte ou interdição de qualquer dos sócios, os seus herdeiros ou representantes continuarão na sociedade e escolherão um de entre todos que nela os represente, enquanto a quota se achar indivisa.

DÉCIMO

Os balanços serão anuais e encerrados em trinta e um de Dezembro, e, os lucros líquidos apurados, depois de deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas.

NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS
As Florestas são uma riqueza nacional.
Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.

Comemorações do décimo aniversário do 25 de Abril

Desfile na Avenida da Liberdade

Impressionante manifestação de confiança

Uma mobilização popular popular que testemunha pujança do 25 de Abril

Dez anos depois, e apesar de uma poderosa máquina governamental montada com o objectivo de reduzir as comemorações do 25 de Abril a uma formalidade oficial controlada, despida do mínimo rigor histórico, filtrada de qualquer conteúdo popular, o povo português deu uma resposta fulminante aos detractores de Abril. Enquanto as «comemorações» do Governo ficaram às moscas e mereceram a indiferença da população, as comemorações de Abril, organizadas por uma comissão de democratas de diversos quadrantes políticos, e a que a Associação 25 de Abril deu o seu apoio, revestiram-se de uma grandiosidade que ultrapassou todas as previsões.

O desfile de ontem desde a Praça Marquês do Pombal ao Rossio, e o comício que se lhe seguiu, foram as maiores manifestações de massas de todas quantas ao longo destes dez anos se organizaram para comemorar o 25 de Abril.

E isto apesar dos boicotes da Câmara Municipal de Lisboa, das dificuldades de toda a ordem encontradas pelos organizadores, do silêncio quase total dos meios de comunicação social estatizados, com particular relevo para a Televisão, e apesar de um programa governamental estudado de forma a ocupar os principais espaços da cidade, a fazer coincidir as horas.

Resultado final: a população de Lisboa rejeitou totalmente as «comemorações» do Governo, que excluíram os capitães de Abril, e homenageou-os à sua maneira.

Houve apenas uma excepção que foi a parada militar. Mas aí tratava-se das Forças, que são mandadas pelo Governo mas não são do Governo, e foram os grandes protagonistas do 25 de Abril.

É certo que foi uma parada com algo de insólito: o 25 de Abril a desfilar perante uma tribuna onde abundavam personagens do 24 de Abril e outras que actualmente não honram o passado antifascista de que se reclamam.

O povo na Tribuna

O desfile das comemorações populares do 25 de Abril iniciou-se às 15 horas na Praça Marquês do Pombal, mas nessa altura já a Avenida da Liberdade era uma massa contínua de gente que se estendia até ao Rossio.

À frente vinha um carro alegórico, representando um blindado com um grupo de crianças. Numa faixa verde-rubra podia ler-se: «Com o povo Abril vencerá».

À cabeça do desfile viam-se diversos militares de Abril, entre eles Vasco Lourenço, Vítor Alves, Pezarat Correia, Carlos Fabião, Sanches Osório, Martins Guerreiro, Vítor Crespo e outros.

Ao longo do percurso foram constantemente ovacionados, em aclamações que eram dirigidas a todos aqueles que fizeram o 25 de Abril, ao MFA, que afinal continua a ser um símbolo que dez anos de calúnias e de desinformação oficial não conseguiram apagar.

Seguiam-se as numerosas personalidades da comissão organizadora: Lurdes Pintasilgo, Medeiros Ferreira, Salgado Zenha, Carlos Costa, Piteira Santos, Padre Luís França, major Mário Tomé, António Galhordas, Gualter Basílio, Tomás Leiria Pinto, Teresa barata Salgueiro, José Casanova, Mário Dionísio, Rui Grácio, Cunha Leal, etc.

Quando a manifestação passou junto às tribunas que haviam sido construidas para as entidades oficiais assistirem à parada militar, estas estavam apinhadas de gente. Alguém comentou: «Estas é que são as verdadeiras entidades oficiais». Houve mais comentários semelhantes, muitas ovações, e a «manif» lá seguiu cada vez já com maior dificuldade na sua progressão devido à multidão compacta que ocupava a Avenida da Liberdade.

Quando a cabeça da manifestaão atingiu a entrada dos Restauradores já o Rossio estava completamente cheio. De tal modo que, a certa altura houve que fazer uma derivação pela Rua 1.º de Dezembro para entrar pelo lado sul daquela vasta praça, porque o lado Norte estava completamente bloqueado por uma multidão compacta.

Gente de todos os estratos e muita juventude

É incalculável o número de pessoas que estiveram no desfile popular do 25 de Abril. O que se pode dizer é que a certa altura o Rossio estava cheio, estavam cheios os Restauradores e a Avenida da Liberdade, até ao Marquês de Pombal. E era uma multidão densamente comprimida.

Mas o dado mais significativo desta manifestação foi o seu carácter largamente unitário e popular, bem como a variedade de estratos sociais representados.

O sentido mais imediato destas comemorações é que, ao contrário de uma evocação revivalista, como certos sectores pretendem, elas foram um claro rompimento com o passado e marcam o regresso aos caminhos de Abril de muitos que, surpreendidos em 1974 e nos anos posteriores por mudanças para as quais não estavam preparados, acabaram por formar os seus próprios juízos de valor e, depois de uma paragem, seguiram em frente.

Outra nota surpreendente, e não menos importante e significativa, foi a presença maciça da juventude, não só no desfile como nos vários actos comemorativos.

Todavia, no desfile, essa presença atingiu significado especial. Os jovens constituiram uma percentagem muito importante dos manifestantes.

Apareceram de toda a maneira. Organizados através de estruturas suas, de associações culturais e desportivas, desorganizados, sozinhos, em grupos de amigos.

Várias leituras podem ser feitas destas comemorações. Preferindo socorrer-nos do símbolo de Abril, diremos que os cravos vermelhos resistiram àqueles que os espezinharam aproveitando uma conjuntura em que infelizmente se deram as divisões inevitáveis num processo tão complexo como foi a Revolução portuguesa, rejuvenesceram e multiplicam-se por toda a parte.

Os dez anos do 25 de Abril vão marcar uma aceleração na busca de alternativas democráticas para o impasse da situação portuguesa. E será um povo, agora mais maduro, mais experiente e com uma consciência ganha à custa de vitórias e derrotas, de erros e fracassos, quem vai ditar essa alternativa.

Augusto Vilela

Polícia no Rossio

Corpo de Intervenção diz que foi erro

O insólito também esteve ontem no Rossio, durante as comemorações populares do 25 de Abril.

Eram 17.20 h. A vasta praça estava repleta, bem como as ruas adjacentes. Muito entusiasmo é certo mas toda a rdem habitual nas manifestações promovidas por forças democráticas.

António Galhordas, dirigente do MDP/CDE usava da palavra. De repente, do lado Sul, irrompem pelo Rossio quatro camionetas da Polícia de Intervenção, rompendo entre a multidão.

O objectivo da presença daquele corpo policial naquele local, àquela hora, naquela situação,não era perceptível e o público reagiu vigorosamente. Não houve confrontos físicos mas não houve também intimidação.

O tenente-coronel Vítor Alves e o brigadeiro Pezart Correia, que se encontravam presentes próximo do local tomaram a iniciativa de indagar junto do comandante da força sobre o que estava a passar-se e depois de alguns conseguiram acalmar as pessoas.

O comissário comandante teria esclarecido que se tratou de um erro de itinerário.

Perante o sucedido, numa primeira fase todas as interpretações são possíveis. O facto é que, deliberadamente ou não, a Polícia de Intervenção tinha criado no Rossio um cenário que sugeria os métodos repressivos do passado às manifestações populares.

Esta manhã, em contacto com o Corpo de Intervenção da PSP, na ausência do comandante, tenente-coronel Monge, foi-nos garantido pelo comissário Pimenta que não «houve intenção de chocar com a manifestação».

«Foi um erro de itinerário. Dirigiamo-nos para um local e contra a vontade do comandante da força, que desconhecia a existência da manifestação, encontrá-mo-nos ali. A força ficou aborrecida por não ter sido informada e tentou depois inflectir

"Em política tudo se perdoa excepto a hipocrisia e a traição à Liberdade..."

Quiseram que não nos juntassemos aqui; surripiaram-nos o palco; apearam as nossas faixas; pretenderam manipular o significado patriótico desta manifestação; quiseram mesmo silenciá-la... Mas como está à vista perderam em toda a linha...

Lembrou a iniciar a sua intervenção ontem no Rossio, o jornalista João Paulo de Oliveira. Com efeito, apesar de todas manobras, ameaças, ou silêncios, a multidão que ontem desfilou,em Lisboa foi uma rara, empolgante e conclusiva resposta às – disse Carlos Costa – «contracomemorações oficiais do 25 de Abril».

Impressionado pela «extraordinária multidão» que se comprimia no Rossio e transbordava pelas ruas laterais, o prof. Henrique de Barros – que presidiu ao comício disse, entretanto que o desfile-concentração popular não era «contra ninguém», mas apenas contra «os inimigos da democracia».

«Outros se não estão cá e foi porque não quiseram. Ninguém os impediu» salientou ainda, ao assinalar o profundo significado de «unidade democrática» dos que ali se juntaram, representando diferentes áreas políticas.

«A semente»

Medeiros Ferreira, independente, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo PS e um dos fundadores, em 1973, deste partido, foi, de facto, o primeiro orador. Saudou os capitães de Abril, mas não esqueceu os milhares de anónimos combatentes que durante os largos anos, foram – frisou – «a semente fecunda da qual brotou o 25 de Abril».

E num «recado» (claramente entendido e saudado pela multidão) cujo alvo estaciona, de momento, em S. Bento, o orador disse: **al daquele democrata que preferir aliar-se a forças não comprometidas com o derrube da ditadura para construir a democracia em Portugal.**

«VII e sacripanta»

De improviso, muito emocionado, **Cunha Leal** (ASDI) denunciou igualmente as tentativas, quer da Câmara de Lisboa, quer dos responsáveis pelas comemorações oficiais, de boicote ao desfile-comício popular. «Homem vII» e «sacripanta», assim classificou Cunhal Leal a personalidade (Sousa Tavares) escolhida por Mário Soares para dirigir as comemorações oficiais.

A unidade que aqui nos juntou terá de ser o ponto de partida para o futuro, um futuro, um futuro que não deixaremos escapar» – começou por gritar **Mário Tomé** (UDP). Criticou, depois as comemorações oficiais que – disse – «não passam de um ataque à luta do Povo, um atentado ao 25 de Abril e ao seu significado, uma provocação a todos os sacrifícios e sangue derramado.»

E sobre Spínola, designado como presidente de honra dessas comemorações, lembrou ser «um homem que esteve sempre pronto a liquidar as conquistas do Povo, ex-nazi, anticomunista e bombista».

«Deste lado – acrescentou –, está o Povo, o poder transformador, o futuro. Do outro lado as bandas, os pára-quedistas e os aviões da NATO» e os que nos trouxeram «o FMI, que impõe a fome, o desemprego e a repressão através dos lacaios para todo o serviço».

João Paulo de Oliveira (UEDS) visou igualmente o presidente da Câmara de Lisboa e Sousa Tavares, pelos seus esforços de boicote à manifestação, e criticou o silêncio da RTP e de alguma Rádio. Referiu a grave crise económica, os seus reflexos sociais, nomeadamente o desânimo e as dúvidas na população. **Mas a culpa desta situação – recordou – não é de Abril; a culpa é dos desvios, das vacilações, dos erros, das conciliações com os que querem fechar as portas que Abril abriu.**

«Estamos aqui – disse ainda – para que as forças reaccionárias saibam que do mesmo modo como hoje nos reunimos para celebrar a reconquista da Liberdade nos ergueremos onde e quando for preciso para defender a Liberdade contra os mal-cheirosos coristas do passado que procuram explorar as dificuldades do presente na tentativa criminosa de novamente nos roubarem a cidadania, de novamente nos calarem, de novamente nos escravizarem.»

António Galhordas (MDP), acentuou que «nestes tempos de alguma confusão e de muita mistificação, neste décimo aniversário, se deve afirmar que o regime que o povo português projectou em 25 de Abril de 1974, não pode ser confundido com qualquer tipo de primavera marcelista».

Carlos Costa (PCP), saudou o papel decisivo dos homens do MFA no derrube da ditadura mas lembrou, tal como outros oradores «as pequenas e grandes lutas, travadas ao longo de dezenas de anos, com persistência, tenacidade e coragem por operários e camponeses, empregados e intelectuais, jovens trabalhadores e estudantes, por democratas e antifascistas de variadas tendências» sem esquecer a importância das lutas dos movimentos de libertação das ex-colónias «que muito contribuíram para a crise do regime fascista».

Depois de sublinhar estas «raízes do 25 de Abril», Carlos Costa apontou algumas ilações do caminho percorrido após a vitória designadamente o papel do movimento popular, a interdependência da defesa da Democracia com a das conquistas revolucionárias (Nacionalizações e Reforma Agrária) e, finalmente a de que a «desastrosa situação económica e social que o País atravessa resulta, não da Revolução de Abril, como alguns pretendem, mas sim, principalmente, das ofensivas contra as conquistas de Abril que sucessivos Governos têm desencadeado a pretexto de combater a crise».

Defendeu, por fim uma nova política, com um Governo «assente na convergência, na unidade, na acção das forças e dos democratas e patriotas fiéis à Revolução de Abril».

Também de improviso, **Salgado Zenha** (PS), recebido aos gritos de «unidade, unidade», considerou «horrível» (visando Soares) ouvir pessoas dizerem que estão no poder porque não há alternativas.

«Sem alternativas não há democracia» — disse, para assinalar que a jornada do Marquês ao Rossio demonstrou que o Povo de Lisboa «não aceita que as comemorações do 25 de Abril possam ser embalsamadas».

Pediu uma saudação especial para os militares de Abril, muitos deles «perseguidos, amesquinhados e humilhados por homens que antes os bajularam».

E a propósito disse que **em política quase tudo se pode perdoar, excepto a hipocrisia e a traição à Liberdade.**

Carlos Fabião encerrou o comício. Simples, comovido, contou como o MFA e o Povo Português mudaram o curso da História em Portugal. Assinalou as principais transformações, a Liberdade e a Paz para os povos africanos e saudou especialmente o povo mártir de Timor-Leste.

Fez ainda uma reflexão sobre os dez anos que passaram, sobre os objectivos da Associação 25 de Abril que — disse — «jamais renunciará a estar presente na afirmação dos valores e dos ideais de Abril».

Comemorações do décimo aniversário do 25 de Abril

Convívio no Clube Militar Naval

Algumas centenas de militares e civis reuniram-se na noite de 24 para 25 de Abril num convívio, que é já tradição, promovido pela direcção do Clube Militar Naval.

Na ocasião, o comandante Martins Guerreiro fez uma breve alocução na qual salientou o carácter eminentemente «patriótico e nacional» da Revolução de Abril. Para aquele oficial da Armada, ex-membro do Conselho da Revolução, «há quem pense que pode reduzir o significado desta data histórica anulando alguns dos homens que fizeram o 25 de Abril». Tais tentativas, no entanto, partem de quem faz «uma análise superficial» da Revolução merecendo, portanto, o epíteto de «pigmeus da História».

Martins Guerreiro foi peremptório em considerar que a maioria dos militares foi, na sua acção libertadora, «impelida por um imperativo de ordem ética». Depois de reafirmar que esse espírito «ainda hoje perdura», aquele oficial lamentou as «interpretações distorcidas das nossas actuações e das nossas palavras».

«O 25 de Abril foi feito sem modelos e sem conselheiros estrangeiros» daí o seu significado «profundamente nacional» razão pela qual o povo português o «assimilou».

Num voto de esperança, Martins Guerreiro terminou dizendo que «o 25 de Abril é de todos os dias e, por isso, há-de continuar a realizar-se».

Seguidamente foi ouvida a gravação da emissão radiofónica que, há dez anos, constituiu a senha para o arranque da acção militar que havia de derrubar a ditadura e libertar o povo português. Primeiro «E Depois do Adeus», de Paulo de Carvalho depois, a «Grândola Vila Morena», de Zeca Afonso. Os presentes juntaram-se-lhe em coro. O início, afinal, de um convívio que se prolongou pela madrugada fora.

Cultura e Finanças instituem prémios literários

O Ministério da Cultura e das Finanças anunciaram, por ocasião do décimo aniversário do 25 de Abril, a instituição de três prémios no valor de 1000, 500 e 250 contos para obras históricas inéditas sobre o período da ditadura fascista (1926-1974). Os originais, a entregar no Ministério da Cultura até 25 de Março de 1985, deverão versar um dos dois temas seguintes: «História da Oposição à ditadura» (1926-1974) ou «História do declínio e ruína da ditadura».

O trabalhos serão apreciados por um júri, a nomear pelo Ministério da Cultura, qual poderá protelar por mais um ano a atribuição dos prémios, se entender que nenhum dos trabalhos entregues até 1985 os mereça. O júri poderá ainda encerrar o concurso sem atribuir um dos prémios ou nenhum deles. Os prémios serão atribuídos em sessão solene no dia 25 de Abril de 1985 ou 1986. A obra classificada em primeiro lugar será editada pelo Instituto Português do Livro.

Sindicatos saúdam Revolução

«O 25 de Abril é a democratização da vida portuguesa, a consagração dos direitos e garantias populares, o direito ao trabalho, à habitação, à saúde, ao ensino, a uma vida melhor», considera a CGTP num manifesto de saudação ao 25 de Abril.

Para a Intersindical, «as realizações populares que por todo o País tiveram lugar, as suas inúmeras e criadoras iniciativas são a expressão fiel da vontade popular que determinou, também em 74, o rumo progressista e verdadeiramente democrático do levantamento popular do 25 de Abril».

A política governamental consubstanciada nos «ataques à Constituição, a secessão económica, a deterioração das condições de vida das massas populares, a submissão ao imperialismo, o desemprego e os despedimentos e os salários em atraso» são, considera a central sindical, «a negação do 25 de Abril».

Com as cerimónias oficiais «marcadas pelo estilo do antigamente» procurou esconder-se «a condenação popular desta política», prossegue o documento.

Finalmente, a CGTP considera que, «tal como em 74, o 25 de Abril e o 1.º de Maio assinalaram o sentido libertador, democrático e patriótico da revolução, também, 10 anos depois, estas comemorações traduzem a vontade inquebrantável de renovar Abril».

Sindicato dos Jornalistas

Também o Sindicato dos Jornalistas emitiu um comunicado a propósito da passagem do décimo aniversário da Revolução de Abril no qual sauda não só «todos os militares que participaram na acção libertadora do 25 de Abril» mas também todos os «patriotas e democratas, civis e militares, que pela sua obstinada recusa da ditadura mantiveram vivos os ideais de democracia e liberdade».

Também o movimento estudantil e o movimento sindical são especialmente saudados pelo Sindicato dos Jornalistas pois que «com a sua acção contestatária e reivindicativa, contribuiram decisivamente para um clima insurreccional que culminou na jornada histórica de 25 de Abril de 1974».

Depois de assinalar «como particularmente gratas» para os profissionais da Informação a reconquista das liberdades, sobretudo da liberdade de Imprensa e o desaparecimento da censura, o Sindicato dos Jornalistas «reafirma o seu propósito firme de prosseguir na defesa intransigente das liberdades e dos direitos dos trabalhadores tão duramente conquistados».

De facto, a baixa do Porto «não foi de Cal Brandão»

Na Baixa do Porto:

"A Praça é do Povo, não é de Cal Brandão"

«A praça é do povo não é do Cal Brandão», gritou uma imensa multidão que povoou a Praça da Liberdade, Avenida dos Aliados e Praça do General Humberto Delgado na noite de anteontem, para festejar em liberdade e com alegria o 10.º aniversário da revolução dos cravos. «O povo é quem mais ordena», «O 25 de Abril não é do governo civil», ouviu-se também. E de facto foi o povo quem mais ordenou, dando às celebrações uma alegria esfusiante e comunicativa. Desta forma, a Baixa portuense foi palco de uma grande vitória popular que impôs a sua vontade ao não aceitar que essa mesma Baixa fosse reservada a «comemorações oficiais». A unidade triunfou. A demagogia saiu derrotada. O povo cantou, dançou e gritou. As bandas contratadas para actuarem nos palcos tocaram somente aquilo que o povo quis. Foi «A Grândola Vila Morena», a «Marcha do MFA», que não constavam dos programas das Bandas de Ramalde e da Foz. Quanto às partituras programadas para as celebrações «oficiais» os seus acordes foram abafados pelas vaias da multidão imensa.

«Isto aqui não é a inauguração do cemitério do Odorico», disso ao nosso lado um homem que ostentava ao peito um cravo vermelho. «Aqui a música é outra»... e foi o de facto.

O palco de todos

No palco instalado na Praça do General Humberto Delgado, o apresentador oficial uniu a sua voz à do apresentador «popular». «O povo unido jamais será vencido», foi gritado em uníssono pela imensa multidão. Os ranchos folclóricos exibiram-se e ao soar da meia-noite o Coral de Letras da Universidade do Porto «atacou» com a «Grândola, Vila Morena». Foi o delírio, a comoção até às lágrimas.

Depois foi a explosão de luz e cor do fogo-de-artifício a «incentivar» a fachada da Câmara Municipal onde ficou «inscrito» a vermelho: «25 de Abril sempre».

Antes da actuação de Paulo de Carvalho e do conjunto «Vai de Roda», o apresentador das comemorações populares leu do palco, que tanta celeuma provocou, o seguinte: «Fica provado – contra a actuação ilegal e de visão sectária e estreita do governador civil do Porto – que as diversas iniciativas eram, como efectivamente foram, perfeitamente compatíveis e que o povo é quem mais ordena, que o 25 de Abril está vivo no coração de todos os portugueses e que o povo unido jamais será vencido».

O cortejo

Ao contrário do que o governador civil do Porto havia determinado (a proibição do desfile do cortejo popular), 37 carros alegóricos de estruturas do movimento popular, sindical e dos trabalhadores percorreram a Baixa por entre uma multidão compacta que ali acorreu no dia 25. No cortejo incorporaram-se várias personalidades, entre as quais o prof. Ruy Luís Gomes, Ângelo Veloso, Virgínia Moura, Edgar Correia, Alberto Andrade, Vítor Ranita, Álvaro Ferreira Alves e muitos outros. O significado da revolução de Abril foi realçado depois aos microfones, através de uma declaração ao povo do Porto.

Afinal, e apesar de certos receios de «perturbação da ordem pública», os 10 anos da revolução de Abril foram comemorados com respeito e alegria, em unidade, contrariando as previsões do dr. Caí Brandão no anúncio mandado publicar nos jornais do Porto de ontem e em que lamentava «a falta de respeito pela ordem jurídica e constitucional» dos promotores das comemorações populares e aventava a hipótese de «graves acontecimentos», que felizmente não se verificaram.

António Machado

Dois livros sobre Abril

Otelo não falou de política

Das cinco cadeiras, colocadas no palco do pequeno teatro do Centro Cultural dos Trabalhadores da Companhia Nacional de Navegação, quatro foram ocupadas. Uma delas, contudo, estava vazia. Apenas um cravo vermelho descansava sobre o assento, substituindo simbolicamente a pessoa que deveria ali ter lugar, naquela sessão de lançamento de «Alvorada de Abril», uma iniciativa da editora «Ulmeiro».

Com certeza que já descobriram de quem se trata. De que autor se falava na véspera do 25 de Abril e que por motivos, perfeitamente vesgos, da hierarquia militar não podia usar da palavra. Claro que essa figura era nada mais nada menos do que o estratego da **Revolução** que demoliu o velho regime – esse acto regenrador da liberdade dos portugueses. Sim, sim: Otelo Saraiva de Carvalho.

No entanto Otelo, acabado de chegar da Argélia, não faltou. Estava lá, sentado na plateia, satisfeito com o sucesso do seu livro que vai na terceira edição. **«Um livro que, embora sendo o testemunho pessoal de Otelo é verídico e também a prova de que o 25 de Abril está vivo».** Disse Vasco Lourenço, o militar de Abril que falou em nome do seu companheiro.

Também sobre Otelo se pronunciou Baptista Bastos, afirmando-se emocionado por tal tarefa lhe ter sido distribuída. **Devo ao capitão dos capitães a liberdade e, por isso, trouxe os meus filhos para que o conhecessem».** Quanto ao livro teceu-lhe os mais rasgados elogios, elevou-o à categoria de grande obra literária. De livro bem escrito e revelador da **«sabedoria e da emoção»** de quem o escreveu. **«Este livro é uma tragédia moderna, uma obra poderosa, uma grande reportagem política ... deveria mesmo figurar na história do jornalismo».**

Perante a homenagem de Baptista Bastos, o autor de «Alvorada de Abril» agradeceu, aludindo ao facto de tão animosas palavras virem de uma voz insuspeita. «Ninguém acredita que o Baptista Bastos, um escritor exigente, queira dar uma safa ao Otelo... e, por outro lado, ao confirmar a qualidade do livro destruiu o mito de que os militares eram umas bestas e que só sabiam ir para a guerra...».

Foi o que Otelo declarou, sabendo porém que embora não estivesse a falar de política se arriscava a infringir um artigo qualquer do Regulamento das Forças Armadas. Querem-no silencioso mas ele, tal como salientou Baptista Bastos, nunca será um homem capaz de **«ceder a voz e a vez».**

Mas Otelo não falou de política, ninguém o poderá acusar disso. Escreveu um livro, com **«muito amor»** e custo. Nove meses durou a sua gestação – foi um parto normal... mas, certamente doloroso.

Agora, apesar de não ser um homem **«das letras»** anda a pensar em escrever um outro livro. Este, será provavelmente mais polémico, visto que versará o processo revolucionário solto com o 25 de Abril a que bruscamente expira com o 25 de Novembro. **«As perspectivas que tenho hoje já não são as mesmas do MFA»...**

Naquela sessão, promovida pela editora «Ulmeiro», um outro livro foi apresentado. Missão que coube a Luís Francisco Rebelo, já que se tratava de uma peça de teatro. **«A Como estão os Cravos Hoje»,** título que também tem a ver com o 25 de Abril, assim como o seu autor, Orlando Costa.

L.F.

1º MAIO EXPOSIÇÃO
10 anos em liberdade
26 a 30/4
NO ROSSIO
CGTP INTERSINDICAL

Mobutu ao dispor dos empresários nortenhos

O presidente da República do Zaire, Mobutu Sese Seko, afirmou no Porto que o seu país está ao dispor dos empresários nortenhos e da comunidade portuguesa para incrementar as relações entre os dois países.

Mobutu falava na Câmara Municipal do Porto, onde se deslocou acompanhado de uma delegação do seu país, ao meio da tarde de sábado para uma visita de cortesia que demorou cerca de meia hora.

O presidente do Município, Paulo Valada, na sessão de boas-vindas referiu-se às relações entre os dois países e defendeu a aproximação entre o Norte de Portugal e o Zaire, país que disse conhecer bem.

«Estamos felizes por estar no Porto. Já o Presidente Eanes na sua recente visita ao Zaire me falou desta cidade e da sua importância» – afirmou Mobutu, justificando a sua presença no Norte de Portugal.

No livre de honra, escreveu: «A minha visita ao Porto dá oportunidade de apreciar de forma mais vincada toda a importância desta magnífica cidade industrial que tem o seu nome gravado nas grandes e célebres cidades portuguesas».

O presidente Mobutu recebeu de Paulo Valada uma colecção de estampas sobre a construção da Ponte da Arrábida.

Nomeado o vice-chefe da Força Aérea

O Conselho Superior de Defesa Nacional vai confirmar dia 27 a nomeação do general Francisco Dias Costa Gomes para o cargo de vice-chefe do Esdo-Maior da Força Aérea – revelou uma fonte oficial.

A decisão da escolha, segundo a Lei de Defesa Nacional, é da competência do chefe do respectivo ramo, mas sujeita, para fins executórios, da confirmação do Conselho Superior de Defesa Nacional.

Da agenda de trabalhos consta ainda a análise do «conceito estratégico de defesa» e a promoção de um brigadeiro a general.

Soares: três visitas a "nuestros hermanos"

Madrid (do correspondente do «DL» Fernando Jauregui) – O primeiro-ministro Mário Soares efectuará três visitas a Espanha nos próximos meses, de acordo com uma informação difundida esta manhã pelo correspondente em Lisboa da «Rádio Nacional de Espanha».

A primeira visita dar-se-á na próxima semana, a fim de participar no programa de televisão «La Clave», juntamente com o ex-presidente do governo espanhol Adolfo Suarez e, talvez, com o primeiro-ministro grego Papandreu (a comparência deste último ainda não foi oficialmente confirmada). A segunda terá como motivo um seminário a realizar na Galiza. A terceira decorrerá durante uma cimeira hispano-portuguesa.

Soares desmentiu ontem em Lisboa, durante uma recepção oferecida aos correspondentes estrangeiros por motivo da comemoração do do 25 de Abril, a existência de tensões com o seu colega espanhol Filipe Gonzalez, e disse que só subsistem os problemas pesqueiros entre os dois países ibéricos.

Nos meios socialistas espanhóis consta que se mantêm as tradicionais «divergências de pontos de vista» entre Gonzalez e Soares dentro da Internacional Socialista, especialmente no que se referee às possíveis soluções para a América Central.

No que se refere à inexistência de problemas entre a Espanha e Portugal, o certo é que, para além da «cimeira» celebrada em Lisboa no Inverno passado, não parece ter-se avançado demasiado na solução dos problemas. Não só subsiste o da pesca, como o comércio continua praticamente inactivo. Em todo o caso, se é certo que a celebração do segundo encontro hispano-português, que talvez tenha lugar a seguir ao Verão, em Madrid, com a presença dos dois chefes do governo e de vários ministros de da lado, evidência um real desejo de a acertar.

A nomeação do novo embaixador em Madrid, Freitas Cruz, que amanhã entrega as suas credenciais ao chefe do Estado, pode ser uma boa ocasião para um tal relançamento, «possível e necessário de acordo com as altas fontes do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Em poucas ocasiões haverá melhor oportunidade para falar desta necessária aproximação entre os dois países vizinhos.

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

Praça Marquês de Pombal, 6-3.º – Lisboa – Tel: 4 17 51

OS ENFERMEIROS DO HOSPITAL DISTRITAL DE FARO ESTÃO EM LUTA

RECUSAM TRABALHO EXTRAORDINÁRIO PORQUE QUEREM VER ALTERADAS AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E MELHORAR AS CONDIÇÕES DE ASSISTÊNCIA AOS DOENTES QUE AQUI ACORREM.

Mesmo assim e com estes objectivos

– A DIRECÇÃO DE ENFERMAGEM
– O CONSELHO DE GERÊNCIA

CONTINUAM SEM RESPONDER, MINIMAMENTE, ÀS EXIGÊNCIAS FEITAS.

POR ÚLTIMO – O SR. MINISTRO DA SAÚDE QUER LAVAR AS MÃOS...

VEJAMOS

– No processo do menor Iria, o Ministério afirmou – é para que justiça se faça (3.4.84)

– Agora, diz que não há factos novos – não há que rever – o ministro quer proteger quem e para quê?

Quanto às condições do Hospital diz:

– É dos órgãos do hospital a responsabilidade...

...entramos no jogo do empurra? Não permitiremos.

EXIGIMOS JUSTIÇA – EXIGIMOS CONDIÇÕES PARA MELHOR ASSISTIR AOS DOENTES NESTE HOSPITAL.

O Senhor ministro não pode lavar as mãos quando numa instituição de saúde as coisas correm mal.

O RESPONSÁVEL ÚLTIMO DA SAÚDE EM PORTUGAL É QUEM DEFINE A POLÍTICA A SEGUIR

Faro, 23.4.84

A COMISSÃO SINDICAL DO HOSPITAL DISTRITAL DE FARO

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Alcanena, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o processo n.º 1/725, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Alcanena, de uma linha aérea a 30 KV, com 823 m, do PTCN.º 16 de Alcanena à Subestação ACN n.º 1 de Alcanena.

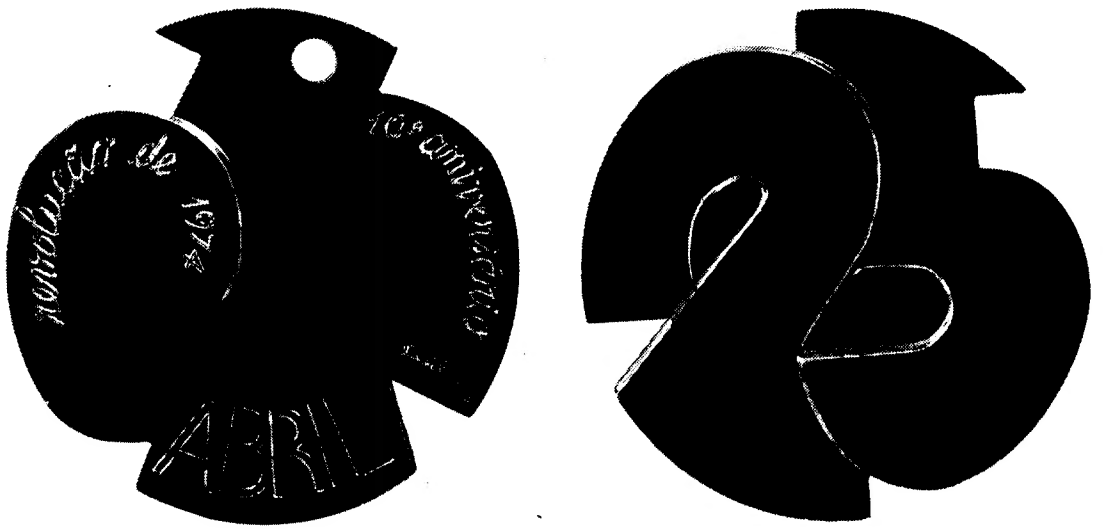
Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, em 13 de Março de 1984

PEL'O ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos

MEDALHAS

IMPRENSA NACIONAL CASA DA MOEDA



Dorita Castel-Branco

Medalha Comemorativa do 10.º Aniversário da Revolução de 25 de Abril

Características
Diâmetro: 80 mm
Liga: Latão especial
Preço: 1 000$00

Locais de venda
Livrarias da Imprensa Nacional
— Casa da Moeda
em Lisboa, Porto e Coimbra.

Pedidos à cobrança
R. D. Francisco Manuel de Melo,
5 - 2.º - 1000 LISBOA

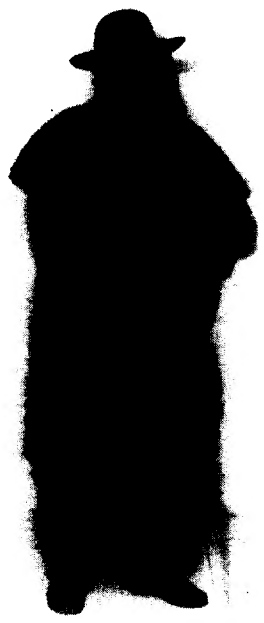
GRAFIDEC

de ontem para hoje

Autocarro da Carris perdeu rodado na Rua Maria Pia

UM autocarro da carreira 42, Ajuda-Madre de Deus, perdeu o rodado duplo traseiro do lado do condutor, quando descia a Rua Maria Pia, em Lisboa. O rodado derrubou um poste eléctrico e foi atingir um casal (José Alexandre Pereira, de 64 anos, e Zulmira Maria Fernanda Pereira, de 55) que teve de receber tratamento no Hospital de S. José. O veículo, que circulava quase cheio, foi imobilizar-se frente à esquadra da PSP (Terramotos), depois de ter arrastado o eixo pelo pavimento durante mais de uma centena de metros. Nenhum dos passageiros ficou ferido, não estando ainda apuradas as causas do acidente.

Cortejo etnográfico em Serpa



Quarenta figuras integraram o desfile etnográfico que percorreu as ruas de Serpa, numa iniciativa que teve em vista reconstituir o quotidiano (passado e presente) daquela secular vila baixo-alentejana. Os figurantes envergavam trajos feitos pelos próprios com materiais adquiridos pela edilidade local. Abrindo com o pastor (foto), o cortejo incluía ainda algumas das seguintes figuras: lavrador, cocheiro de breque, moço da vila, ceifeiro, ceifeiro marçano, porqueiro, almocreve, acarretador de farinha, camponês (domingueiro), marçano, tosquiador, ganhão, varejador de azeitona, carvoeiro, feitor, operário (domingueiro), mestre tosquiador, tamborileiro, pregueiro, mondadeira, ceifeira, filha do lavrador, mulher do lavrador, costureira, camponesa (domingueira), pateira, apanhadeira de azeitona, lavadeira, campaniça.

Detidos autores do crime de Vigo

A Polícia Judiciária de Vigo deteve três indivíduos envolvidos em 30 de Março último, naquela cidade espanhola, no assassínio à facada do jovem português António de Jesus, «O Toneco», de 21 anos, nascido em Melgaço. Domingos Alvarez, «El Mingos», Jesus Arias Fernandez e Zeferino Fernandez, apesar dos seus 20 anos, têm já todos um largo cadastro por agressão, roubo e tráfico de droga.

Criador de gado ferido a tiro

Num pátio do Arco do Carvalhão, em Lisboa, ocupado com gado bovino e algumas aves, um ladrão de gado foi surpreendido a tentar roubar três ovelhas e fez três disparos sobre o proprietário dos animais, após o que se pôs em fuga. Luís António da Silva Casimiro foi atingido na clavícula por um dos projécteis, tendo recebido tratamento no Hospital de S. José. A PSP esteve no local e recolheu os envólucros pertencentes a uma pistola de calibre proíbido.

Assaltos continuam na Guarda

Cerca de 500 contos em géneros alimentares foram furtados de uma residência em Celorico da Beira. Entretanto, a PSP da Guarda, que divulgou esta informação, referiu que estão a ser desenvolvidas diligências com vista à localização dos presumíveis autores de roubos a ourivesarias naquele distrito, de onde foram furtados valores superiores a setenta mil contos.

Mello Borges faleceu em Beja

Com 89 anos faleceu em Beja, o advogado Alexandre da Conceição Mello Borges, figura destacada de resistente antifascista por diversas vezes detido pela PIDE. Nascido em Celorico da Beira, Mello Borges radicou-se naquela cidade em 1926, tendo estado na formação do MUD em 1945, nas comissões distritais das candidaturas de Norton de Matos e de Humberto Delgado e na Comissão Democrática Eleitoral (CDE) em 1969. Uma das detenções de Mello Borges, que após o 25 de Abril aderiu ao PS, teve lugar na tarde do assalto ao quartel de Beja, ou seja em 1 de Janeiro de 1962. A última intervenção jurídica de Mello Borges aconteceu em 1981 como defensor de um dos réus no processo dos «14 de Beja».

Emigrante enforcou-se em França

O emigrante português Domingos António Fernandes, de 43 anos, enforcou-se na passada terça-feira, em França, após ter ferido gravemente, a tiro, na véspera a sua companheira, Maria Águeda da Costa. O homicida fugira, tendo-lhe sido movida perseguição pela Polícia, que veio a encontrar o seu cadáver, enforcado com um arame, numa localidade próxima de Leon. Na origem da agressão a Maria Águeda estariam problemas de ciúmes, sendo frequentes as disputas entre o casal, segundo referiram fontes familiares.

Quando pescava ilegalmente na costa algarvia

Traineira espanhola alvejada por patrulheiro português

Um patrulheiro português disparou várias vezes, mas sem fazer vítimas, na direcção de uma traineira espanhola que pescava ilegalmente nas águas territoriais portuguesas, segundo indicou ontem o Serviço de Imprensa do Ministério espanhol da Agricultura e da Pesca. A traineira, a «San António», tendo a bordo o capitão e dois tripulantes, foi interceptada ao largo de Vila Real de Santo António, após haver-se recusado a obedecer às ordens da Marinha portuguesa que lhe ordenavam para parar e ter tentado fugir, precisou o porta-voz do Ministério espanhol. A mesma fonte não se mostrou em condições de precisar se os tiros portugueses tinham atingido o barco, mas declarou que «não se tratava de um incidente grave. O capitão da «San António» foi multado em cem contos.

Apreensões pela Guarda Fiscal

Forças da Guarda Fiscal apreenderam em Castelo Branco, por contrabando de importação, onze máquinas de jogo no valor de 2900 contos. Um informador do chefe do Estado-Maior daquela corporação, referiu que, por igual delito , a GF da secção de Penamacor apreendeu, em Barragem de Meimão, 38 ovinos e 75 caprinos, no valor de 450 contos. Por outro lado, em Milheiro de Poiares, por abate clandestino, foram confiscados 250 quilos de carne de porco e de vitela, no valor de 63 contos. O chefe do Estado-Maior da Guarda Fiscal informou ainda que os autos foram remetidos aos tribunais competentes das respectivas áreas.

Num documento com setecentas assinaturas

"Desterro" do comissário Santinhos condenado por habitantes de Bragança

A cessação do «desterro» em Bragança do primeiro comissário Santinhos acaba de ser solicitada ao Presidente da República, Primeiro-Ministro, presidente da Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias e governador civil de Bragança, num documento subscrito por cerca de setecentos habitantes daquela cidade, com profissões várias e de quadrantes políticos distintos.

Os signatários apelam ainda às referidas entidades para que intercedam no sentido de que seja concedida uma amnistia não só ao comissário Santinhos como a todos os outros sindicalistas da PSP, «na certeza de que o regime democrático sairá prestigiado e enobrecido na passagem de mais um aniversário da Revolução de Abril».

«No mês de Novembro do ano findo – lê-se no documento – foi transferido disciplinarmente de Lisboa, onde prestava serviço, para o Comando da PSP de Bragança, o primeiro comissário Joaquim Santinhos, sob a acusação de ter tomado parte num almoço-convívio, usando da palavra e difundindo ideias para a constituição de um Sindicato da PSP, porque pensava que, pelo menos agora, se entendesse de forma diversas e que o 25 de Abril tivesse refrescado os quistos fascistas e que, depois de liquidarmos o império, fossemos suficientemente ciosos do que nos resta. Assim não o entende, pelos vistos, o comandante-geral da PSP, brigadeiro Almeida Bruno. «E à falta das Áfricas do desterro, com a qual parece não se conformar, ele, habituado que estava à sua existência, criou no Nordeste um lugar de exílio para o comissário «rebelde» – em «Mensageiro de Bragança» de 20/1/84».

O comissário Santinhos no seu «exílio» em Bragança, para onde foi enviado pelo brigadeiro Almeida Bruno devido às suas actividades em prol de uma Associação Sindical da PSP

A finalizar, os subscritores do documento fundamentam os motivos que os levaram a solicitar a amnistia para o comissário Santinhos e seus companheiros sindicalistas (a pena de desterro está há muitos anos banida do nosso Código Penal) considerando que, na Europa Ocidental, Portugal é o único país cuja Polícia ainda não possui as suas estruturas organizativas de classe e que a decisão de Almeida Bruno desrespeita a legislação democrática e nacional, mormente a I Declaração da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa sobre Polícia.

Centro de produção da RTP no Algarve

A Câmara Municipal de Faro e a Radiotelevisão Portuguesa assinaram um protocolo de acordo visando a instalação de um centro de produção da RTP na capital algarvia.

Ao abrigo do acordo o município farense compromete-se a ceder instalações provisórias para o funcionamento do centro, bem como o direito de superfície para a construção de um edifício definitivo.

A câmara compromete-se ainda a ceder um apartamento mobilado destinado à residência do director do centro, por um período máximo de 15 anos.

Todas as despesas de água, energia eléctrica, quer do centro como da residência do director, serão sempre suportadas pela câmara.

O protocolo foi assinado pelo presidente da autarquia, Negrão Belo e por Cerqueira Correia, da RTP.

O adminisgrador da RTP anunciou que o centro deverá iniciar funções antes do fim do ano e que vem satisfazer as necessidades de cobertura televisiva da região do Algarve e do Baixo Alentejo.

O presidente da câmara, Negrão Belo, frisou que o acordo estabelecido significa uma melhoria no aspecto cultural de formação e informação da região algarvia, há muito ambicionada.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.° 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o processo n.° 1/578, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Alcanede, concelho de Santarém, de uma linha aérea a 15 KV com 36 metros, do poste n.° 6, da linha para o P.T. STR n.° 41 de Alcanede, ao posto de transformação STR n.° 262 de Alqueidão do Mato.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, em 15 de Março de 1984

PEL'O ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.° 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Alcanena, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o processo n.° 1/760, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Bugalhos, concelho de Alcanena, de um novo troço inicial a 30 KV da linha para o posto de transformação ACN N.° 28 de Bugalhos, com 568 metros, entre a subestação n.° 1 de Alcanena e o poste n.° 5 (antigo n.° 6).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, em 13 de Março de 1984

PEL'O ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos

Estimativa ao fim da manhã

Desastre de Valongo pode ter feito cerca de 30 mortos

Dezassete mortos confirmados e 34 feridos, entre os quais alguns feridos graves, é o balanço de um acidente registado esta manhã às 7 e 30, numa passagem de nível com guarda, entre Recarei e Valongo, num lugar chamado Terronha. O Instituto de Emergência Médica admite, entretanto, que o número de vítimas mortais poderá cifrar-se em 30.

O acidente verificou-se quando o comboio que provinha da Régua, se dirigia ao Porto, abalroou uma camioneta com meia centena de passageiros que viajava de Entre-os-Rios com o mesmo destino.

O veículo automóvel foi apanhado pela parte da frente, que ficou completamente amassada, depois de ter sido arrastada durante cerca de 200 metros.

As vítimas começariam pouco depois a ser transportadas para três hospitais da região: oito mortos e 26 feridos para o de S. João no Porto; 5 mortos e sete feridos no de Paredes; quatro mortos e dois feridos no de Penafiel.

Os passageiros do comboio, por sua vez, nada sofreram. Apenas o maquinista precisaria de assistência hospitalar, mas recebeu alta pouco depois.

«Foi horrível» — afirmou uma testemunha presencial, que viajava num táxi atrás do autocarro. Por sua vez, dois feridos assistidos em Penafiel e que viajavam na parte de trás do autocarro disseram que «não se aperceberam do acidente» e que apenas se recordam de «ouvir gritos e que o autocarro estava a ser arrastado».

O choque verificou-se às 7 e 30, na passagem de nível de Terronhas, em Recarei, Paredes. O comboio tinha partido da Régua às 5 e 30, com destino a S. Bento e abalroou, pela parte dianteira, uma camioneta de passageiros, da Empresa Alpendurada, que tinha saído da Capela, nas termas de S. Vicente, perto de Entre os Rios, às 6 e 20. O seu destino era igualmente o Porto.

A passagem de nível, que está guarnecida em condições normais, encontrava-se esta manhã aberta, por enquanto sem que, quer localmente por parte da CP, fosse encontrada uma explicação para o facto.

A camioneta foi abalroada quando a sua parte da frente se encontrava sobre a linha e foi arrastada durante mais de 200 metros, numa zona em que a linha do comboio é ladeada por pinhais e barreiras altas.

O resultado foi dramático: as duas «paredes» do autocarro, do meio para a frente, ficaram completamente «coladas» e os bombeiros tiveram de cortar toda a chapa para conseguirem retirar os corpos de mortos e feridos que se encontravam no seu interior.

Os ocupantes da parte de trás do veículo eram, na sua maior parte, cuspidos enquanto se verificou o arrastamento ao longo da linha. E, por sua vez, na via verificavam-se muitos danos, com arrancamento dos carris, que a CP pensa repor ainda durante a tarde de hoje.

A maior parte dos ocupantes da camioneta tinha entrado em Lagares, Sobreira e Recarei, bem como nas termas de S. Pedro, onde se iniciara a carreira. Daí, também, que a maior parte dos mortos tivesse residência nestas duas últimas localidades.

Guarda desapareceu

A razão da ausência da guarda da passagem de nível na altura do acidente continuava, entretanto, a ser desconhecida, ao fim da manhã. A verdade é que a funcionária, que se encontrava em substituição da guarda efectiva, desapareceu pouco depois do acidente afirmando que ia matar-se.

«Este acidente só pode ter sido causado por falha humana» – afirmava esta manhã ao «DL» um porta-voz da CP que no local estudava as circunstâncias do embate. E a responsabilidade da falha humana, neste caso, parece recair inteiramente sobre a guarda substituta, de seu nome Albina.

A funcionária parece ter-se esquecido completamente de fechar as cancelas, era o juízo corrente entre os ferroviários presentes no local. Esta a única explicação, uma vez que antes de qualquer comboio partir de Recarei em direcção a Terronhas a guarda da passagem de nível é avisada pelo telefone. O comboio demora cerca de um minuto entre um ponto e outro.

Esta manhã, contudo, um outro comboio passara naquela mesma linha, e também com o Porto como destino, sendo que dessa vez as cancelas foram de facto fechadas pela guarda Albina.

A guarda efectiva, de seu nome Maria Ferreira, encontrava-se hoje no seu dia de folga semanal.

Socorros no local

Dado o alarme do grave acidente houve testemunhas presenciais como foi o caso dos ocupantes de um táxi que seguia atrás da camioneta), começaram pouco depois a chegar ambulâncias de numerosas corporações de bombeiros de toda a região (Cete, Rebordosa, Valongo, Baltar, Paredes, Penafiel, Valbom, Ermesinde, Paços de Sousa, S. Mamede de Infesta, S. Pedro da Cova e dos próprios Bombeiros Sapadores, do Porto).

Mas, as dificuldades eram muito grandes no que se refere à retirada dos mortos e feridos que se encontravam na parte dianteira da camioneta. Tal originou alguns atrasos e dificuldades na prestação dos primeiros socorros.

As autoridades fariam, assim, deslocar para o local duas equipas médicas de emergência que logo prestavam os primeiros socorros e enviavam aos hospitais os feridos, de acordo com a sua gravidade. Normalmente, os casos mais difíceis foram desde logo destinados ao Hospital de S. João, no Porto.

O elevado número de feridos que neste estabelecimento davam entrada ao longo da manhã, e a incerteza quanto ao número provável de vítimas que lhe poderiam ainda ser destinadas, fez com que fosse lançado um apelo aos dadores. Mas, às 11 da manhã, face às centenas de respostas prontamente recebidas, era possível pedir que ninguém mais comparecesse no Hospital de S. João, com aquele objectivo.

Preocupações oficiais

Um porta-voz da empresa de camionagem Alpendurada responsabilizou, entretanto, quase de imediato, a CP pela ocorrência, a partir do facto de as cancelas da passagem de nível se encontrarem abertas.

O dramatismo e gravidade das primeiras notícias divulgadas ao princípio da manhã justificaria, por sua vez, um alarme que se estendeu às esferas do Governo e da Assembleia da República. O presidente da CP seguiria imediatamente para o local e o governador civil do Porto acompanhou os esforços dos bombeiros e dos médicos a partir das 11 horas da manhã.

O Primeiro-Ministro e o ministro do Equipamento Social acompanhavam esta manhã as notícias sobre a extensão do acidente e uma fonte do MES anunciava, também, que já estava nomeada uma Comissão de Inquérito.

A Assembleia da República, que deverá ter já aprovado um voto de pesar, pedia, entretanto, que todas as notícias sobe o acidente fossem enviadas aos seus serviços, para que os deputados pudessem acompanhar a situação.

Primeira lista de feridos

As circunstâncias em que se deu o acidente e o facto de a camioneta ter ficado reduzida a uma amálgama, tem dificultado a identificação das vítimas, particularmente dos mortos. Ao fim da manhã foi conhecida a seguinte lista de feridos socorridos no Hospital de Paredes:

Manuel Joaquim Ferreira de Melo, de 25 anos, de Outeiro, Penafiel; Zeferino Ferreira Moreira, de 32 anos, de Capela, Penafiel; Benedita de Sousa, de 74 anos, de Recarei, Paredes; Joaquim Orlando dos Santos Soares, de 26 anos, de Figueira, Penafiel; António Moreira Alves, de 25 anos, de Recarei, Paredes; António Vieira da Rocha, idade desconhecida, de Figueira Penafiel.

Foi entretanto, ao fim da manhã, revelada a identidade de seis dos oito mortos transportados para o Hospital de S. João: Ana Paula Lobo da Silva, de 16 anos; Teresa Silva Dias, cerca de 60 anos; Manuel Luís Neves Teixeira, idade desconhecida; José Maria Moreira Sousa (cobrador do autocarro), idade desconhecida); Teresa Abraão Silva Dias, de 55 anos; Alberto Ferreira, idade desconhecida.

em duas palavras

● GOVERNO SUSPENDE QUINTA DO LUDO

O Governo dicidiu pôr termo à concessão a Basílio de Castelbranco de terrenos nos concelhos de Loulé, Faro e Olhão, para criar uma reserva natural e respectiva zona de protecção.

O comunicado do Conselho de Ministros refere que tal concessão permitia enxugar, vedar ou cultivar determinados terrenos pertencentes ao Estado, naqueles concelhos, entre os quais se inclui a herdade do Muro do Ludo, também denominada Quinta do Ludo ou Tapada do Ludo.

● LAMEGO ESTUDA PROMOÇÃO SOCIAL

A obra de promoção social rural de Lamego, com a colaboração e apoio do «bureau» das Comunidades Europeias, em Lisboa, promove em 27 e 28 de Abril um estudo sobre 'a integração de Portugal nos caminhos da Europa'.

Estarão em análise e debate, entre outros temas, as estruturas agrícolas competitivas e a formação de jovens agricultores.

● CEREJEIRA EM FLOR: FESTAS EM RESENDE

A Federação do Folclore Português, com apoio do Rancho Folclórico de S. Pedro de Paus e da Câmara Municipal de Resende, organiza em 29 de Abril, neste concelho, a festa da cerejeira em flor.

Bandas de música, ranchos folclóricos e um concerto coral e instrumental pelo grupo de cantares de Capa Rosa, fazem parte do programa, além da actuação dos Ranchos de Santa Maria de Carquere e de S. Pedro de Paus.

● HEMATOLOGIA E PERSPECTIVAS

A hematologia e as suas perspectivas nos anos 80 é o tema genérico de um simpósio sobre esta especialidade médica que decorrerá em Coimbra, de 3 a 5 de Maio.

Nos trabalhos, que terão lugar no auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, participam cientistas portugueses e estrangeiros designadamente ingleses e espanhóis.

O simpósio é organizado pelo Centro Hospitalar de Coimbra e pela Catedra de Hematologia da Universidade de Salamanca (Espanha).

● VIANA DO CASTELO: NOVO PORTO DE MAR

O porto comercial de Viana do Castelo é hoje inaugurado pelos ministros do Mar e do Trabalho e Segurança Social.

Aproveitando a sua deslocação ao Alto Minho, o ministro do Mar reunirá com o presidente da Câmara de Caminha e visitará os estaleiros navais de Viana do Castelo.

O ministro do Trabalho presidirá, em Vila Nova de Cerveira, ao lançamento da primeira pedra de um novo centro de férias do Inatel.

● GEMINAÇÃO ENTRE FAMALICÃO E PONTHIERRY

O presidente da Câmara de Vila Nova de Famalicão e o governador civil de Braga vão ser recebidos na Câmara Municipal de Ponthierry, no dia 28, para conversações directas com vista a concretizar a geminação das duas localidades.

Esta deslocação realiza-se a convite da Associação dos Portugueses de Ponthierry. Estará também presente na altura o folclore famalicense, representado pelo Grupo Regional de Cavalões, o qual actuará no festival internacional que se realiza em Ponthierry em 28 e 29 de Abril.

● SUBSÍDIOS DE GASÓLEO NA BEIRA INTERIOR

A Direcção Regional de Agricultura da Beira Interior (DRABI) iniciou em Abril o pagamento do subsídio de gasóleo aos agricultores abrangidos pela sua área – anunciou este organismo.

O subsídio esteve para ser pago no ano passado em duas prestações, respectivamente em Agosto e Dezembro – referiram técnicos da DRABI.

A verba referente ao ano de 1983 está actualmente em pagamento nas brigadas concelhias do Ministério da Agricultura.

● LAMEGO COMEMORA MORTE DE CÓNEGO

A mesa administrativa da irmandade de Nossa Senhora dos Remédios assinalou ontem, com um acto religioso no Santuário dos Remédios, em Lamego, o segundo centenário da morte do cónego José Pinto Teixeira.

O cónego Pinto Teixeira, que faleceu em 25 de Abril de 1784, foi o fundador do Santuário dos Remédios e impulsionador da construção do seu monumental escadório.

um dois três

RTP concurso

Nome_____Idade___Tel:_____

Morada_____Profissão_____

Tem Televisor ?_____Nº Licença_____

Acompanhante_____Idade_____

Profissão_____

Cupão a enviar colado em bilhete-postal para Concurso «1-2-3», Apartado 4315 — Lisboa Codex

MUNICIPIO DE ALMADA
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

AVISO

TAXAS DE SANEAMENTO

Dá-se conhecimento a todos os munícipes que as taxas de ligação e de conservação da rede de saneamento referente ao corrente ano, estão a pagamento, **durante o mês de Maio,** nos locais indicados no respectivo aviso.

Almada, 18 de Abril de 1983

O Presidente do Conselho de Administração
Carlos Manuel Barateiro de Sousa

Dinheiro português foge para a Galiza

Os portugueses guardam dezenas de milhares de contos em bancos da Galiza, segundo uma informação publicada pelo diário «El Faro de Vigo».

Só nas localidades de Vigo, Tui e Porriño, os depósitos de portugueses ascendem a 200 milhões de dólares (mais de 25 milhões de contos).

Aquele diário afirma que o dinheiro chega aos bancos espanhóis em divisas, principalmente dólares, marcos e francos, procurando uma taxa de juro mais elevada do que a paga pelos bancos portugueses.

Nas agências bancárias de Porriño têm conta corrente um total de cerca de quatro mil portugueses, com um depósito global de 60 milhões de dólares e 30 milhões de marcos (quase 10 milhões de contos).

Cahora Bassa

Um por cento da energia será pago a Moçambique

O novo acordo tripartido sobre Cahora Bassa estabelece a duplicação do preço da energia electrica fornecida à África do Sul – informa a ANOP, de fonte oficial portuguesa

As taxas da venda de energia da barragem de Cahora Bassa à Asrica do Sul passarão a ser revistas anualmente – prevê também o novo acordo, que vai ser assinado, dia 2 de Maio, na Cidade do Cabo, por Portugal, Moçambique e África do Sul,

Uma percentagem de um por cento das receitas da venda de energia eléctrica à África do Sul reverterá futuramente para Moçambique – foi também acordado pelas três partes, que efectuaram diversas reuniões em Lisboa, Maputo e Cabo, desde Janeiro último.

Um novo contrato entre as duas empresas directamente envolvidas no fornecimento de energia de Cahora Bassa à Africa d Sul (a ESCOM – Companhia Estatal Sul-Africana de Electricidade – e a Hidroeléctrica de Cahora-Bassa) será também assinado dia 2 de Maio, na Cidade do Cabo.

ao Estado português e instituições financeiras portuguesas detêm 81 por cento dos capitais da Hidroeléctrica pertencendo 19 por cento a Moçambique.

Já há processos em tribunal

Estado e autarquias não pagam electricidade e a EDP tem de contrair dívidas no exterior

«Indisponibilidade de meios vultosos de financiamento para os quais há que procurar recursos de substituição em fontes externas à empresa, com os inevitáveis agravamentos da dívida e dos encargos financeiros» é o efeito principal das dívidas à EDP (Electricidade de Portugal) segundo expressamente se afirma no Relatório e Contas de 1982 só agora distribuído. Por ele se pode verificar que as dívidas por cobranças não efectuadas atingiam no final do ano 63,5 por cento da facturação total.

Os créditos vencidos e não cobrados subiram assim de 27 milhões de contos em 1981 para 43 milhões em 1982. Como entretanto a situação não se modificou em substância, não obstante o novo relacionamento entre a EDP e as autarquias, nomeadamente pela regionalização do controlo da rede de distribuição, a crise financeira da maior empresa portuguesa (logo também a principal empresa publica) em valor acrescentado bruto, agudizou-se de forma acentuada.

Essas dívidas terão subido em 1983 segundo as últimas estimativas, para 73 milhões de contos dos quais 50 no curto prazo, sendo 48 milhões das autarquias, com particular incidência as pertencentes à zona do Grande Porto. Só a Câmara Municipal do Porto, ainda segundo as referidas estimativas, devia em fins do ano passado 15 milhões de contos à EDP.

Por isso mesmo a empresa accionou judicialmente 20 câmaras municipais por falta sistemática de pagamento. Os processos foram desencadeados no princípio do ano e abrangem as autarquias que adoptaram uma recusa sistemática do pagamento da electricidade que lhes é fornecida.

Apesar do nível destas dívidas a empresa tem apresentado resultados positivos, destinando prioritariamente para autofinanciamento os recursos internamente gerados. Em 1983 o resultado provisório apurado é nulo, quando em 1982 fora de 89 mil contos.

Face à escassez dos recursos financeiros internos a EDP tem sido das empresas públicas que mais tem recorrido aos mercados externos de capitais, para financiar os seus investimentos, que atingiram 250 milhões de contos entre 1977 e 1983, na construção de barragens e centrais e modernização da rede de distribuição.

O crédito interno tem sido progressivamente dificultado nos últimos anos, em volume e condições de acesso. Por isso mesmo e dada a situação de ruptura pelas dívidas à empresa, a EDP foi crescentemente forçada a recorrer ao crédito externo que encarece regularmente em função da desvalorização do escudo e da valorização do dólar.

Todos estes factores associados, projectaram a dívida externa da EDP de 55 para 113 milhões de contos entre o início e o fim do ano de 1982 e para 226 milhões actualmente.

Estes são os elementos perturbadores da gestão da EDP nos últimos exercícios, conforme se sublinha uma vez mais no Relatório e Contas de 1982.

Valores provisórios do exercício da empresa, em 1983, apontam para vendas de 103 milhões de contos e encargos financeiros de 60 milhões valor triplo dos encargos com o pessoal (20 milhões

A empresa tem um activo total contabilizado em 570 milhões de contos (parte do património encontra-se fortemente subavaliado, como é o caso da Barragem de Castelo de Bode) e um passivo de 374 milhões.

A EDP foi criada em 1976, como resultado da fusão de 13 empresas hidroeléctricas.

A EDP tinha em construção em 1982 oito empreendimentos hi o-eléctricos dos quais três se propunha concluir em 1983: Belver (potência de 32MW), Raiva (11) e Pocinho (186). Crestuma/Lever (105) e Vilarinho das Furnas (74) estão previstos para conclusão em 1985, Torrão (144) em 1988, tal como as Barragens do alto Lindoso (600) e de Touvedo (28MW)

O 3.º grupo da Aguieira, o 1.º da Raiva, o 3.º da Central Terléctrica de Setúbal e os 3.º e 4.º grupos da Central de Tunes reforçaram a capacidade de produção de energia da EDP em 517MW.

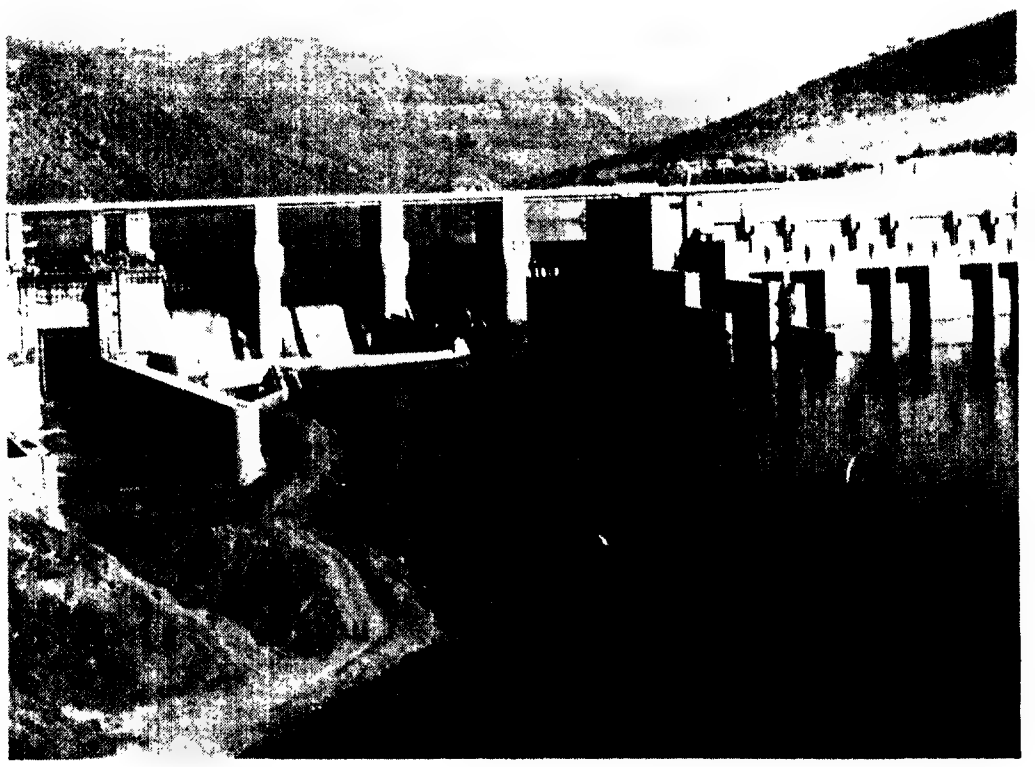
O total de trabalhadores da EDP em fins de 1982 era de 20 276 unidade, dos quais 1500 com o bacharelato ou um curso superior. A mão-de-obra utilizada subiu para 21 296 pessoas no ano passado.

DÍVIDAS DE CLIENTES DE ELECTRICIDADE EM AT E MT
Créditos vencidos e não cobrados — milhares de contos

	1981*	1982
Estado e Organismos Oficiais	164,0	272 8
Autarquias locais	19 488,3	31 360,7
Outros distribuidores	729,1	1 139,2
Sector empresarial público e nacionalizado	1 370 0	1 676 6
Sector empresarial privado e particular	5 550,0	8 688,1
TOTAL	27 301,4	43 137,4

* valores corrigidos

Este era o quadro dos devedores à EDP em 1982. Desde então a situação piora dia a dia



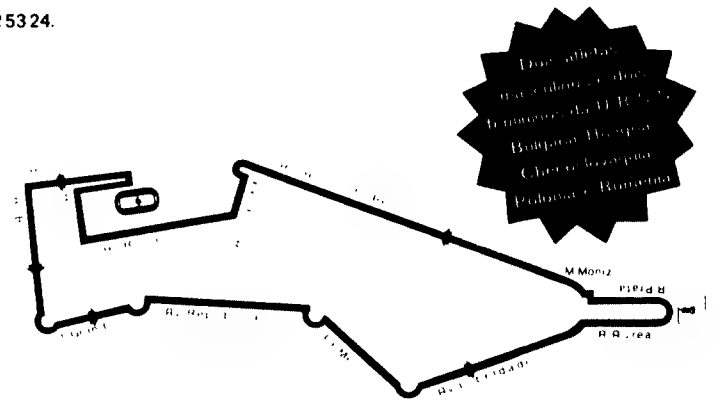
Barragem do Pocinho: um dos aproveitamentos hidroeléctricos da EDP em acabamentos

CORRIDA INTERNACIONAL 1º MAIO

(ORGANIZAÇÃO DA USL/CGTP-IN)

LISBOA – 1.º DE MAIO 84 – 15 QUILÓMETROS
CHAMADA ÀS 9.30 H. PARTIDA ÀS 10.30 H.

- Prova conjunta para ambos os sexos, aberta a atletas federados e não federados com a idade mínima de 16 anos.
- Troféus aos cinco primeiros da classificação geral, três primeiras senhoras e três primeiros veteranos.
- Medalhas aos 300 primeiros da geral, 50 primeiras senhoras e 50 primeiros veteranos.
- Crachat a todos os que concluirem a prova.
- Inscrições até às 15 horas do dia 30 de Abril na USL/CGTP (Rua S. Pedro de Alcântara, 63 - 2.º 1000 Lisboa, telf. 32 52 23, 32 53 24.



Nos dois primeiros meses de 84

Ligeira evolução positiva na conjuntura industrial

Nos dois primeiros meses de 1984 manteve-se a baixa conjuntura industrial, embora com ligeiros sinais de desagravamento, permanecendo a totalidade dos indicadores disponíveis com saldo negativo – afirma o boletim da CIP, hoje divulgado.

O boletim assinala que a facturação global aumentou para 31 por cento dos empresários ouvidos e diminuiu em 33 por cento dos casos (29 por cento e 42 por cento respectivamente no bimestre anterior), em razão sobretudo do comportamento do mercado interno.

Quanto ao aproveitamento da capacidade instalada, é pleno em 16 por cento das respostas e está em acentuada subutilização em 35 por cento dos casos, tendo diminuido para 23 por cento as empresas que responderam ter dificuldades no escoamento da produção.

As maiores dificuldades conjunturais apontadas pela indústria são o encarecimento das matérias-primas, energia e combustíveis, a atonia da procura interna e a debilidade financeira.

Outra dificuldade apontada é a das condições de crédito face às deficiências dos abastecimentos, sobretudo por maiores exigências dos fornecedores.

As expectativas de curto prazo nas respostas apontam para uma ligeira evolução positiva em termos de saldo, da facturação global e da utilização da capacidade produtiva.

O boletim assinala que nas indústrias extractivas a facturação global evoluiu favoravelmente nos dois primeiros meses do ano em curso, nas indústrias transformadoras e a montante da construção civil tendeu para o desagravamento e ainda que na construção civil e obras públicas persiste a baixa conjuntura com 78 por cento dos questionados a acusar regresso da facturação global.

Relativamente às indústrias extractivas, a CIP refere que o mercado interno patenteou maior dinamismo e se registou um melhor aproveitamento da capacidade produtiva instalada.

Nas indústrias transformadoras aponta para uma evolução favorável nas exportações para mercados tradicionais e uma ligeira melhoria na ocupação da capacidade produtiva, que 18 por cento dos empresários consideram a mais de 90 por cento, e 30 por cento em acentuada subutilização.

Casos de evoluções desfavoráveis nas indústrias transformadoras surgem nos sectores de lacticínios, malhas, madeiras, indústrias metalúrgicas de base, mobiliário metálico, máquinas não electrónicas e veículos a motor.

Brasil o fim da ditadura?

Congresso brasileiro recusou emenda para as "directas, já!"

...mas já se fala de governo de transição

Após dezassete horas de debates, o congresso brasileiro votou esta madrugada contra a emenda proposta pelo deputado do PMDB, Dante de Oliveira, e que previa a eleição por sufrágio directo do presidente da República. Apesar da derrota, apenas por 22 votos, a oposição mostra-se confiante e pensa em relançar as manifestações de rua. Paralelamente, desenvolveram-se nos últimos dias os contactos entre líderes oposicionistas e figuras até há pouco ligadas ao regime de João Figueiredo. Em causa estará a formação de um Governo de transição, desejado pelas oposições e por círculos militares.

À S duas horas desta madrugada, em Brasília. o Congresso brasileiro votava contra a emenda proposta pelo deputado do PMDB, Dante de Oliveira, e que previa a eleição por sufrágio directo do presidente da República. Os 244 deputados da oposiçao so tiveram a seu lado 54 parlamentares da maioria governamental, não atingindo, deste modo, o total de 320 votos correspondendo a dois terços dos 479 deputados, necessário para que a emenda fosse aprovada. Face a este resultado, a proposta da oposição não deverá passar ao Senado, uma vez que não obteve aprovação no Congresso.

Embora as notícias que nos chegam do Brasil sejam ainda escassas, as agências referem que foi com lágrimas que os deputados favoráveis à emenda receberam o resultado do escrutínio. Um escrutínio que agitou a vida política brasileira e que, apesar de desfavorável à oposição, vai certamente relançar a contestação ao regime militar.

Face ao movimento popular que encheu as praças e as ruas, ficou claro para a oposição que o Congresso nao representa a vontade do país. De acordo com informações dos círculos oposicionistas veiculadas na passada terça-feira a ANOP, este vai ser um dos eixos das iniciativas da oposição. Ou seja, o regime militar brasileiro está ameaçado de todos os lados, inclusivamente no interior.

A hipótese do Governo de transição

Mesmo no seio das altas esferas militares, têm saido algumas vozes de oficiais-generais críticos e descontentes com as perpectivas que o presidente Figueiredo lhes reserva.

Assim, o general Andrade Serpa, do Exército, foi substituído por Walter Pires e, no mês de Março, o almirante Maximiano da Silva Fonseca, então ministro da Marinha, foi afastado do seu cargo e substituído por Alfredo Karam. Em ambos os casos trata-se de militares de uma recém-constituída «ala liberal», que engloba o actual vice-presidente Aureliano Chaves, e o ex-chefe da Casa Civil da presidência, general Couto e Silva. Estes serão os nomes mais «sonantes» a que se juntam outros elementos das chefias militares que contestam abertamente o general Newton Cruz, que permanece fiel a João Figueiredo, e que é o responsável pela aplicação das medidas de emergência decretadas no passado dia 19.

Será desta amálgama de descontentes que poderão sair os homens que patrocinem um Governo de transição, hipótese divulgada na terça-feira por círculos diplomáticos.

De acordo com essas fontes, membro do actual executivo brasileiro e forças da oposição iniciaram na passada segunda-feira conversações com esse objectivo. Os principais animadores deste diálogo, que visa evitar uma ruptura de consequências imprevisíveis, seriam o vice-presidente Aureliano Chaves e os governadores oposicionistas Tancredo Neves, de Minas Gerais, e Leonel Brizola, do Rio de Janeiro. O actual presidente estaria colocado à margem destes contactos, e na eventualidade de perder apoios de militares «históricos», que com ele participaram no golpe de Estado de 1964. Este cenário prevalece, segundo numerosos observadores, mesmo com a rejeição da proposta das **directas, já!** pois quer a oposição, quer os círculos jornalísticos, são unânimes em considerarem que o Brasil entrou num processo político rápido que não poderá ser parado com uma votação de um Congresso mantido sob coação pelas medidas de emergência.

Sinal de que os tempos estão a mudar para a ditadura, é a decisão da rede Globo de Televisão, que representa 80 por cento das televisões do país, de romper o esquema de censura imposto pelo Governo. Esta passagem «com armas e bagagens» de figuras civis e militares para as hostes oposicionistas marca com clara evidência o crescente isolamento do regime. Mesmo para os militares, as Forças Armadas estariam dispostas a caucionar uma tal solução que contribuísse para a democratização do país e terminasse de vez com a intervenção política dos militares que estiveram na base do golpe de 1964.

Dante de Oliveira: da luta armada às bancadas parlamentares

Dante de Oliveira, deputado de 32 anos, do Estado de Mato Grosso, tornou-se no homem mais popular do Partido do Movimento Democrático Brasileiro desde que se lançou — com risco de passar por louco — na campanha a favor da eleição presidencial directa.

O cepticismo, manifestado pelos seus colegas no início da campanha («sim está bem, continue, você vai longe») nunca conseguiu diminuir o entusiasmo da vontade de Dante de Oliveira.

O jovem deputado granjeou uma enorme poplaridade no dia em que os partidos da oposição decidiram mobilizar o país em redor da ideia de emenda constitucional.

E desde o mês de Janeiro o seu nome é aclamado do alto das tribunas dos comícios e das manifestações onde se reclamam «directas, já».

O antigo militante da organização marxista «MR-8» (Movimento Revolucionário 8 de Outubro, data da morte de «Che Guevara), metido na luta armada contra o regime militar no final dos anos sessenta considera que a eleição directa do presidente da República não vai ser o remedio miraculoso para os males do país, «mas as eleições directas são importantes para que possamos saír da crise de um modo pacífico».

Na República Dominicana

"Motins da fome" provocaram 40 mortos

Os «motins da fome» que inflamam há três dias a República Dominicana fizeram reaparecer o espectro do golpe de Estado de extrema-direita neste país, ainda traumatizado por 30 anos da mais dura ditadura sul-americana (Trujillo, 1930-1961). Os acontecimentos foram denunciados pelo Partido Social-Democrata, no poder, como um «complot da extrema-direita contra a ordem constitucional».

Consequência indirecta das medidas económicas impostas ao país pelo Fundo Monetário Internacional, as manifestações já provocaram 40 mortos. O ministro das Forças Armadas, general Ramiro Matos Gonzalez, ao confirmar estes números num comunicado oficial na manhã de ontem reafirmou «a lealdade das Forças Armadas e da Polícia ao governo constitucional do presidente Salvador Jorge Blanco». Sem fornecer mais detalhes, o ministro também deixou entender que as manifestações dos últimos dias «tiveram uma inspiração política».

Desde terça-feira o governo, através de uma das mais importantes estações de rádio do país, difunde comunicados acusando «alguns grupos de extrema-direita, inimigos da democracia» de se estarem a aproveitar do descontentamento popular para desencadear «a violência e a pilhagem» e desestabilizar o governo.

Os motins pilhagens de supermercados, farmácias, mercearias, começaram na capital na manhã de segunda-feira, primeiro dia da entrada em vigor dos aumentos de preços de produtos de primeira necessidade, impostos pelo governo: açúcar (+10 por cento), leite em pó (+15), azeite (+90) e pão (+50).

Chegam esta tarde a Joanesburgo os reféns libertados pela UNITA

Cerca de 90 reféns, na maioria portugueses e filipinos, foram libertados hoje pela UNITA e foram encaminhados para Joanesburgo, anunciou um porta-voz do Comité Internacional da Cruz Vermelha em Pretória.

Entre os prisioneiros libertados, figuram cinco religiosas (uma japonesa, uma italiana, duas portuguesas e uma brasileira, assim como três padres um filipino, um polaco e um espanhol) precisou à AFP um porta-voz do CICR.

O Avião fretado pela Cruz Vermelha, chega esta tarde ao aeroporto de Joanesburgo donde os reféns serão repatriados para os seus respectivos países.

Dezasseis britânicos e cerca de vinte checoslovacos ficaram ainda nas mãos da UNITA.

24 horas

David Kennedy encontrado morto

David Anthony Kennedy, um dos filhos do senador Robert Kennedy assassinado em 1968, foi encontrado morto, ontem, no seu quarto de hotel, em Palm Beach, na Florica, indicou a Polícia.

David Kennedy, que tinha 28 anos, teve várias vezes problemas de droga. Entretanto, os investigadores não tinham dado, ao princípio da tarde, precisões sobre as circunstâncias da sua morte.

Líbios retidos no Aeroporto de Heathrow

Dezena e meia de cidadãos líbios foram retidos ao desembarcarem na tarde de terça-feira no Aeroporto de Londres-Heathrow, anunciou o Ministério do Interior brtiânico.

Os passageiros de um «Boeing 727» líbio que aterrou em Heathrow às 13.35 locais continuavam a ser interrogados ao fim da tarde por responsáveis do Departamento da Imigração.

Consulado iraniano ocupado

O Consulado iraniano em Londres foi hoje de manhã ocupado por um grupo de estudantes de nacionalidade não determinada, anunciou a Polícia.

O grupo está desarmado e parece ter entrado por uma janela do consulado.

A Polícia cercou uma ampla zona em redor do edifício, no bairro central londrino de Kensington.

Gemayel nomeia primeiro-ministro

O dirigente moderado sunita Rashid Karameh foi hoje nomeado primeiro-ministro do Líbano e encarregado da formação do Governo de unidade nacional, anunciou um porta-voz do presidente Amin Gemayel.

Karameh, de 62 anos, principal dirigente político na cidade setentrional de Tripoli, a segunda do Líbano, presidiu já a diversos gabinetes libaneses nos anos 60 e 70.

Segundo o porta-voz presidencial, a sua nomeação para o cargo é resultado de consultas feitas por Gemayel nos últimos dias.

Ruiz Mateos detido em Francoforte

O ex-presidente do «Holding» espanhol, José Maria Ruiz Mateos, foi ontem detido em Francoforte devido a uma ordem de captura das autoridades espanholas por supostos delitos puníveis também pelas leis da Alemanha Federal.

A revelação foi feita à Agência Espanhola de Notícias (EFE) pelo fiscal superior da audiência territorial de Francoforte que referiu que os delitos eventualmente cometidos por Ruiz Mateos são os de falsificação de documentos e de desfalques.

VEJA
PARTICIPE
RÁDIO
AO VIVO
amanhã
das 16 às 20 h.
ENTRECAMPOS
RÁDIO ALAVANCA
A VOZ DOS
TRABALHADORES

TURISMO SOCIAL

CONHEÇA MELHOR O PAÍS QUE VISITA
... E VIAGE MAIS BARATO

• BULGÁRIA	15 dias	80 000$00
• CHECOSLOVÁQUIA	15 dias	85 000$00
• HUNGRIA	11 dias	75 000$00
• RDA	8 dias	80 000$00
• ROMÉNIA	15 dias	100 000$00
• URSS	14 dias	87 000$00
• ÁSIA CENTRAL	8 dias	68 000$00
• CÁUCASO	15 dias	84 500$00
• REP. BÁLTICAS	14 dias	94 000$00
• SIBÉRIA	14 dias	91 000$00
• VOLTA DO BÁLTICO	17 dias	93 500$00
	14 dias	98 000$00
	15 dias	127 000$00

Incluindo pensão completa, excursões, visitas sociais e guia.
Inscrições já abertas (possibilidades de prestações até à data da partida).

Compare Preços... e Viaje Connosco

AGITURISMO
Peça Programas Detalhados
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 LISBOA
Tel. 37 31 10-11
Alv. Op. 414

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO 1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 8 de Maio de 1984, pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Braancamp n.º 5-4.º, vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Júlio & Lima, Ld.ª, com sede na Rua Francisco Metrass, n.º 58-A, Lisboa, no processo de execução fiscal 8642/83, instaurado por dívida ao Centro Regional Segurança Social de Lisboa.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Uma máquina de costura «Singer» industrial de cor azul n.º FA - 382277 - a que se atribui o valor presumível de 10.000$00.

Verba n.º 2 — Uma máquina de costura «Singer» industrial cor azul n.º FA - 382291 - a que se atribui o valor presumível de 10.000$00.

Verba n.º 3 — Uma máquina de costura «Pfaff» industrial cor cinzenta em razoável estado de conservação e funcionamento, com o n.º 8518275, a que se atribui o valor presumível de 10.000$00.

Verba n.º 4 — Uma máquina de costura «Adler» em razoável estado de conservação com o n.º 167992043, cor cinzenta, a que se atribui o valor presumível de 10.000$00.

Verba n.º 5 — Uma máquina de costura cor cinzenta marca «Pfaff» n.º 700089, a que se atribui o valor presumível de 5000$00.

Verba n.º 6 — O direito ao arrendamento e trespasse do prédio sito na Rua Francisco Metrass n.º 58 - A - loja, composta de r/chão e cave amplas, com casa de banho no r/chão, cuja renda mensal é de 25.000$00, sendo o senhorio, representado pelo seu procurador Celestino Ferreira Tomaz, residente em Pero Pinheiro - 2715, a que é atribuido o valor de 4.500.000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos do executado bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 23 de Abril de 1984

O Juiz de Direito
Manuel Luís Macaista Malheiros

O Liquidador Tributário
Carlos Manuel Almeida Alvelos

«DL» 26/4/84 1.ª Pub

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO 1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 8 de Maio de 1984, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braancamp n.º 5-4.º, vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Eugénio da Silva Cavaneiro, com sede na Rua Visconde de Seabra, 22-8.º Esq. Lisboa, no processo de execução fiscal n.º 1976/80, instaurado por dívida a Imposto Complementar.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Loja 42-A designada pela facção B do prédio em propriedade horizontal, sito na Rua Infantaria 16, n.º 69, tornejando para a Rua Francisco Metrass, n.º 42, em Lisboa, inscrito na matriz predial urbana da freguesia de Santa Isabel sob o art. n.º 5259, com o rendimento colectável de 87.480$00, a que corresponde o valor matricial de 1749.600$00 e descrito na 7.ª Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o art.º 1595 a folhas 20 do livro B — seis.

Verba n.º 2 — 4.º andar letra E, designado pela fracção X, do prédio constituído em propriedade horizontal, sito na Rua Infantaria 16, n.º 69, tornejando para a Rua Francisco Metrass, n.º 42, em Lisboa, composto de 2 divisões.

Kitchnet e casa de banho, inscrito na matriz predial urbana da freguesia de Santa Isabel sob o art.º 5259, com o rendimento colectável de 25.536$00 a que corresponde o valor matricial de 510.720$00 e descrito na 7.ª Conservatória do Registo Predial de Lisboa, sob o n.º 1595 a folhas 20 do libro B — seis.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos do executado bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 23 de Abril de 1984

O Juiz de Direito
Manuel Luís Macaista Malheiros

O Liquidador Tributário
Carlos Manuel Almeida Alvelos

«DL» 26/4/84 1.ª Pub

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO 1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 8 de Maio de 1984, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braancamp n.º 5-4.º, vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Fábrica de Malhas Begui, Ld.ª, com sede na Rua Neves Ferreira, n.º 21 – 1100 Lisboa, no processo de execução fiscal n.º 10/84, instaurado por dívida de Centro Regional Segurança Social de Lisboa.

BENS PENHORADOS

Verba única — Uma máquina recta automática de duas cabeças, jogo 12/183, para fabricação de camisolas com o n.º 18.232, da marca «Singer Alemania», em bom estado no valor de 1.000.000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 23 de Abril de 1984

O Juiz de Direito
Manuel Luis Macaista Malheiros

O Liquidador Tributário
Carlos Manuel Almeida Alvelos

«DL»—26/4/84 – 1.ª Pub

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para expoloração em Portugal da patente de invenção N.º 71 724, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE NOVOS DERIVADOS DE 1,4 — DIHIDROPIRIDINA OPTICAMENTE ACTIVOS COM EFEITO ANTI-HIPERTENSIVO E VASODILATADOR E DE COMPOSIÇÕES FARMACÊUTICAS QUE OS CONTÊM».

Trata: CLARKE MODET & C.ª LD.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, N.º 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO 1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 9 de Maio de 1984, pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Braancamp n.º 5-4.º, vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Alberty Infantários, Ld.ª, com sede na Av. António Augusto de Aguiar, 179 r/c - Dt.º Lisboa, no processo de execução fiscal n.º 67/84, instaurado por dívida ao Centro Regional de Segurança Social de Lisboa.

BENS PENHORADOS

Verba única – O direito ao arrendamento e trespasse do r/c Dt. da Av. António Augusto de Aguiar, n.º 179, pelo qual é paga a renda mensal de 27 378$00 e procurador e senhorio o Banco Português do Atlântico, com sede na Av. António Augusto de Aguiar, 38 em Lisboa, e bem assim o respectivo recheio constante da relação anexa, a que se atribui o valor total presumível de 1 000 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 23 de Abril de 1984

O Juiz de Direito,
(Manuel Luís Macaista Malheiros)

O Liquidador Tributário,
(Carlos manuel Almeida Alvelos)

«D.L.» – 26/4/84 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO 1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 9 de Maio de 1984, pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Braancamp n.º 5-4.º, vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados à Editora Arcadia SARL, com sede em Campo de St.ª Clara n.º 160 – D Lisboa, no processo de execução fiscal n.º 47/84.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito ao arrendamento e trespasse das instalações sitas no Campo de Santa Clara, 160, Letra D, compostas por rés-do-chão, cave e sub-cave, pelas quais é paga a renda mensal de 27.000$00, por notificação de 8-3-84, do 3.º Juizo do tribunal Civil da Comarca de Lisboa, 1.ª Secção, processo n.º 8556, sendo senhorio a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a que foi atribuido o valor de 6.000.000$00

Verba n.º 2 — Uma máquina fotocopiadora da marca «OCE - 1250», s/ número visível, em bom estado de funcionamento, no valor de 20.000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 23 de Abril de 1984

O Juiz de Direito
Manuel Luis Macaista Malheiros

O Liquidador Tributário
Carlos Manuel Almeida Alvelos

«DL»—26/4/84 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 1.º JUÍZO ARREMATAÇÃO 1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 9 de Maio de 1984, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braancamp n.º 5-4.º, vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Galvotas, Ld.ª, com sede na Rua das Galvotas, 10 a 24 – 1200 LISBOA no processo de execução fiscal n.º 4828/83, instaurado por dívida ao Centro Regional de Segurança Social de Lisboa - Indústria.

BENS PENHORADOS

Verba única – um prédio urbano, sito na Rua Fernandes Tomás, número sessenta e quatro e sessenta e quatro letra A, (64 e 64-A) da freguesia de St.ª Catarina, inscrito na respectiva matriz sob o art.º actual número cento e quarenta e quatro (144) que proveio do art.º duzentos noventa e nove (299), com o rendimento colectável de sessenta e cinco mil trezentos e dezanove escudos (65 319$00), a que corresponde o valor matricial de um milhão trezentos e seis mil trezentos e oitenta escudos (1 306 380$00). Encontra-se descrito na 4.ª Conservatória do Registo Predial de Lisboa, sob o número quatro mil cento e sessenta e dois (4162) a fls. cinquenta e cinco (55) verso do livro B – doze (12), e compõe-se de loja, primeiro, segundo, terceiro (1.º 2.º, 3.º) andares e águas furtadas, 4, pavimentos. A loja tem sete (7) vãos e os outros pavimentos têm três (3) cada para a frente e quatro (4) vãos cada para trás. Prédio modernizado, de regular construção, forrado de azulejos e em regular estado de conservação. Destina-se a indústria e habitação. Área total seiscentos e sessenta e seis metros (666) quadrados. Área coberta de seiscentos e sessenta e seis (666) metros quadrados. Loja sessenta e quatro letra A (64-A) lojas fábricas de vidros; sessenta e quatro letra B (64-B) e sessenta e seis (66), oito (8) divisões; 1.º andar (primeiro) seis (6) divisões; segundo (2.º) andar seis (6) divisões; terceiro (3.º) andar seis (6) divisões; águas furtadas cinco (5) divisões.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 23 de Abril de 1984.

O Juiz de Direito
(Manuel Luís Macaista Malheiros)

O Liquidador Tributário,
(Carlos Manuel Almeida Alvelos)

«D.L.» – 26/4/84 – 1.ª Pub.

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confecções

Av. João XXI, 5-D – 1000 (Metro Areeiro) – R. Infantaria 16, 55-C – 1300 LISBOA

COMPRE A PREÇOS LOUCOS NOS MOVÉIS PICA-PAU

NOVA GERÊNCIA

SALÕES DE EXPOSIÇÃO (Fábricas Porto e Leiria)
AMADORA — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B — Tel. 945691
BAIXA DA BANHEIRA — R. P.e António Vieira, 9 — Tel. 2041192
BARREIRO — Av. Miguel Bombarda, 158-A, 158-B — Tel. 2072224
MEM MARTINS — Rua Chaby Pinheiro, 8 e 12 — Tel. 9217294
LISBOA — Rua Luciano Cordeiro, 18-A — Tel. 41384
ALVERCA — 4+1000 — Rua Proj. à Rua Brig. F. A. de Oliveira, 5, r/c

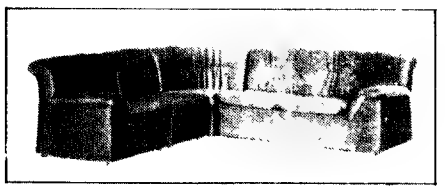
(AS NOSSAS LOJAS DA AMADORA E MEM MARTINS ESTÃO ABERTAS AOS SÁBADOS, ATÉ AS 19 HORAS)

LOJAS ASSOCIADAS

VILA FRANCA DE XIRA — R. Alves Redol, 80-B (Rua Principal)
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 - Codex 2800 - Tel 2769001
ODIVELAS — Salão na Fábrica - R. Alfredo Rues, 50 — Pedernais - Tel. 9810711 (à Ponte da Bica) — Est Odivelas — Caneças
PAIVAS — Estrada Nacional, 10 - Lote 30 (mesmo no extremo dos Paivas c/ a Cruz de Pau)
CASTELO BRANCO — Av. Nuno Álvares Pereira, Bloco-B (Junto aos Bombeiros)
PORTO — Av. da Boavista, 1092 — Codex 4100 — Tel. 697447
COIMBRA — Av. Fernão de Magalhães, 60 — Tel. 26185

NOTE BEM: As lojas na Av.ª da Boavista 1092, no Porto e Av. Fernão de Magalhães, 60, em Coimbra, esto abertas das 9.30 às 21 horas, incluindo sábados.

QUARTOS DE CASAL DESDE 14 500$00



JOGOS DE MAPLES DESDE 13 000$00

EM ALMADA, SECÇÕES DE SUPERSALDOS NO 1.º ANDAR

ESTANTES DE CANTO A PREÇOS LOUCOS

QUARTOS DE CRIANÇA DESDE 14 950$00

MÓVEIS DE TODOS OS MODELOS

R.N. RODOVIARIA NACIONAL

APROVEITE AS NOSSAS CONDIÇÕES
TEMOS PARA LHE OFERECER!

- AUTOCARROS CONFORTÁVEIS
- MOTORISTAS EXPERIENTES

PARA FINS-DE-SEMANA, VISITAS DE ESTUDO OU ITINERÁRIOS À SUA ESCOLHA

- BADAJOZ
- SERRA DA ESTRELA
- ALGARVE — Amendoeiras em flor
- FÁTIMA E GRUTAS
- E OUTROS...

PENSAMOS EM SI!... VISITE-NOS

R.N.

Av. Casal Ribeiro, 18-B-5.º Piso
Lisboa
Telef.: 57 06 56/57 05 50

DESPORTO

Aberdeen, 0-FCPorto, 1

História do chapeuzinho vermelhinho

Ao princípio era o sonho, alicerçado num desejo repetido ano após ano de fazer mais e melhor. O F. C. do Porto, que nunca passara do limiar da porta europeia, está agora, por mérito próprio, numa final, o que costitui uma realidade assinalável no vasto historial do clube «azul e branco». Realidade que o conjunto nortenho foi construindo paulatinamente sobre bases sólidas e com grande humildade: e o «edifício» que era um sonho aí está, para gáudio da dedicada massa associativa portista que, sobretudo ontem, viveu intensamente o feito cometido, sentimento bem expresso, aliás, no «S. João» antecpiado que «encheu» a baixa portuense, conhecido que foi o desfecho de Aberdeen.

Proeza tanto mais de realçar quanto é certo que a turma escocesa era (e é ainda) a detentora das últimas Taças das Taças e Supertaça. Mas ontem, o Aberdeen foi uma equipa quase vulgar. Não por sua culpa, pois tudo fez para recurerar a desvantagem de um golo registada nas Antas, mas por mérito do conjunto portista que montou uma «teia» muito bem urdida, por onde não passava nem formiga. A lição que António Morais ministrou aos seus pupilos, mormente no tocante ao modo como deviam ser tapados todos os caminhos que conduzissem à baliza de Zé Beto, não foi esquecida e, a prová-lo bastará referir que se podem contar pelos dedos de uma só mão as oportunidades de golo forjadas pelos escoceses ao longo dos 90 minutos.

Com uma disciplina táctica verdadeiramente notável, a turma portista raramente concedeu um palmo de terreno ao adversário, ainda que, para isso, tivesse de ser sacrificada, como foi, a manobra atacante. Na hora de suster o ímpeto dos escoceses os «azuis e brancos» cerraram fileiras e ninguém (mas ninguém mesmo) deixou de dar o melhor de si para que o sonho lindo se tornasse uma verdade.

Concretamente, pode dizer-se que o Aberdeen, com todas as qualidades que se lhe reconhecem, jamais mostrou, frente ao F. C. Porto, os predicados da «melhor equipa europeia», titulo com que fora distinguida na época transacta. Strachan, o «patrão» da equipa, que está em vias de se mudar, com armas e bagagens, para os italianos (Verona), depois de assediado também por uma equipa alemã, terá sido a única excepção num conjunto que se quedou pela mediania face à estratégia portista. Dos pés de Strachan saíram os dois lances meis perigosos do Aberdeen: um aos 10 minutos, quando Black se isolou e rematou à rede lateral da baliza de Zé Beto, e o outro, aos 49 minutos, em que o mesmo jogador, igualmente servido por Strachan, não soube aproveitar a saída em falso do guardião portista, compensada depois pelo primoroso alívio de Lima Pereira, mesmo sobre o risco fatal.

Um «chapeú» do tamanho da Torre dos Clérigos

Defender, defender sempre e bem foi uma das facetas do conjunto portista, que, como dissemos, se fechou a sete chaves no seu reduto nos períodos de maior assédio escocês. No entanto, será bom que se diga, o F. C. do Porto jamais foi uma equipa dominada, no sentido mais lato do termo. A iniciativa pertencia ao Aberdeen (nem outra coisa seria de esperar no Pittodrie Stadium) mas, no entanto, o F. C. Porto teve sempre bem presente os limites até onde podiam entrar as «gazuas» escocesas. Por outro lado, será igualmente de salientar que não raras vezes os «azuis e brancos» fizeram tremer o «santuário» do Aberdeen, quando Jaime Magalhães (pela direita) e Jaime Pacheco (pela esquerda) ameaçavam passar de uma situação defensiva para a ofensiva. Ameaças que ganharam expressão depois da entrada de Costa (aos 69 minutos) para o lugar de Jaime Magalhães que havia sido admoestado com um «amarelo» e a partir daí ficara retraído.

Com a entrada daquele que era considerado pelos escoceses como uma das «armas terríveis» do Porto, Vermelhinho derivou para o flanco direito, onde forjaria aquele lance genial que fez dobrar a espinha aos escoceses: à passagem dos 75 minutos, com um raide verdadeiramente espectacular, Vermelhinho deu «xeque-mate» ao Aberdeen, culminando a burla a dois opositores com um «chapéu» do tamanho da Torre dos Clérigos sobre o guardião escocês. Era o passaporte para Basileia, com toda a carga emocional que o mesmo transportava. Era o delírio portista no «santuário» do Aberdeen e a «explosão» na Cidade Invicta. Era, em suma, o toque de finados para o supercampeão escocês e a entrada triunfal do conjunto portista no areópago europeu.

Um ilustre desconhecido para os portugueses, o checoslovaco Dusan Krachnach foi o árbitro sóbrio e muito atento ao desenrolar de cada lance, o que lhe permitiu decidir quase sempre bem, como aliás se desejava num jogo de tamanha responsabilidade.

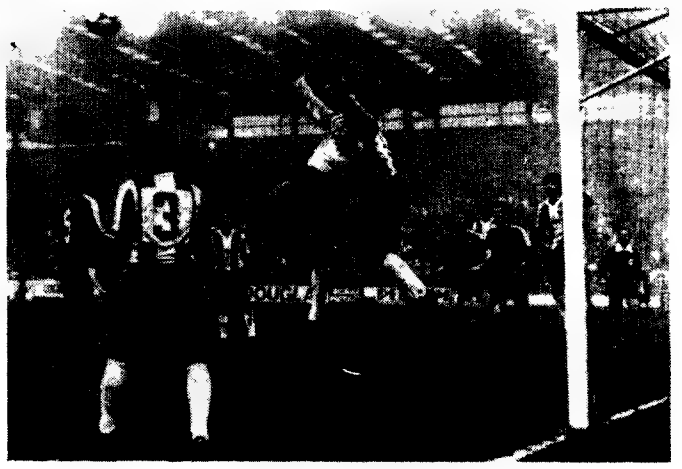
«S. João»

O S. João «voltou» às ruas do Porto, para festejar a qualificação da equipa das Antas para a sua 1.ª final europeia de futebol. Depois de o F. C. do Porto garantir na Escócia (vencendo, por 1-0, o Aberdeen) a presença na final da Taça dos Vencedores de Taças, as ruas do centro da capital do Norte encheram-se de uma multidão ruidosa e fazendo ondular bandeiras azuis-brancas.

Durante as duas horas anteriores, a cidade parecia deserta. O apito final do árbitro marcou o início das caravanas de automóveis, buzinando, e do desfile de grupos que, gradualmente, foram congestionando e enchendo por completo as principais artérias da baixa da cidade. De sublinhar a presença de bandeiras do Benfica, Sporting e Boavista entre as centenas de azuis-brancas do F. C. do Porto.

Saudações

O vice-primeiro-ministro, professor Mota Pinto, enviou para Aberdeen um telegrama de felicitações ao FC Porto que ali garantiu a sua 1.ª presença numa final europeia de futebol. Em telegrama dirigido ao presidente da direcção do clube, Mota Pinto exprimiu aos dirigentes, técnicos e atleytas do FC Porto **os mais sinceros parabéns** pelo êxito desportivo alcançado. Noutro telegrama dirigido ao técnico José Maria Pedroto, o vice-Primeiro-Ministro saudou-o como um dos principais artífices do notável comportamento da equipa de futebol do Porto na Taça dos Vencedores de Taças



Porto: defesa a punhos

Apito final: alegria incontida entre os portistas

A bela escalada

A vitória do F. C. do Porto em Aberdeen foi o seu 4.º triunfo por 1-0 nos oito jogos disputados na presente Taça dos Vencedores de Taças, de que a equipa é pela primeira vez finalista. Quatro equipas foram sucessivamente eliminadas pelo F. C. do Porto, duas das quais escocesas. Na 1.ª eliminatória, a equipa nortenha deslocou-se a Zagreb (na Jugoslávia) onde perdeu por 1-2, para vencer depois, nas Antas, por 1-0. Na eliminatória seguinte, sucedeu o mesmo, desta vez em Galsgow (Escócia): derrota fora por 1-2 e vitória nas Antas por 1-0. Nos quartos-de-final, o F. C. do Porto começou por vencer nas Antas o Shaktior Donetsk (3-2) para depois empatar (1-1) na União Soviética. Finalmente, nas meias-finais, duas vitórias por 1-0 sobre o Aberdeen, primeiro no Porto e agora na Escócia.

No total dos oito encontros, o F. C. do Porto venceu cinco, empatou um e perdeu dois, marcando 10 golos e sofrendo sete. Gomes marcou quatro dessa dezena de golos, Jacques dois, e os restantes foram obtidos por Jaime Pacheco, Walsh, Frasco e Vermelhinho.

A 4.ª feira europeia

Resultados dos jogos ontem disputados da 2.ª «mão» das meias-finais das Taças europeias de futebol:

● Taça dos Campeões: Roma (Itália) - Dundee United (Escócia) 3-0 (0-2 na 1.ª «mão») e Dínamo Bucareste (Roménia) - Liverpool (Inglaterra) 1-2 (0-1). Apurados para a final: Roma e Liverpool.

● Taça dos Vencedores de Taças: Aberdeen (Escócia) - FC Porto (Portugal), 0-1 (0-1) e Juventus (Itália) - Manchester United (Inglaterra) 2-1 (1-1). Apurados para a final: FC Porto e Juventus.

● Taça UEFA: Tottenham (Inglaterra) - Hajduk Split (Jugoslávia) 1-0 1-2 e Anderlecht (Bélgica) - Nottingham (Inglaterra) 3-0 (0-2). Apurados para a final: Tottenham e Anderlecht.

O programa das finais é o seguinte:

● Taça dos Clubes Campeões Europeus a 30 de Maio em Roma: Liverpool (Inglaterra) – AS Roma (Itália)

● Taça dos Vencedores de Taças a 16 de Maio, em Bale: Juventus (Itália) – FC Porto (Portugal)

● Taça UEFA a 9 e 23 de Maio, respectivamente na Bélgica e Inglaterra: Anderlecht (Bélgica) e Tottenham (Inglaterra).

Entretanto, o sorteio da 1.ª eliminatória das taças europeias de futebol para a época de 1984-85 vai realizar-se 3.ª-feira, 10 de Julho, às 12 horas locais (11 h de Lisboa), em Geneve, anunciou a União Europeia de Futebol (UEFA). O sorteio terá lugar no Hotel Intercontinental, tal como já sucedera o ano passado.

Árbitro: Dusan Krachnach (Checoslováquia).

Aberdeen: Leighton; McKimmie (Cooper, aos 63m), McLeish, Miller e Rougvie; Hewitt (Peter Weir, aos 73m), Simpson e McGhee; Strachan, Black e Bell.

F. C. do Porto: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Eduardo Luís; Frasco (Quinito, aos 85m), Jaime Pacheco e Sousa; Jaime Magalhães (Costa, aos 69m), Gomes e Vermelhinho.

Marcador: Vermelhinho (75m). Cartão amarelo: Jaime Magalhães (66m).

TOTOBOLA *a chave*

Chave do 3.º concurso extraordinário do Totobola, relativo aos jogos realizados para as taças europeias e à jornada de domingo do campeonato espanhol:

Dínamo Bucareste-Liverpool	2
Roma-Dundee United	1
Aberdeen-FC Porto	2
Juventus-M. United	1
Tottenham-H. Split	1
Anderlecht-Nottingham	1
Barcelona-Espanhol	1
Salamanca-At. Madrid	X
Saragoça-Sevilha	X
Valência-A. Bilbau	2
Málaga-Murcia	1
Bétis-Gijon	1
Real Madrid-Valladolid	1

Valor de cada prémio: 2 757 290 escudos.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.° 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o processo n.° 1/638, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Abrã, concelho de Santarém, de uma linha aérea a 15 KV com 383 metros, do poste n.° 9, da linha para o P.T. STR n.° 159 da Estação Elevatória de Águas de Amiais de Baixo, ao posto de transformação STR n.° 270 de Vale de Ferraria, sito em Vale de Ferraria.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, em 16 de Março de 1984

PEL'O ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.° 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Santarém, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o processo n.° 1/556, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Póvoa da Isenta, concelho de Santarém, de uma modificação sem aumento de Comprimento, da linha aérea a 15 KV para o PT STR n.° 207 de Póvoa da Isenta com a colocação de um novo apoio n.° 7 no vão compreendido entre o poste n.° 6 e o referido P.T..

Linha aérea a 15 KV, com 963 metros, do poste n.° 7 da linha para o P.T. STR n.° 207 de Póvoa de Isenta ao P.T. STR n.° 263 de Atalaia.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, em 16 de Março de 1984

PEL'O ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.° 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos Concelhos de Santarém e Torres Novas, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o processo n.° 1/596, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Casével, concelho de Santarém e na freguesia de Alcorochel, concelho de Torres Novas, de uma linha aérea a 15 KV, com 1035 metros, do poste n.° 34, da linha para o P.T. STR n.° 138 de Charneca, ao posto de transformação STR n.° 268 de Charneca, sito no lugar de Charneca, na freguesa de Alcorochel, no concelho de Torres Novas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou nas Secretarias daquelas Câmaras Municipais, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, em 16 de Março de 1984

PEL'O ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos

DESPORTO

ponta esquerda

Setúbal apresenta oficialmente protesto do jogo vilacondense

O Vitória de Setúbal confirmou, na Federação Portuguesa de Futebol, a declaração de protesto do jogo que efectuou (domingo) com o Rio Ave, em Vila do Conde, a contar para o campeonato da 1.ª divisão.

o presidente do clube sadino, Fernando Pedrosa, disse (em conferência de Imprensa) que o protesto se baseia no facto de o árbitro Mário Luís (de Santarém) atingido com uma pedrada pela assistência a poucos minutos do termo do desafio, ter dado o encontro por terminado e abandonado o campo, reatando-o mais tarde. Mário Luís (segundo foi afirmado pelos dirigentes setubalenses na conferência de Imprensa) declarou aos capitães das duas equipas e aos delegados do Rio Ave e do Vitória que o jogo terminara e que não voltava a reatá-lo «**porque tinha mulher e filhos e não queria morrer**». «**No entanto, pressionado pelos responsáveis vila-condenses e para evitar acontecimentos mais graves, dado o estado de espírito dos adeptos do Rio Ave, anui a reatar o desafio, já depois de alguns jogadores setubalenses se terem desequipado**» – disse Fernando Oliveira, delegado do Vitória ao encontro.

Aquele dirigente dos sadinos acrescentou que comunicara que o Vitória prosseguia a partida, mas sob declaração de protesto, e que o árbitro lhe dissera no final «**para o Vitória protestar, pois iria dizer no relatório o que se passara**».

Os dirigentes do clube sadino, que acabou por sofrer o golo da derrota (1-2) a dois minutos do fim, sublinharam que não desistirão do protesto, mesmo que o vitória ganhe entretanto o direito de disputar a Taça UEFA, pois que «**está em causa é a verdade desportiva não ser defraudada**».

«**A declaração de protesto** (disseram) **significa a solidariedade do Vitória para com o árbitro, que esperam mantenha no relatório as afirmações feitas no final do encontro**».

Os dirigentes do Vitória acentuaram a correcção que imperou entre os jogadores, que não viram nenhum cartão mostrado por Mário Luís, e que nada os move contra a direcção do Rio Ave, cuja atitude de «**coacção sobre o árbitro verberam, mas compreendem face às consequências (perda de pontos e campo interditado) que adviriam para os vila-condenses se a partida não fosse reatada**».

Boavista: Alves põe e dispõe

O futebolista internacional João Alves, do Boavista, convidou o treinador Acácio Casimiro (do Alba) para secretário técnico do clube do Bessa para a próxima época futebolística. Acácio, que jogou durante alguns anos no Boavista de Pedroto e também no Espinho, Famalicão e Paredes (e no Amarante, Paredes e Alba foi treinador) regressa, assim, ao clube axadrezado para desempenhar funções idênticas às de Luís César, no FC Porto.

O novo secretário fará parte da equipa técnica do Boavista para a próxima temporada, a qual será também constituída por Alves, (como adjunto de Mário Wilson) embora continuando a jogar e o professor Vítor Frade, como preparador físico. Acácio e Vítor Frade assinaram no Porto, na presença de Valentim Loureiro e de Mário Wilson, contratos por uma época. Maximino Marques continuará na chefia do departamento de futebol.

Ainda antes de terminar o campeonato de futebol da 1.ª divisão deste ano, Alves foi igualmente o responsável pelas aquisições de José Rafael, Filipovic e Padinha, uma vez que se gorou a de Chalana. Entretanto, os futebolistas Vitoriano e André (Varzim), Quim (Rio Ave) e Jorginho (Águeda) poderão vir a fazer parte do lote dos profissionais do clube do Bessa para a próxima temporada.

Goethals: irradiação confirmada

A Federação Belga de Futebol confirmou a pena de irradiação aplicada a Raymonth Goethals e a Roger Petit, antigos treinador e presidente do Standard de Liège. A sansão fora-lhes aplicada a 2 do corrente, por terem sido considerados os principais responsáveis pela «compra» do resultado do jogo Waterchei-Standard, último do campoenato belga de 1982 e que deu o título à equipa de Liège, ao vencer por 3-1.

Na mesma ocasião, a justiça federativa aplicou três aos de suspensão a Gerets (antigo «capitão» do Standard) e dois anos a Janssen, (do Waterchei) que servira de intermediário no escândalo. O Comité de Apelo da Federação de Futebol baixou-lhes agora a suspensão para dois anos e ano e meio, respectivamente, mas manteve a suspensão por um ano de outros sete futebolistas do Standard. Os castigados são os «internacionais» belgas Preudhome, Neeuwes, Daerden, Plessers, Vandermissen, e ainda Poel e o «internacional» holandês Tahamata.

SNOBISSIMO
BAR – RESTAURANTE

AGORA EM LISBOA
ALMOÇOS
JANTARES
E CEIAS
DAS 11 H. ÀS 02 H.
COZINHA: PORTUGUESA
FRANCESA
(CREPES)
MARROQUINA
(COUSCOUS)
TRAVESSA ANDRÉ VALENTE, 8
TELEFONE 32 89 20 — 1200 LISBOA
(À CALÇADA DO COMBRO)

Natação: congresso técnico com mestres estrangeiros

A Associação Portuguesa de Técnicos de Natação (APTN) leva a efeito nos dias 27, 28 e 29 do corrente nas instalações do Instituto Nacional de Investigações das Pescas (na Av. Brasília, junto à Doca Pesca, em Algés), o seu «III Congresso Técnico» e que corresponde às «VIII Jornadas Técnicas de Natação». Esta iniciativa enquadra-se na preocupação da APTN em manter os técnicos nacionais actualizados sobre os mais recentes estudos sobre natação.

Assim, vão estar presentes os técnicos italianos Marco Parigiani e Mário Andolfi, responsáveis pela preparação física da equipa olímpica do seu país e autores de vários trabalhos na especialidade. Também estará entre nós o técnico Wolgang Nutzel, conselheiro técnico da Federação de natação da Baviera e responsável pela formação de técnicos na República Federal da Alemanha. Haverá, comunicações pelo professor Teotónio Lima, dr. Manuel Sérgio, dr. Fidalgo Freitas e dr. Camacho Vieira. Participam igualmente os professores de educação física Gomes Pereira, Francisco Alves, Pedro Sarmento, Brito Rosa e Jorge Torres.

Os trabalhos desenrolam-se durante três dias, (com início às 9 horas e prolongam-se até às 19. O programa está assim elaborado, no tocante ao dia de amanhã: recepção a todos os congressistas e sessão de abertura com a presença do director-geral dos Desportos; às 11 horas comunicação pelo professor Teotónio Lima (Metodologia do Treino), às 12 o dr. Manuel Sérgio falará sobre a filosofia das actividades corporais, às 14 e 30 Marco Parigiani e Mário Andolfi, abordam a preparação física do nadador); às 16 e 30 horas Wolgang Nutzel dissertará sobre o treino de jovens nadadores e às 17 e 30 assembleia geral da APTN para apreciação e votação do Relatório e Contas da Gerência de 1983.

Sábado: às 9 horas, Wolgang Nutzel prossegue a palestra respeitante ao treino dos jovens; 10: Mário Andolfi; 11: Mário Parigiani numa comunicação sobre preparação física fora de água; 14 e 30: dr. Fidalgo Freitas falará sobre psicologia desportiva; às 15 e 30 o dr. Camacho Vieira aborda a medicina desportiva; 16.30: os professores Gomes Pereira e Francisco José Alves abordam a metodologia do treino; 17 e 30: o professor Brito Rosa falara sobre preparação física do nadador, 19 e 30: partida dos congressistas para o jantar de convívio em restaurante típico nos arredores de Sintra. Domingo: às 9 horas: prof. Pedro Sarmento dissertará sobre a aprendizagem em natação; 10: prof. Jorge Torres (Comunicação sobre os campeonatos nacionais); 11: painel com os prelectores estrangeiros; 13: encerramento.

Futebol por aí fora

3.ª Divisão

Resultados de jogos ontem realizados para o Campeonato Nacional de Futebol da 3.ª Divisão; na Série C, 8.ª jornada: Mangualde-Sourense, 3-0; Série E, 24.ª jornada: Samora Correia - Santa Clara, 1-0; e Benfica Águias - Lusitânia, 0-0; Série B, 27.ª jornada: União de Lamas - Paivense, 3-0.

Juniores

Resultados de encontros em atraso a contar para o campeonato de futebol de juniores: União de Coimbra - FC Porto, 1-1 e Boavista - Repesense, 7-0.

Particulares

O Sporting de Espinho, último classificado da 1.ª Divisão de futebol, venceu por 2-1 o Leixões, da Zona Norte da 2.ª Divisão, em jogo particular realizado em Espinho.

O Desportivo de Beja e o Portimonense defrontam-se hoje à noite no Estádio Municipal de Beja, em jogo particular para inauguração da nova iluminação daquele recinto desportivo. Será igualmente inaugurado, antes do encontro, o novo sistema sonoro do Estádio Municipal da capital do Baixo Alentejo.

O Sporting venceu o Olhanense (da 2.ª divisão) por 3-1, em jogo particular disputado naquela cidade algarvia. Ao intervalo o Sporting vencia por 2-0, golos de Fernando Cruz. Na 2.ª parte o Olhanense reduziu por João Feina e Roger Wilde fixou em 3-1 o resultado.

Nunes pretendido

O presidente do Vitória de Setúbal revelou que o Benfica, FC Porto e Sporting manifestaram ao clube sadino interesse pelo futebolista Nunes. Fernando Pedrosa sublinhou que lhes fora comunicado que não haveria negociações enquanto durar o campeonato, **mas que o Vitória estará aberto a todos os contactos, pois não quer prejudicar os seus atletas.**

Trocas e baldrocas

Mais mudanças de jogadores: Teixeirinha deixa o Estoril para o Portimonense, onde deve reunir-se-lhe o brasileiro Tião. E, em Guimarães, o Vitória rescinde os compromissos com Da Silva e Nivaldo (que já firmou contrato com o Benfica).

Juvenis: campeonato

A Federação de Futebol vai apresentar, em próxima assembleia geral uma proposta para transformar a «Taça Nacional de Juvenis» em «Campeonato Nacional de Juvenis», já na época 84/85, com participação dos três primeiros classificados de cada série da 1.ª fase desenrolada na temporada corrente.

Académico: Torneio em França

O Clube Académico de Coimbra classificou-se em 5.º lugar num torneio internacional de futebol de infantis disputado em França por 16 equipas europeias. Com um saldo positivo de três vitórias e dois empates, os jovens do Académico conquistaram também nesta prova os troféus da melhor equipa, melhor defesa e melhor ataque. Dos jogos disputados pelos infantis do Académico ressalta uma vitória alcançada sobre o Barcelona, por 9-0.

As equipas participantes no torneio, eram oriundas da Holanda, Bélgica, Espanha, Suíça e França, além do Académico. A vencedora foi a turma do Lormont, clube organizador. Augusto Alves, director do departamento de futebol do Académico (que acompanhou a equipa a França) salienta o **acolhimento espectacular** de que foi alvo a comitiva portuguesa por parte dos emigrantes residentes naquela zona (Bordéus).

França

Resultados da 1.ª-mão das meias-finais da Taça de França de futebol. Mónaco - Toulon, 4-1 e Nantes-Metz, 2-1. Os encontros da 2.ª-mão realizam-se no próximo dia 5 de Maio.

Resultado do encontro atrasado da 36.ª jornada de o campeonato de França de futebol: Paris SG - Estrasburgo, 2-0. Tabela dos mais classificados: 1.º Mónaco, 51 pontos; 2.º Bordéus, 50 p; 3.º Auxerre, 47 p; 4.º Toulouse, 44 p; 5.º Paris SG, 43 p.

MICROSCÓPIO

Prancha à vela

Sábado e domingo próximos vai ter lugar um torneio de prancha à vela, nas Praias do Barril e de Pedras d'el-Rei (Algarve), com organização do Clube de Vela de Tavira e do Centro Náutico das Pedras d'el-Rei.

Pela 1.ª vez em Portugal haverá prémios monetários: 10,7 e 3 mil escudos. As regatas obedecem às regras da Yuru e da Federação Portuguesa de Vela.

Hóquei: Nacional

Resultados de jogos disputados para o campeonato de hóquei em patins da 1.ª Divisão, em atraso da 24.ª jornada: Sesimbra - Juventude de Viana, 8-1; Antecipados da 25.ª jornada: Sporting - Sporting de Tomar, 12-3; e Alenquer - Benfica, 4-13.

«Vuelta»

O belga Roger de Vlaeminck venceu a 8.ª etapa da Volta à Espanha, disputada entre Rassos de Peguerra e Saragoça. Num percurso de 269 quilómetros. Vlaeminck gastou 6 horas e 42 minutos a completar a tirada. Na 2.ª posição entrou o seu compatriota Van Calster e nos 3.º e 4.º lugares, respectivamente ficaram De Jonckheere, (também belga) e o espanhol Miguel Angel Iglésias. O espanhol Pedro Delgado mantém a camisola amarela.

União de Tomar sem dinheiro

Vieira Nunes, treinador da equipa de futebol do União de Tomar, admite poder vir a rescindir o seu contrato com a equipa do Nabão. Na base da decisão está o facto dos jogadores não receberem há mais de três meses os seus ordenados. Vieira Nunes adiantou que, por tal motivo, a sua passagem por Tomar «**não foi positiva**» e que devido aos problemas constantes ao longo da época, por falta de dinheiro, «**admite regressar ao Porto antes do final da temporada**».

Dramático de Cascais: presidente demite-se

Jorge Fausto Figueiredo, presidente do Grupo Desportivo Dramático de Cascais, apresentou o seu pedido de demissão. Em carta dirigida ao presidente da mesa da assembleia geral, Jorge Fausto Figueiredo refere que na última reunião deste órgão foi eleita uma «**junta directiva**» à revelia do estatutário e legalmente estabelecido. O signatário acrescenta que em conformidade com o que anunciou naquela assembleia geral e «**sempre com o intuito primordial de não causar quaisquer prejuízos aos interesses do clube**», apresenta o seu pedido de demissão do cargo de presidene da direcção

"Volta ao Algarve" na estrada

A equipa profissional de ciclismo do Sporting, liderada por Joaquim Agostinho, será a grande atracção da 10.º «Volta ao Algarve» em bicicleta, que tem início amanhã nas Pedras da Rainha (Tavira). A corrida, que decorrerá até ao dia 1 de Maio, foi apresentada pela Associação de Ciclismo de Faro, numa conferência de Imprensa, realizada em Albufeira.

Além do Sporting, estão inscritas as equipas do Olhanense, Centro de Ciclismo de Tavira, Centro de Ciclismo de Loulé, Ovarense, Ajacto, Coimbrões e Paços de Ferreira, num total de cerca de 80 ciclistas. A equipa do Lousa ainda não está inscrita, embora a organização espere até hoje a resposta ao convite adereçado.

Este ano, ao contrário de edições anteriores, a «Molta ao Algarve», apenas terá passagens fugazes no Alentejo, com uma chegada a Almodôvar e passagem por Odemira. A organização justificou o «recuo» por falta de apoio das entidades alentejanas, nomeadamente as autárquicas. O custo da competição está orçado em cerca de 2500 contos, verba, que a Associação de Ciclismo de Faro conta obter com patrocínios e apoios diversos, nomeadamente as Câmaras municipais por onde passa a «Volta».

A 10.ª «Volta ao Algarve» em Bicicleta terá sete etapas, num total de 685 quilómetros, dos quais 675 são em estrada e dez em pista. A corrida inicia-se em Pedras da Rainha (Tavira) na tarde de amanhã, com a realização da 1.ª etapa, a maior da corrida, numa distância de 166 quilómetros com chegada a Almodôvar (Alentejo). No sábado realizam-se duas etapas, a primeira entre Portimão e Fóia (numa distância de 160 quilómetros) e a segunda, um contra-relógio pelo sistema de séries, na pista Bexiga Peres, em Loulé.

No 3.º dia da competição (domingo) a 4.ª etapa da prova, disputa-se em contra-relógio individual, na distância de 30 quilómetros, com partida e chegada a Barreiras Brancas. A 5.ª etapa terá uma distância de 77 quilómetros com partida de Faro e chegada a Quarteira. No mesmo dia (2.ª-feira) realiza-se a 6.ª etapa entre Loulé e Albufeira, com um percurso de 100 quilómetros. No último dia da prova, a corrida terá uma etapa entre Olhão e Loulé, para um percurso de 141 quilómetros.

A competição abrange seis contagens de montanha, uma de primeira, duas de 2.ª e três de 3.ª categoria, em Fóia, Foupana, Picota, Caldeirão, Espinhaço do Cão e S. Brás de Alportel. Haverá quatro metas «turismo» e outras quatro, volantes, as primeiras em Ameixal, Aljezur, S. Bartolomeu de Messines e Loulé e as outras em Monchique, S. Brás de Alportel, Salir e Poço de Boliqueime.

A Associação de Ciclismo de Faro destinou mais de 500 contos para prémios, atribuindo ao vencedor 55 mil escudos enquanto o segundo receberá 43 mil escudos e o terceiro 32 mil escudos. Aos vencedores das etapas são atribuídos prémios de 3500 escudos para o primeiro classificado e de 2500 escudos para o segundo. As camisolas verde (pontos) azul (montanha) e rosa (turismo) terão prémios especiais.

Adelino Teixeira (do Lousa) na classificação individual e o FC Porto (por equipas) foram os vencedores da última edição da «Volta ao Algarve» (1983).

Se os jovens pudessem...

MARIA DE LURDES
17 anos empregada de balcão

"É uma curiosidade irmos vivendo"

— *Onde trabalha?*
— Numa perfumaria.
— *Há quanto tempo?*
— Dois anos.
— *É o seu primeiro emprego?*
— É, tenho estado ali sempre...
— *Custou muito, arranjar esse emprego?*
— Se custou!
Como conseguiu?
— A minha mãe trabalha na casa ao lado, e soube que precisavam de alguém...Foi assim...
— *Estudava, quando começou a trabalhar?*
— Estudei até ao segundo ano, mas depois não tive mais possibilidades.
— *A adaptação foi muito difícil?*
— Nem por isso...
— *Foi com isso que sonhou, quando era mais nova?*
— Não era o que eu gostaria de fazer. Gostava de ter tirado um curso, trabalhar com crianças, em pediatria ou qualquer coisa assim. Mas não pode ser...Tenho que ficar contente com o que tenho.
— *O que faz no fim-de-semana, quando não trabalha?*
— Dou uma volta ajudo a minha mãe, vou à praia no Verão. E de vez em quando, vou ao cinema.
— *O dinheiro não dá para mais?...*
— É isso, não se ganha o suficiente...
— *Quando aconteceu o 25 de Abril, você ainda era uma criança, mas o que recorda desse dia?*
— Uma grande alegria...Lembro-me de que andei com o meu pai a dar de comer e tabaco aos soldados. Mais nada...tinha seis ou sete anos...
— *E nos anos seguintes?*
— Só a liberdade, mais nada. A liberdade para os adultos...
— *Mas as crianças tinham liberdade antes?*
— As crianças também não tinham muita, mas era sobretudo um problema dos adultos.
— *Sem o 25 de Abril viveríamos hoje melhor?*
— Talvez vivêssemos melhor...A liberdade não faz bem a toda a gente.
— Porque diz isso?
— Porque há quem faça da liberdade muita coisa que não deve.
— *E se servir para protestar contra os salários em atraso?*
— Eu até tenho um irmão que estava na construção civil há três anos,e mandaram-no embora. Agora, anda a ver se consegue arranjar outro emprego.
— *É solteiro, ele?*
— É. Vive com a minha mãe e comigo.
— *E conseguem viver com menos um salário?*
— A nossa vida é razoável. Não dá para viver bem mas...
— *Acha que essa situação já estava escrita antes?*
— Eu acho que os astros têm influência na vida das pessoas. Já está tudo escrito, o que vai acontecer na nossa vida.
— *Se assim for, qual é o interesse em vivermos?*
— Ah! mas a gente não sabe o que está decidido. É uma curiosidade irmos vivendo, para o descobrir.

C. P.

Uma aventura de Valerian... e Laureline

BROOKLYN STATION. TERMINUS COSMOS

Mezieres
Christin

17

Copyright Dargaud/Meribérica

CONTINUA

Anunciado nos EUA

Descoberta a vacina contra o "SIDA"

Após mais de três anos de trabalhos esforçados quer na Europa e nos Estados Unidos, o SIDA (Síndroma Imuno-Deficitário Adquirido) parece estar a pontos de ser vencido.

Com efeito, 2.ª feira em Washington, o secretário americano da Saúde, Margaret Heckler, anunciou que a «causa provável» do SIDA, que é responsável por cerca de 1.700 mortes nos Estados Unidos desde 1981, havia sido encontrado. Trata-se, disse Heckler, de uma variante de um vírus do Cancro, chamada «HTLV-3» («Human T-Cell Leukemia»). A sra Heckler disse que as pesquisas acerca da doença continuariam e que os primeiros ensaios de uma vacina deveriam realizar-se dentro de aproximadamente dois anos. Para este esforço, 54 milhões de dólares foram requeridos no orçamento para o exercício fiscal de 1985 (que começa em Outubro próximo), pelo governo americano.

Por outro lado o dr. Henry Murray, director do serviço de doenças infecciosas da Universidade de Cornell (Estado de Nova Iorque) declarou que o tratamento dos doentes atingidos pelo SIDA poderia entretanto ter de aguardar longos anos. Mas declarou que esta descoberta representava o triunfo da ciência sobre uma doença terrível, e associou este êxito os pesquisadores do Instituto Pasteur de Paris que trabalharam frequentemente em colaboração com os cientistas do Instituto Americano do Cancro.

Desde o ano passado, o SIDA estava a ser a prioridade número um do governo americano em matéria de saúde e foram consagrados 75 milhões de dólares para se poder vencer esta doença desde a identificação do primeiro caso nos Estados Unidos em 1982.

Até à data, tinham sido recenseados mais de 4000 casos de SIDA, principalmente na comunidade homossexual.

Na Europa, EM Outubro de 83, estavam identificados 270 casos, na maior parte em França, e outros focos tinham entretanto sido notados que no Haiti quer na África Central.

Esta doença misteriosa, caracterizada por uma falência dos mecanismos imunitários dos organismos, provocou uma onda de pânico nos Estados Unidos onde os doentes do SIDA se tornam pouco a pouco uns párias, como antigamente aconteci com as vítimas da Lepra ou da Peste. Este fenó meno de terror acalmou um pouco nos dias de hoj mas a sociedade americana continua extrema mente perturbada pelo fenómeno do SIDA. O exemplos abundam: em Colorado (Califórnia), a enfermeiras recusaram-se a tratar os doentes por tadores dos sintomas do SIDA, enquanto em Nov Iorque os empregados das agências funerária não quiseram proceder ao funeral de certos cadá veres com medo do contágio.

Para toda esta gente, a descoberta anunciad 2.ª feira constitui uma enorme esperança e o fim d um pesadelo.

26 de Abril — 10 anos depois

"Do lado de fora" — E nós não matámos!

Luisa Irene Dias Amado

O acordar estremunhado — está lá? está lá? — «O aeroporto está encerrado» — «Maria Luísa? Maria Luísa?» — Silêncio — E a rádio? — E frases por descodificar, canções prenhes de significar. Está lá? Está lá? — diga-me, passou-se qualquer coisa, diga-me! — Ouça a rádio, ouça, esteja atento — ouça a rádio! — Depressa vamos acordar os filhos! — Filho, filho, acorda, não, não é tarde (48 anos de fascismo!), não vais à escola e fazes hoje 15 anos, nunca mais te esquecerás, vai ser feriado o resto da tua vida!

Choros, risos, correrias — madrugada — a janela, a rádio, é preciso acordar toda a gente — o telefone, o corredor para cá e para lá. Filha, acorda depressa, não, não podem sair. Está lá? Pai? — Sim, vamos esperar (48 anos!). Filhos não podemos sair — ninguém deverá sair de casa. Aguardar é a palavra de ordem — vem por todos os fios, pelos sem-fios, pelos silêncios das ruas da madrugada a abrir numa canção de sangue vermelho dos cravos que Abril floriu.

«— O Povo está com o MFA!» — Corram às janelas, às portas, corram. Aguardar é palavra de ordem — «O Povo é quem mais ordena» — olhem, olhem, há carros militares, há gente pendurada nos blindados, vejam!

— Os soldados choram, o povo ri, os soldados são o povo, abraçam-se, riem, escorrem em cachos de vida dos carros cinzentos da morte. A rádio — escutem (eu nasci em 25 e nunca o vi, ele foi a sombra que invadiu as nossas vidas, as nossas mortes, os nossos nomes, as nossas ruas, mares, serras, planuras, exílios, guerras santas) — «Vozes ao alto, vozes ao alto/Até os mortos vão ao nosso lado».

Filhos, filhos é preciso tudo ver, nada esquecer, é preciso viver todos os segundos deste dia!

Eles já estão em Lisboa, Marcelo no Quartel do Carmo (porquê? porque morreram tantos antes disto acontecer?). As horas já não há — fascismo não haverá — é dia, é dia, já tudo é dia — o DIA!

— Silêncio. Pausa e novo despertar — Agarra, agarra que é pide, à António Maria Cardoso — é andar, é andar!

Disparar! Disparar! — dos altos janelões medonhos da casa dos pides disparar é ainda palavra de ordem — matar, matar, caem um, dois — «Fascismo nunca mais!» (Onde é que já ouvimos isto?). E, de repente, em nossos corações, uma enorme mão se fecha, apertando-nos os peitos, as gargantas — Senhores! E os presos? Os presos, senhores? — A Caxias, a Caxias! É urgente avisar toda a gente.

Cá fora os fuzileiros tinham já substituído os guardas e uma multidão de mulheres, homens, crianças, trocava palavras surdas entre si — em todos os olhos a mesma pergunta — porque estarão eles ainda lá dentro, ainda ali? — em todos os olhos o mesmo receio que não se desejava partilhado, tal como qualquer superstição não revelada — porque estarão eles ainda ali?

O Costa Gomes, a Cecília, a Cecília, o Costa Gomes, o carro negro para cá e para lá. As negociações tardavam. — Dá-lhe leite, cafeína, ela ainda não parou, não comeu, não dormiu, para cá, para lá. As negociações tardavam.

A solidariedade ia envolvendo as paredes interiores do Forte e transbordava já pelas grades como um grito mais sentido do que ouvido.

— Uma carrinha avança lentamente — Vamos ver, vamos ver! Curiosidade inquieta, as gentes vêm-se chegando devagar, com temor nos olhos de quem se interroga — que mais será?

As portas detrás abrem-se em jeito de portal de quinta e dezenas de flores oferecem-se às nossas mãos em milagres de Abril a abrir em flor. Quem foi! quem deu? quem foi? — uma florista, uma florista oferece todas as flores encomendadas para hoje! Avancem — Vá, tirem, escolham, espalhem — Soldado! Soldado! A liberdade está a passar por aqui! É tua a flor, agarra-a!

O camião militar surge na curva, por entre a multidão — Tomem, tomem? Há flores para todos!

Os fuzileiros enfiam os gladíolos nos canos das espingardas e Monsanto-Caxias é campo de batalha vestido de Primavera imensa e livre.

Súbito, um buzinar estridente faz estremecer o ar e a multidão estaca.

Um pequeno Carro lançado a toda a velocidade desce da vertente do Forte por entre homens, mulheres, crianças, na ânsia de passar, atropelando ou esmagando, cego na sua fúria de medo, com o homem ao volante e a mulher atrás, rosto branco de pavor, barriga grande, grávida, à vista, na urgência suposta da busca de hospital. A multidão confusa corre, esgueira-se da morte, aperta os filhos contra o peito e grita — Que é isto? — um grito-faca corta o ar: Pára! Pára! — Maldito pide que me prendeste, julgas que já me esqueci da tua cara, já não me conheces? — Maldito que me bateste, torturaste. Nem no inferno onde vais parar te hei-de esquecer!

Atiram-se para a frente do carro, travam-lhe as rodas, violentam as portas, agarram-se ao volante, o carro já nem é carro, esmurrado, martelado com os punhos duros de todas as noites de insónia, de prisões, de buscas, de traições, de uma sede enorme de vingança.

Vá, depressa, a ele, a ele! Um cinto, venha um cinto! É para já, é para já! Tragam-me cá esse pide de um raio! Sobe o tejadilho — vá atirem os cintos, faz os nós, pá, vá tragam o homem, é para já!

A gente enfurecida, esquece a mulher, a grávida apavorada no banco de trás.

As flores esquecidas, as chagas abertas e vivas de todos os humilhados, os ofendidos, os torturados, nas mãos que agarram os cintos-corda, com baraço justiceiro.

É agora, é agora, vai-se matar o homem!

A gritaria atordoa o ar, os indecisos decidem, é calar, é calar e matar.

Num salto ágil de animal felino um fuzileiro cavalga o tejadilho, aponta a arma ao ar e a rajada ecoa como o fim do mundo. Corpos suados, excitados, sedentos, estacam de repente — Que vamos nós fazer? Mas que vamos **nós** fazer?

Um silêncio pesado e grave de Dia de Juízo Final desce lentamente sobre os homens — cada vez mais denso e mais pesado, deixa que a Morte passe em marcha solene, de cabeça levantada.

Um grito rasga os ares e arrepia as carnes — A mulher! Então não chamam uma ambulância? Olhem que lhe nasce aqui o filho!

Agarrado, rasgado, esmurrado, o pide é arrancado à multidão e levado para além, sei lá...

A sirene toca e a viva quase morta parte a caminho do seu destino — Caramba! Ter um filho de um pide!

Entreolhamo-nos com o respeito dos que estiveram à beira do abismo e viram a Morte passar.

A pouco e pouco vamos esticando os peitos, aprumando as costas, erguendo as cabeças e, no final, alevantando os olhos com orgulho imenso — E nós não **o** matámos!

Os presos, esses não sabem, estão ainda do lado de dentro. Só um dia lhes diremos como a Morte passou do lado de fora e um só jovem de rosto imberbe e puro fez as honras do caminho e Ela não parou.

Obrigada fuzileiro! Nós temos as mãos limpas porque **nós, nós** não matámos.

Liberdade escrevemos o teu nome

Flores nas nossas cabeças
grinaldas, cravos, florações
de esperança verdes anos
da juventude em que se
se acreditava que tudo ia
mudar revividos vivos
Oh sim pode passar os carros
param ninguém se aperta nas
aglomerações. Quando o povo
tem esperança e avança. E
nós mulheres respeitadas companheiras
de risos de cravos nos dentes.Curtidos na negrura dos
peitos sofredores cravos
do coração transbordantes
nosso sangue a fluir na
circulação das ruas nos campos
nas mesas de estudo nos iensamentos.
Liberdade escrevemos o teu nome.
Oh dá-me a tua mão põe o cravo
na camisa nem casaco tens
e agora não desmanchem a roda
«a poesia está na rua», rosa
e roseira rosácea tinta
de sol havemos de lá chegar
à terra por plantar ao pagamento
justo que o sol
quando renasceu no vinte e cinco
de Abril estavam os soldados,
os capitães, os sargentos e os
marinheiros vitoriosos.
Morte à guerra, as colónias sejam
nações e nós democracia
vamos ser gente afinal somos
povo, portugueses e portuguesas
estas palavras ditas fazem
lágrimas e alguns têm medo
e submarinam, mas os que
estão e viram a luz mais linda
da sua vida aquele dia
até parecia mentira
tanto tempo a esperar e
agora prosseguir seguir
Abril romper ainda
tanta bruma tanta barreira
levantada. Estamos aqui
dá-me a tua mão outra vez
o teu braço o teu pensamento
antas folhas perdidas separadas.
O cravo é flor
de muitas folhas como as ondas
do mar raias e rendas serras
e pétalas a juntar.

COLISEU

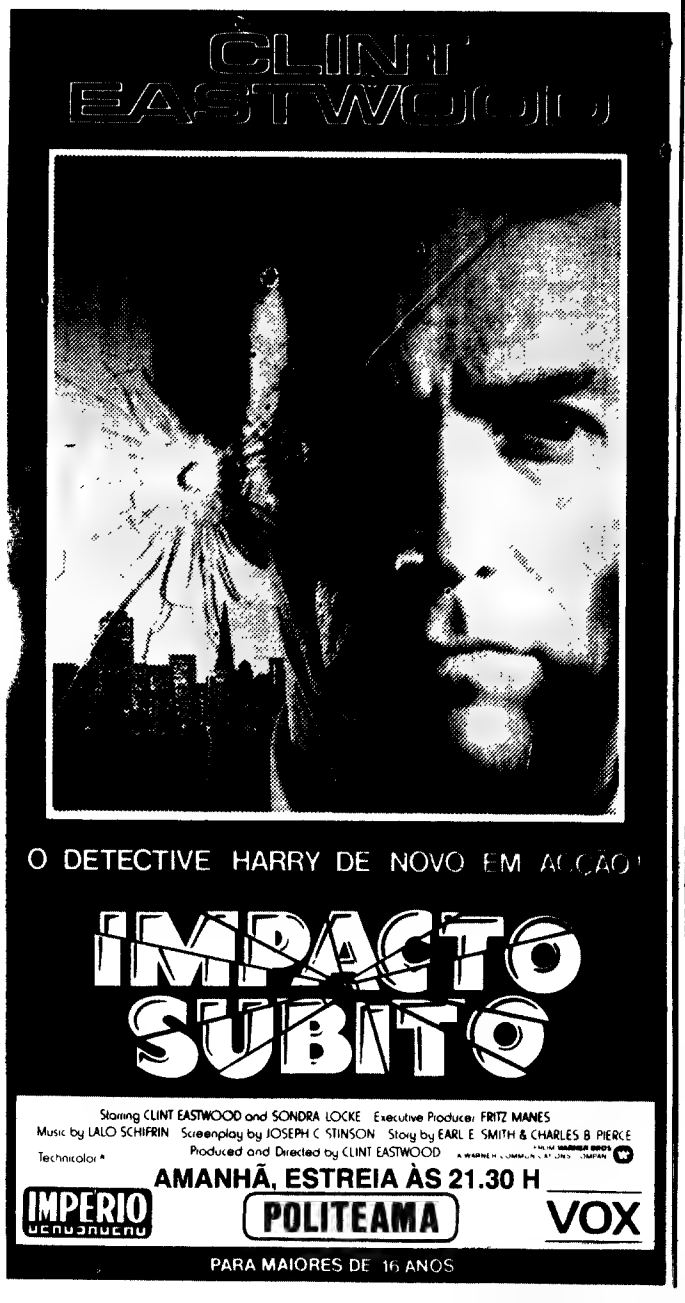
DIA 4 DE MAIO
21.30 horas

PREÇOS DESDE 200$00

CANTO DE INTERVENÇÃO

Carlos Paredes
Fausto
José Mário Branco
Luis Cília

Associação 25 de Abril



GRUPO DE CAMPOLIDE

ESTREIA DIA 26

Dias 27, 28
e 30 às 21.30;
e dias 28 e 29 às 16

os Retratos

DE
JULIO MAURÍCIO
ENCENAÇÃO
ARTUR RAMOS
CENÁRIOS
ROGÉRIO RIBEIRO
COM
HENRIQUETA MAYA
EMA PAUL
LUIS VICENTE

SUB. MC/CMA

teatro da academia almadense TEL 2752175

Município de Lisboa

AVISO

Avisam-se todos os interessados que no próximo dia 27 de Abril de 1984, pelas 15 horas, se realizará no Pavilhão dos Desportos, ao Parque Eduardo VII, a praça para arrematação dos locais vagos nos seguintes Mercados:

Abastecedor de Peixe Miúdo, Alvalade-Norte, Arco do Cego, Arroios, Bairro Alto, Bairro da Boavista, Bairro Padre Cruz, Bairro da Quinta da Calçada, Campolide, Central Abastecedor de Produtos Hortícolas, Chão do Loureiro, Encarnação-Norte, Encarnação-Sul, Forno do Tijolo, Lumiar, Peixe Avulso, Picheleira, Prazeres, Rato, Rio Seco, Santa Clara, São Domingos de Benfica, Xabregas, 24 de Julho, Alvalade-Sul e Caselas.

Para mais esclarecimentos, poderão os interessados contactar a Direcção dos Serviços de Abastecimento, sita na Rua do Machadinho, n.º 20, ou os próprios Mercados.

Pel' O director dos Serviços de Abastecimento
MÁRIO DOS SANTOS LOPES

Histórias de mulheres: "A Bela e a Rosa"

A série «Histórias de Mulheres», programada na RTP/2, apresenta hoje às 22 horas, a película «A Bela e a Rosa».

Trata-se da recriação de um conto tradicional português, adaptado para cinema por Lauro António, que também assina a produção e a realização.

Um rei tinha três filhas, uma das quais muito formosa e dotada de boas qualidades. Chamava-se Bela. Porém, o monarca, que tinha sido muito rico, passou a viver com dificuldades.

Um dia, ao partir para viagem, perguntou às filhas o que cada uma queria que ele lhes trouxesse como presente. Uma quis um vestido, outra um chapéu, e Bela pediu-lhe apenas uma rosa. O rei partiu e regressou, tempos depois, distribuindo então os presentes pelas filhas. Todas ficaram satisfeitas. Disse então o rei à Bela: «A rosa que te trago bem cara ficou». Explicou-lhe que no jardim onde a colhera, encontrara uma cobra que lhe tinha perguntado para quem era a flor. Respondera-lhe o rei que era para a filha mais nova, ao que a cobra lhe dissera que se a Bela não fosse ter com ela, o rei morreria.

Bela sossegou o pai: iria ter com a cobra. Após uma longa viagem, Bela entrou no palácio da cobra, e como não a descobrisse, deitou-se e adormeceu. A cobra foi então ter com ela. A menina, a princípio, assustou-se, mas depois habituou-se à sua presença e passou a viver naquele estranho palácio. Um dia, teve saudades do pai e das irmãs e resolveu visitá-los. A cobra disse-lhe que poderia ir, desde que não demorasse mais de três dias.

Em casa, Bela esqueceu-se disso e regressou ao palácio da cobra, com algum atraso, não a tendo encontrado nessa noite.

Na manhã seguinte, Bela encontrou a cobra, num estado deplorável, o que a entristeceu. Chorou e uma das suas lágrimas caiu sobre a cobra, o que a transformou num príncipe muito belo e jovem.

O príncipe e Bela apaixonaram-se, passando então a viver juntos e muito felizes.

São intérpretes, Acácia Thiél, Pedro Bandeira Freire, Paula Mateus, Maria Adelaide e Paulo Reis.

Michel Sardou: música francesa em "Aplauso"

1947: nesse ano, Vincent Auriol é eleito presidente da República de França e André Gide recebe o Prémio Nobel da Literatura.

Nesse ano, também nasce numa clínica parisiense Michel Sardou, filho de dois artistas, o actor-cantor Fernand Sardou e a comediante Jacky Rolin.

Pouco mais de duas décadas depois, trilha os caminhos do êxito, para atingir em 1979, passados dez anos de carreira, 80 discos de ouro obtidos pela venda de mais 40 milhões de unidades.

No mesmo ano, é considerado pela crítica o mais popular cantor francês. Mas também o mais polémico...

Cantando em homenagem ao pai, Michel Sardou vai estar hoje no pequeno écran, na RTP 1, pelas 21,15 horas (e dentro de oito dias, quando se exibir a segunda parte deste espectáculo) através de um concerto gravado ao vivo no Palais des Congrès de Paris.

Integram ainda o espectáculo um pequeno «sketch» ao lado da mãe, e um sem número de canções, como «Les Anées 30», «Vivant», «Ma Mémoire», «Café Soleil» ou «Afrique Adieu».

No começo, difícil, foi boicotado na rádio, onde as suas canções não tinham lugar.

Mas a roda da fortuna iria em breve mudar. Em Março de 1970, integrado num espectáculo de Enrico Macias, passa pelo Olympia.

No ano seguinte, conquista o prémio Sacem e o Grande Prémio da Academia Charles Cros.

Em 1972, vende mais de quatro milhões de discos. No ano seguinte, actua a solo no Olympia. É um êxito absoluto.

Sucedem-se em anos seguintes os espectáculos no Olympia, que constituem sempre grandes sucessos. Triunfais digressões acompanham-no pelo Canadá, Alemanha Federal, Líbano e China.

Depois destas viagens, regressará ao Palácio dos Congressos, em 1979 e 1983. É deste último concerto que resulta a gravação ao vivo, que a RTP apresenta hoje, e daqui a oito dias.

Hoje

RTP 1

O programa Aplauso desta noite, na RTP-1, apresenta Michel Sardou

Das **13.35** às **17.30** **Ciclo Preparatório TV**
18.00 **Notícias**
18.10 **Grão a Grão**
18.30 **Teleregiões**
19.00 **República**
19.30 **Golo**
20.00 **Telejornal**
20.30 **«O Bem Amado»**
21.15 **Aplauso** – com Michael Sardou do seu último concerto no Palácio dos Congressos, em Paris.
22.15 **«Raio Azul»**
23.15 **Últimas Notícias**

RTP 2

19.32 **Notícias**
20.00 **Talk Show** – programa em directo do Auditório Foz, no Porto.
21.15 **Jornal da Noite**
21.45 **Telenovela**
22.30 **«Histórias de Mulheres»** – «A Bela e a Rosa». Intérpretes: Acácia Thiéle, Pedro Bandeira Freire, Paula Mateus, Maria Adelaide e Paulo Reis. Produção e realização: Lauro António.

Em «Histórias de Mulheres», da RTP-2 de hoje, será exibida a história «A Bela e a Rosa»

Amanhã

RTP 1

Das **13.35**às **17.30**: Ciclo Preparatório TV; **18.00**: Notícias; **18.10**: Grão a Grão; **18.30**: Teleregiões; **19.00**: É Incrível; **20.00**: Telejornal; **20.30**: «O Bem Amado»; **21.00**: Apresentação Prévia das Canções do Grande Prémio Eurovisão 1984; **21.20**: Fim-de-Semana; **23.05**: «Sob Duas Bandeiras»; **00.55**: Ultimas Notícias.

RTP 2

19.30: Notícias; **19.40**. Presença da Madeira; **20.00**: No Ventre da Música **20.30**: Documentário; **21.15**: Jornal d Noite.

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
SÁBADO E DOMINGO ÀS 15,30

memórias de
SARAH BERNHARDT
de John Murrell
com
EUNICE NUÑOZ • JACINTO RAMOS
Encenação de JACINTO RAMOS

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M.12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA TEL. 32 22 10

NA SALA EXPERIMENTAL

HOJE ÀS 21.45 H

«OS IMPLACÁVEIS»
de Manuel Grangeio Crespo

1.º Espectáculo do Ciclo AUTORES DA GAVETA
De 3.ª a sábado às 21.45 – Domingo às 15.15 h
Dia 28 às 18.30 e 21.45 H

EMPRESA PRIVADA
SELECCIONA PARA SETÚBAL

Pessoas desempregadas ou à procura do 1.º emprego. Factor de preferência em selecção: disponibilidade imediata e facilidade expressão. Marque entrevista pelo Tel. 33131 de Setúbal, só hoje 5.ª-Feira, entre as 9.30 e as 12 ou das 15 às 17.30 horas.

TEATRO TRINDADE INATEL
APRESENTA
GRAÇA LOBO
em
DIÁRIO DE UMA CRIADA DE QUARTO

HOJE ESTREIA

ENCENAÇÃO
CARLOS QUEVEDO

PARTICIPAÇÃO DE
OLISSIPO-GRUPO DE DANÇA EXPERIMENTAL DE JORGE TRINCHEIRAS

N/ aconselhável a menores de 16 anos

uma produção da
COMPANHIA de TEATRO de LISBOA

CENARIOS E FIGURINOS JASMIN DE MATOS · COREOGRAFIA JORGE TRINCHEIRAS
TRADUÇÃO MARIO DELGADO · DRAMATURGIA TITO LIVIO

TODOS OS DIAS AS 21.45 - SAB E FERIADOS 16 e 21.45 H - DOM. AS 16 H
RESERVAS PELO TELEFONE 32 00 00
DESCONTO DE 50% AOS SOCIOS DO INATEL CCDS e CPTS

SUBSIDIO DE MONTAGEM DO
MINISTÉRIO DA CULTURA

APOIO
Rádio Comercial

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1
Michael Sardou
(21.15)

RTP 2
«A Bela e a Rosa»
(22.30)

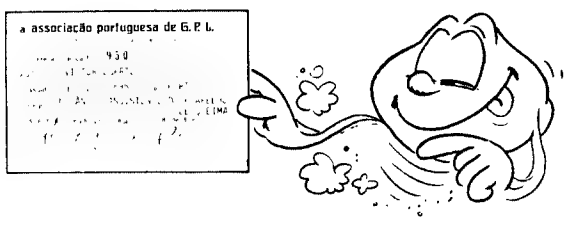
RTP 1
22.15
RAIO AZUL
8.º episódio

O grupo de acção do «Raio Azul», a superforça da APEX, vai de novo entrar em acção e, desta vez, tem em mãos um caso bastante curioso. De facto, conseguiu-se descobrir no laboratório um virus, que anula o poder das armas atómicas e alguém quer roubar esta descoberta.
PERSONAGENS E INTÉRPRETES

Frank Chaney . . . . . James Farentino
Clinton . . . . . Dana Carvey
Ed. Braddock . . . . . Sandy McPeak
J J Douglas . . . . . Ann Cooper
Kelsey . . . . . BBbba Smith

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

Procure um técnico credenciado para a instalação dos seus aparelhos a gás.
Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

Os tubos do gás não devem ter mais de 1,5 m.
Cumpra as minhas regras de segurança.

DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

roteiro cultural

Teatro

• «Diário de uma criada de quarto», a mais recente produção da **Companhia de Teatro de Lisboa,** com interpretação de Graça Lobo, é hoje levada à cena pelas 21 h 45 m. A coreografia é de Jorge Trincheiras para o grupo Olissipo, a tradução do texto de Octave Mirbeau é de Mário Delgado, a dramaturgia de Tito Líbio e os cenários e figurinos de Jasmim.

• **A Casa da Comédia** continua a apresentar «Botto-Teatro do Ciúme e do Amor», um espectáculo sobre o poeta António Botto, com encenação de Filipe La Féria e direcção plástica de Jasmim. A interpretação está a cargo de Fernando Gomes, Sérgio António e Madalena Pinto Leite. A função decorre, hoje, amanhã, sábado e domingo, a partir das 22 horas na Casa da Comédia.

• **O Novo Grupo** continua a apresentar pelas 21 h 30 m no palco do Teatro Aberto a peça de Bertolt Brecht «A boa pessoa de Setzuan».

• Hoje e amanhã, pelas 23 h 30 m, na sala 2 do Cinema Quarteto, **Lia Gama, Mário Jacques e Filipe Ferrer** apresentam a peça de Harold Pinter «Traições».

• No Teatro Nacional D. Maria II, **Eunice Muñoz e Jacinto Ramos** continuam com a peça do jovem dramaturgo norte-americano John Murrell, «Memórias de Sarah Bernhardt».

• «A Ilha do Rei Sono» é o espectáculo que o **Grupo de Teatro Lanterna Mágica** apresenta todos os dias, de terça a domingo, pelas 15 h 15 m, na sala experimental do Teatro Nacional.

• No Teatro do Bairro Alto, o **Teatro da Cornucópia** continua a apresentar a peça «A Missão» de Heiner Muller.

Madalena Pinto Leite e Fernando Gomes em Botto, o mais recente espectáculo da Casa da Comédia

• **Na Ocarina-Artesanato-Restaurante,** todas as noites há espectáculo. Assim, a partir das 22 h 30 m, Margarida Carpinteiro, Mário Rodrigo, José António e Nicholas McCnair contarão a história do Bairro Alto, com direcçãao artística de Norberto Barroca, e decoração e figurinos de José Costa Reis.

• «O Triângulo de sete pontas», um espectáculo do **Grupo de Teatro Mandrágora** tem hoje e amanhã as suas últimas representações na Sociedade Portuguesa de Autores. A função inicia-se às 18 h 30 m.

• Na Igreja Barroca do antigo Covento de Xabregas, o **Teatro Ibérico** apresenta «Gardel — el dia que me quieras», do dramaturgo venezuelano José Ignácio Cabrujas.

• **O Teatro Livre** continua a apresentar na R. Leão de Oliveira, ao Largo do Calvário, a peça «António Aleixo, poeta do Povo», um espectáculo musical que conta com a interpretação de Agostinho Macedo, António Crispim, Carlos Fernandez, Carlos Macedo, Clemente Santos, Fernando Guerreiro, Henrique José, José Capela, Kim Cachopo, Maria João Vieira, Natália Teles, Paulo d'Almeida e Zita Esteves.

• No Porto a **Seiva Trupe** continua a apresentar um espectáculo que tem por tema a Mulher. Trata-se da peça «O Amor de uma Mulher», de Maricla Boggio, que marca o regresso ao teatro português da actriz Estrela Novais e que assinala o reencontro de José Rodrigues e de Júlio Cardoso.

Exposições

• No «atrium» da Imprensa, à Casa da Imprensa, é esta tarde inaugurada uma exposição de desenho do artista **Pedro Saraiva.**

• **«Democracia, Liberdade e Cultura»** é o tema de uma exposição a partir de hoje patente ao público na Galeria Almada Negreiros, no Ministério da Cultura.

• Integrada nas comemorações do 10.º aniversário da Revolução do 25 de Abril está patente ao público na Oficina de Cultura de Almada, numa iniciativa da Câmara Municipal daquela cidade, uma exposição de pintura, escultura e desenho constituída por trabalhos de sócios da **Associação de Artistas Plásticos do Concelho de Almada.**

• **No Museu Castro Guimarães,** em Cascais, continua presente ao público uma exposição sobre o «Traje da Corte-séc. XVIII e Império», numa mostra que conta com a colaboração do Museu do Traje.

• Na Galeria do Museu Regional de Sintra, a delegação do Turismo **Armando Anjos** expõe trabalhos de pintura.

• **«Casas Modernas/Paisagens Antigas»** é o tema de uma exposição patente ao público no Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

• Uma mostra de **pintura** continua presente ao público na Galeria de Arte da Praia de Quiaios, na Figueira da Foz, em mais uma iniciativa de Zé Penicheiro.

• Nas salas da sede do Cine Clube de Viseu, continua patente ao público uma exposição de desenhos e pintura de **Jorge Humberto.**

Música

• No Auditório Dois da Fundação Calouste Gulbenkian realiza-se esta tarde, a partir das 18 h 30 m, um concerto pelo **grupo de solistas da Orquestra Gulbenkian,** constituída por António Vieira Lopes e Luís Cunha, violinistas, e Armando Vidal, ao piano. Do programa consta a interpretação de obras de Chostakovitch, Moskowski, Bartók, Bloch e Sarasate.

• Na Igreja de S. Francisco, no Porto, o **Círculo Portuense de Ópera** dará esta noite o concerto coral «A História da Ressurreição», de Heinrich Schultz.

Graça Lobo numa cena de «Diário de uma criada de quarto»

• Amanhã, pelas 21 h 30 m, na Igreja de S. Roque, realiza-se um concerto com os **coros Juan de Encina** (Madrid) e **Publia Hortensia,** de Lisboa.

Cinema

• Hoje e amanhã, no AR.CO prossegue o ciclo dedicado ao **cinema francês.** Com sessões às 21 h 45 m, hoje será exibido o filme «Manon», de Henry-Georges Clouzot. Amanhã, «Une si jolie petite plage», de Yves Allégret.

• Numa iniciativa do Cine-Clube de Lisboa prossegue esta tarde, pelas 18 h 30 m, no Estúdio 444, em Lisboa, o ciclo **Retratos de Mulher,** com a projecção de «Mónica e o desejo», de Ingmar Bergman.

Colóquios

• Numa iniciativa do Centro Nacional de Cultura, haverá esta noite, pelas 21 h 30 m, uma conferência sobre «A Música Coral Polifónica Ibérica nos sécs. XVI e XVII». Serão conferentes **Juan Jose Rey** e **Manuel Morais.**

• Na sala polivalente do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, tem lugar esta tarde, pelas 18 h 30 m, uma conferência do **prof. Paolo Portoghesi,** subordinada ao tema «A linguagem dos lugares».

Irene Marques Braz Alves

MISSA DO 7.º DIA

Seu marido, Francisco A. Alves, seu pai José Alves Braz e irmão António Marques Braz e esposa, e sobrinhos participam a todas as pessoas de suas relações e amizade que hoje pelas 19 horas na Igreja de São João de Deus será rezada missa pelo seu eterno descanso agradecendo a todos aqueles que se dignarem a assistir a este piedoso acto.

P.N. A.M.

AGÊNCIA SALGADO TELEF. 54 82 58

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	92$80	98$80
ALEMANHA FED (marco)	50$20	51$30
ÁUSTRIA (xelim)	7$05	7$25
BÉLGICA (franco)	2$290	2$490
BRASIL (cruzeiro)	$055	$105
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	104$80	106$80
(notas de 5 a 1000)	105$30	107$30
DINAMARCA (coroa)	13$65	14$05
ESPANHA (peseta)	$855	$970
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	134$45	136$45
(notas de 5 a 1000)	134$95	136$95
FINLÂNDIA (marka)	23$55	24$15
FRANÇA (franco)	16$30	17$00
HOLANDA (florim)	44$45	45$45
IRLANDA (libra)	154$40	158$40
ITÁLIA (lira)	$074	$084
JAPÃO (iene)	$569	$604
NORUEGA (coroa)	17$50	18$00
REINO UNIDO (libra)	190$60	194$60
SUÉCIA (coroa)	16$95	17$55
SUÍÇA (franco)	60$60	61$70
VENEZUELA (bolivar)	7$70	8$70

Observações:
1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. 2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; **18.00**: A gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Folhetim; **20.25** Informação desportiva; **20.35**: Música portuguesa; **21.00**: A viver também se aprende; **21.30**: Noites de luar. Noticiários intercalares às **16.00, 17.00, 18.00, 21.00** e **22.00** horas

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; **17.00**: Páginas musicais pouco conhecidas; **17.40**: Suite para orquestra, «On the Waterfront», de Leonard Bernstein; **18.05**: Música coral; **19.00**: Alfa e omega; **19.40**: Música de todos os quadrantes; **20.05**: Intérpretes portugueses; **21.00**: Opera comentada, **23.00**: Séries; **00.00**: Música de câmara; **01.00**: Fecho Noticiarios de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**. Musical; **20.00**: Conta corrente; **20.30**: Quando o telefone toca (3 edições), **22.00** Portugal e a CEE, **22.15**. Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: O passageiro da noite Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor, **16.00**: O som da frente; **18.00**: Cinco estrelas; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto; **00.00**: Dois pontos Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Horizonte, **20.30** Programa da LAR; **21.00**: Quando o telefone toca, **21.30**: Ouvir e pensar; **22.00** Hora de música, **23.00**. D[illegible] **23.40**: Bola branca (3.ª edição [illegible] editando

Rede Sul de FM

21.00. Paju; **21.30** Pentagrama

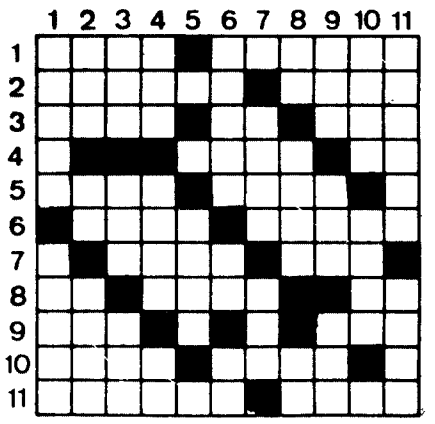
Desdobramento em FM E. téreo

22.00: Universidade na Rádio; **22.57**: Boa noite; **23.00**: A cor do som; **01.00**: As superestrelas do FM. Noticiarios a todas as horas

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 020



HORIZONTAIS:

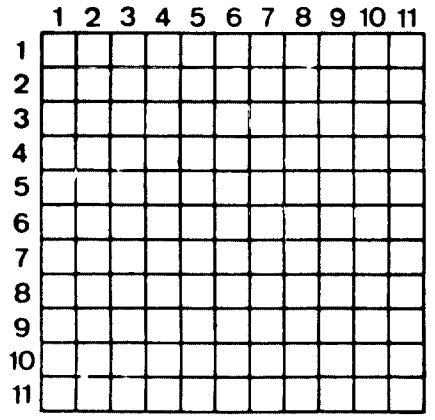
1 Rio que banha Setubal Professor.
2 Amarizai. Regras (inv).
3 Cidade do Japão. Basta. Armaria.
4 Sia! Em partes iguais.
5 Rezas Chupa.
6 Lavras Dou marradas.
7 Camareira. Esteiro.
8 Érbio (s.q). Fechar as assas para descer mais depressa Plural
9 Momento. O sustento.
10 Concordo Domestica.
11 Ilha fluvial do Brasil, entre o Atlântico.

VERTICAIS:

1 Inviolavel. Concedam.
2 Governanta. Radio (s.q). Montão
3 Oferecer. Altar cristão. Prefixo que designa ar.
4 Roga. Vais para fora. Em a
5 Afaste-se.
6 Símbolos. Freguesia do concelho de Ponte de Lima Compaixão
7 O mesmo que arão Curso de água natural e abundante.
8 Abreviatura de Santíssimo. Mãe de Ismael. Ruim.
9 Irmã da mãe. Apelido. Igual
10 Raera Corta rente
11 Nome arcádico de Bocage. Cave

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9870



HORIZONTAIS:

1 Nasceram
2 Lavrai. Planta do pé.
3 Tanger. Desmontar.
4 Nome de mulher. Caminho.
5 Rénio (s.q). Instrumentos para atirar setas. Sódio (s.q).
6 Apelido. Rio da Suiça Utensílios domésticos
7 Nome de mulher. Catedrais
8 Boi selvagem.
9 As duas juntas Rate.
10 Nome de flor. Cortesã romana que foi amada por Horácio.
11 Cidade de França Guarnecido de asas.

VERTICAIS:

1 Pusera data em Ferticeira.
2 O mesmo que eiró. Época. Maior
3 Arranca. Proibir.
4 Chalaça. (fig). Antiga capital da Birmânia
5 Invulgar. Costumes
6 Nosse Senhor. Centiare.
7 Serra de Portugal
8 Vírgulas dobradas. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
9 Ratam Clareira no mato (Prov).
10 Fregueisa do concelho de Macedo de Cavaleiros
11 Assinalas Jarro (planta)

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 14 019

HORIZONTAIS:

1 Pé. SOMOS. CC.
2 Lis. Riu.
3 Rs. Aoros Ai.
4 DUAS Orça.
5 Ora Vis Ain
6 Aa VEZES Ac
7 Mal Lei
8 Alaga. Acres.
9 Ota Ais
10 Ato Sos Asa
11 Casas Marau.

VERTICAIS:

1 Perdoara. Ac.
2 Sura. Lota.
3 Aa Matos.
4 Sias. Vaga.
5 Oso Vela. SS
6 Raiz Bo
7 Oro. Sela. SM
8 Siso Seca
9 Rã Iriar.
10 Ácia. Essa
11 CRIANÇAS. Au

Proverbio: Somos duas vezes crianças.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9869

HORIZONTAIS:

1 Jarreta.
2 El Suara. An.
3 Remai. Acata.
4 Avis Arum.
5 Sãs Era. Dão
6 Item. Acém
7 Amanham.
8 Ac. Cr.
9 Zelar Mocho.
10 Elara Anual.
11 Rasas Rã Se.

VERTICAIS:

1 Meras. Jazer.
2 Levai Cela.
3 Mista. Lãs
4 Asas Empara.
5 Rui Ema Rãs
6 Rã. Mr Nó
7 Era Aag Mar
8 Taca Carona
9 Ardem Cu
10 Atuam Chãs.
11 Aramo Prole

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480
Av de Roma

Às 13.45, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
MARY POPPINS

ÁVILA 539930
Av Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10 e 21.30
– M. 6 a.
O REGRESSO DO CAVALO NEGRO
Às 23.30 – N. ac. men. 18 a.
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

AVIS 547153
Av Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Agora na Páscoa! Volta o maior êxito do cinema cómico dos últimos anos!
Um grande espectáculo de gargalhada e juventude!
A TURMA DOS REPETENTES

BERNA 776098
Av Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 anos
LAÇOS DE TERNURA

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 13.45, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
MARY POPPINS

CASTIL 530194
R Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 16 anos
NEGÓCIO ARRISCADO
c/Tom Cruise e Rebecca de Mornay

CINE BLOCO 556824
R Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
WARGAMES, JOGOS DE GUERRA
Às 24
OPÇÃO FINAL

CINE CAMÕES 324194
R do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
SHAOLIN DESAFIA NINJA
de Liu Chia Liang
c/ Liu Chia Hui e Kurata Yasuaki

CINE 222 579460
Av P da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
MILAGRE DE AMOR
Às 24
007, MISSÃO ULTRA-SECRETA

CINESTÚDIO LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30
– M. 12 a.
JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 – Amadora

Às 15.30, e 21.30
– M. 12 a.
THE DAY AFTER, O DIA SEGUINTE

CONDES 322573
Av da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
M. 16 a
DEBAIXO DE FOGO
c/ Gene Hackman, Nick Nolte e Joanna Cassidy
Colorido

2000 2100055
Av B Voluntários Its 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

EDEN 320768
P Restauradores, 21

Às 14.30, 18 e 21.30
– M. 18 a.
SCARFACE, A FORÇA DO PODER

ESTÚDIO 555134
Al Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
80.ª semana

ESTÚDIO 444 779095
Av Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
THE DAY AFTER, O DIA SEGUINTE
5.ª Semana

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade

SALA 1
Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– Int. men. 16 a.
DEBAIXO DE FOGO
de Jonathan Taplin
c/ Nick Nolte, Joanna Cassidy e Gene Hackman

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 18.45 e 21.30
– M 6 a.
MILAGRE DE AMOR
c/ John Travolta e Olivia Newton John

IMPÉRIO 555134/5
Al Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21 30
– Para Todos
OS MALUCOS CONTRA OS GANGSTERS

LIDO 936593
P. D. João I. Amadora

Às 21.30 – N. ac. men 18 a.
MERCENÁRIOS POR CONTA PRÓPRIA

MONTECARLO 681117
Av Pedro Álvares Cabral 37

Às 14 15, 16 30, 18.15 e 21.30
– M 12 a
TUBARÃO 3
Às 24
FALCÕES DA NOITE

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro, 42 B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 anos
O CRISTAL ENCANTADO

ODEON 328283/4
R dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
Um filme cheio de acção e suspense
BURCE LEE O SUPER-HERÓI

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
– M. 12 a.
A ATRACÇÃO DO CRIME
c/ Tony Curtis, Roger Moore e Penelope Horner
Colorido

«O CONTRATO» um filme de qualidade realizado por PETER GREENAWAY. Em exibição no cinema Quarteto.

POLITEAMA 326716
R Portas S Antao 109

Às 14 15, 16.45, 19 e 21 30
– M 12 a.
A ATRACÇÃO DO PERIGO

QUARTETO 771378
R Flores de Lima 16

SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.30
– M. 12 a.
NO LIMIAR DA REALIDADE
Às 23.30 – M. 18 a.
A MULHER FELINA
de Elliot Silverstein

SALA 2
Às 14.15, 16, 17.30, 19 e 22.30
– M. 12 a.
ZELIG
Teatro às 21.30 – M. 16 a.
TRIÇÕES
de Harold Pinter

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 18 a.
A MULHER EM CHAMAS
Às 23.30 – M. 18 a.
A ALCOVA DO BISPO
De Dino Risi

SALA 4
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
– M. 12 a.
O CONTRATO
Às 23.30 – M. 18 a.
O MISTÉRIO DE AGATHA

QUINTETO 573407
R Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
THE DAY AFTER, O DIA SEGUINTE
Às 24
MADRUGADA ALUCINANTE

ROMA TEL 727778
Av de Roma 14 M-N

Às 15 30, 18.30 e 21 30
– M 12 a
O acontecimento!
O filme de maior impacte em todo o Mundo
THE DAY AFTER, O DIA SEGUINTE

ROXY 548560
Av Almirante Reis 20

As 14, 16 30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
A TURMA DOS TARADOS
c/ Renzo Montagnani e Carmen Russo
Colorido

SÃO JORGE 579144/579344
Av da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 12 a
YENTL
c/ Barbra Streisand

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19 e 21.15
FOME DE VIVER
c/ Catherine Deneuve e David Bowie

– M. 18 a.

SALA 3

As 14.30, 16.30, 18.45 e 21.45
– M. 12 a.
ZELIG
c/ Woody Allen e Mia Farrow

7.ª ARTE 730715
Av Republica à E Entre Campos junto ao n.º 63

As 14.30 - 17 00 – 19 15 - 21.45 - 24.00
M 12 anos
YENTL
Domingo às 11.15 – Para Todos
DUMBO, O REI DO CIRCO

STAR 804210
Av Guerra Junqueiro 14-C

As 15, 18.15 e 21.30
– M 12 a
A EDUCAÇÃO DE RITA

TURIM 706666
E de Benfica, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA
Às 11 – Para Todos
ALIBABÁ E OS QUARENTA LADRÕES

VOX 880808
Av Fr Miguel Contreiras, lote 879

Às 15, 18.45 e 21.30
– M. 16 anos
NEGÓCIO ARRISCADO
c/Tom Cruise e Rebecca de Mornay

XENON 368480
Av da Liberdade 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 18 a.
O ANJO MALDITO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Laços de ternura», às 21.30 (16 anos)
ALFA-2 – «A Força do Poder», às 21.15 (18 anos)
ALFA-3 – «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA – «O Grito do Sexo», sessões permanentes (18 anos)
MUNDIAL – «Laços de Ternura», às 21.30 (16 anos)
RESTELO – «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
LONDRES — «Finalmente Domingo», às 21.30 (12 anos)
ALFA-CLUB – «Jogos de Guerra», às 21.30 e 24.00 (12 anos)
TIVOLI – «Mary Poppins», às 21.30 (6 anos)
TERMINAL – «No Limiar da Realidade», às 21.30 (12 anos)
APOLO 70 – «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)
ESTÚDIO ACS – «As Loucas Aventuras de Barba Amarela, o Pirata», às 21.15 (12 anos)
CITY-CINE – «Fanny e Alexandre», às 21.00 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Entre Coxas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS – Impala – «Os Malucos Contra os Gangsters», às 21.30 (6 anos)
ALGÉS – Stadium – «Os Abismos da Meia-Noite», às 21.15 (12 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «O Último Comboio do Katanga», às 21.15 (18 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «Corrida de Loucos», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «O Último Fólego», às 21.15 (16 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «O Ninho», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «A Febre Continua», às 21.15 (12 anos)
AMORA – Lord – «Os 3 Dias do Condor», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cinestúdio – «Tubarão III», às 21.30 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA – Slicine – «O N.º 1 do Serviço Secreto», às 21.45 (13 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Por Favor Não Matem o Dentista», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Assim Nesceu um Herói», às 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «A Grande Fuga», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Cornetos com Chantilly», às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA – Cinestúdio – «Empresta-me a Tua Mulher», às 21.15 (13 anos)

Porto

CHAPLIN – «007, Operação Tentáculo», às 21.30 (12 anos)
SALA-BEBÉ – «Revelações», às 21.45 (16 anos)
JÚLIO DINIZ – «Os Malucos Atacam», às 21.30 (Todos)
COLISEU – «Mary Poppins», às 21.30 (Todos)
RAIONE – «Opção Final», às 21.30 (12 anos)
VALE FORMOSO – «O Dragão do Lago de Fogo», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO – «Laços de Ternura», às 21.30 (12 anos)
RIVOLI – «A Máscara do Ranger», às 21.30 (Todos)
BATALHA – «As oucas Aventuras de Barba Amarela, o Pirata», às 21.45 (12 anos)
PEDRO CEM – «O Cristal Encantado», às 21.30 (Todos)
LUMIÈRE-A – «O Dia Seguinte», às 21.30 (12 anos)
LUMIERE-L – «Yentl», às 21.45 (12 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Marginais», às 21.45 (12 anos)
CHARLOT – «Ser ou Não Ser», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE – «Zelig», às 21.15 (12 anos)
FOCO – «Scarface», às 21.45 (18 anos)
OLÍMPIA – «Polícias e Ladrões», às 21.30 (12 anos)

farmácias

Lisboa

ALVALADE - ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **BAIXA: Simões Pires**, R. da Prata, 115 (T. 362350); **BENFICA: União**, E. de Benfica, 592-594 (T. 700092); **CAMPO D'OURIQUE: Lobel**, R. Infantaria 16, 96-B (T. 688807); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS: Matos Viegas**, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **MARQUÊS DA FRONTEIRA: Ronil**, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); **OLIVAS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **POIAIS DE SÃO BENTO: Fénix**, R. Cruz dos Poiais, 52 (T. 608531); **RATO: Cunha**, R. Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **SALDANHA: Daiva**, Av. Duque d'Ávila, 125 (T. 545225); **SANTO AMARO - CALVÁRIO: Lisbonense**, R. Leão d'Oliveira, 2-B (T. 637020); **SAPADORES - PAIVA COUCEIRO: Europa**, Av. General Roçadas, 27-A-B (T. 843880); **BRANDOA - AMADORA: Tavares Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 911203).

REFORÇO

AREEIRO - PRAÇA DE LONDRES: João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); **BOA-HORA: Sepol**, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); **CAMPO D'OURIQUE: Elma**, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 666176); **CASTELO: Silva**, C. de Santo André, 16 (T. 862074); **CHILE: Aliança**, Av. Almirante Reis, 145-B-C (T. 570487); **FEIRA POPULAR: Santa Maria**, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); **GRAÇA: Monte**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **LUZ - 2.º CIRCULAR: Da Luz**, E. da Luz, 124-A (T. 723179); **MARQUÊS DE POMBAL: Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PICHELEIRA: Martuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **XABREGAS - MADRE DE DEUS: Conceição**, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **BURACA -AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939.

Outra banda

ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Aveiar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Até às 22 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, R. Boa Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, Bairro Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Duarte Ramos**, R. Bafatá, 11, loja 30. Até às 22 horas; **SEIXAL: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10, Arrentela (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: União Mutualista**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Permanente; **Isabel**, L. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677). Permanente; **Costa**, R. Misericórdia, 48 (T. 22760). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 2101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D Diogo Couto, lote 182 (T. 219697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, Bairro Padre P. Correia, 4-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839). Permanente; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial De. Augusto de Castro, 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170/281419). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Nunes, E. Serra da Mira, Falagueira (T. 937543). Permanente; **Solla**, loja D, lote 65. Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Serra Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 957619). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**, Rinchoa. Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, Estefânia (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Permanente; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420); **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 2531240). Permanente).

PORTO

ATÉ ÀS 22 HORAS

MAGALHÃES, R. de Serralves, 566; **BARREIROS**, R. de Serpa Pinto, 8-10; **COSTA CABRAL**, R. Costa Cabral, 1832; **SOEIRO**, R. de Santos Pousada, 71; **BIRRA**, P. da Liberdade, 125.

PERMANENTE

LEMOS & FILHOS, P. de Carlos Alberto, 31; **FALCÃO**, R. de Santo Ildefonso, 61; **BOTELHO**, R. da Alegria, 863; **QUEIJA FERREIRA**, R. Vasques de Mesquita, 32, às Antas; **CAMPO ALEGRE**, R. do Campo Alegre, 723

Coimbra

ATÉ ÀS 22 HORAS

RAINHA SANTA, R. Figueira da Foz, 11-B.

PERMANENTE

LUCIANO & MATOS, R. da Sofia, 7-11

teatros

Lisboa

TEATRO ABERTO – «A Boa Pessoa», às 21.30 (13 anos)
TEATRO IBÉRICO – «Gardel, El Dia que Me Quieras», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II – «Sarah Bernhardt», às 21.30 (12 anos)
SALA EXPERIMENTAL – «A Ilha do Rei Sono», às 15.15
ABC – «É Tudo a Roubar», às 20.30 e 23.00 (16 anos)
VARIEDADES – «Eu Desço na Próxima, e você?», às 21.45 (12 anos)
BAIRRO ALTO – Cornucópia – «A Missão», às 21.30 (12 anos)

PORTO

CAMPO ALEGRE – Seiva Trupe – «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
POVO PORTUENSE – «O Amor de uma Mulher», às 21.45 (13 anos)
REALEJO – «Café Teatro», às 21.45 (13 anos).

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

0.07 3,4 m 6.11 1,5 m
12.38 3,3 m 19.22 1,5 m
Dia 27
0.52 3,5 m 6.45 1,4 m
13.17 3,5 m 18.57 1,4 m

TEMPERATURS DO AR ÀS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO	13º
BRAGANÇA	12º
VILA REAL	12º
PORTO	13º
COIMBRA	13º
CABO CARVOEIRO	14º
PORTALEGRE	14º
LISBOA	12º
ÉVORA	12º
BEJA	12º
FARO	13º
SAGRES	–
PONTA DELGADA	12º
FUNCHAL	16º

Sessão solene no parlamento

Para além da evocação de Abril debateram-se projectos políticos

«Termino com a consoladora certeza de que se não formos nós capazes de realizar esse projecto, o Povo encontrará sempre maneira de vir à tona da História».

Com estas palavras do general Ramalho Eanes terminou a sessão solene que na Assembleia da República sublinhou a passagem do Décimo Aniversário do 25 de Abril.

Sessão que foi das mais ricas, em termos de debate político, que se realizaram no antigo convento de S. Bento e porventura aquela em que o cerimonial evocativo cedeu passo à clarificação estratégica dos diversos intervenientes.

A intervenção do general Eanes, a última da tarde, era aguardada com expectativa, já que aquele cenário serviu para o Presidente provocar a queda dos dois primeiros governos socialistas.

Surpreendentemente, ou talvez não, o Presidente da República fez um discurso diferente. Recusando a mera evocação – «ao pensar que parte significativa da juventude portuguesa não viveu, ou se viveu não sentiu, o regime anterior» – Ramalho Eanes preferiu propor «uma reflexão conjunta e mesmo uma autocrítica sobre estes dez anos da nossa vivência colectiva».

E aí teve uma posição dura – «Em boa verdade, nenhuma razão por mais objectiva que seja, será por si suficiente para justificar o tempo perdido, as energias dispersas, a falta de rigor que nos têm afastado do progresso, da modernidade e vêm contribuindo para fragilizar a afirmação da nossa independência».

Segundo o Presidente, «é hoje inevitável reconhecer aquilo que, há muito alguns têm defendido, embora sem encontrar eco inteiro na decisão política. A transição para um modelo de desenvolvimento feito com compreensão de todos os mecanismos desta crise persistente, no plano interno e externo, impõe uma acção sistemática sobre o nosso sistema produtivo».

«O problema político essencial na presente situação, continuou Eanes, «só tem a ver com as responsabilidades da democracia, os interesses dos portugueses e a resolução dos seus problemas concretos, devendo ser alheios aos atritos políticos, lutas pelo poder ou projectos personalizados». Porque, «as eventuais vitórias na luta pelo poder são apenas vitórias pessoais, mas nacionalmente inconsequentes».

Depois de sublinhar que «nenhuma ameaça antidemocrática se perfila no nosso horizonte próximo», o Presidente da República disse que «dez anos são um tempo longo se for apreciado na perspectiva dos erros cometidos e que são responsabilidade de todos os dirigentes políticos, de onde naturalmente me não excluo».

E referiu de seguida que «já não há espaço para novos erros, já não é possível ceder à inércia do mais cómodo e do mais fácil». «Trata-se, disse, de definir e de realizar, clara e firmemente, um projecto que, sendo realista, possa estimular vontades e mobilizar energias».

Com este discurso, comentava-se depois nos Paços Perdidos, Eanes colocou-se pela primeira vez contra o regime político vigente. Falta conhecer as ilações que desse posicionamento retirará, depois de ter deixado à classe política a ameaça de que, perante o seu falhanço, o «povo encontrará sempre maneira de vir à tona da história».

As palmas de circunstância de alguns deputados e outras individualidades contrastavam com a imobilidade e o silêncio do Primeiro-Ministro, Mário Soares. Aliás seguido por Mota Pinto que parou os aplausos quando viu quedo o chefe do Governo.

Antes do Presidente da República falara o presidente da Assembleia, Tito de Morais que num discurso protocolar, apenas sublinhou a importância e o peso do Parlamento na democracia construída depois de 25 de Abril – «a vida desta casa e nesta casa é parte essencial do património herdado da Revolução dos Cravos».

Por cada um dos partidos com representação parlamentar falou um deputado.

O mais polémico foi o líder parlamentar da UEDS, Lopes Cardoso que não perdeu a oportunidade para defender a instituição parlamentar e os partidos ligando-os à Revolução de Abril, criticando a Igreja e o Presidente da República.

«Os que se calaram perante as prisões, a tortura, a guerra colonial, disse «não poupam hoje as acusações e as críticas ao regime democrático, esquecidos talvez que essas acusações e essas críticas contêm em si mesmas, uma das mais belas homenagens ao 25 de Abril: o reconhecimento implícito da liberdade que elas lhes trouxe, de as formularem sem peias, nem riscos».

«Como gostaria», disse ainda, «de ter visto o senhor Cardeal-Patriarca denunciar, com a mesma veemência e aplicação com que invectiva o Governo e as leis a que chama iníquas, os crimes da ditadura, como o fizeram outros que se reclamavam e reclamam dos mesmos valores que são os seus».

Para depois concluir que «fica-nos a certeza, ao ouvir Sua Eminência, que a democracia existe e porque a democracia existe o 25 de Abril está vivo».

Reconhecendo, embora, erros e insuficiências, Lopes Cardoso disse mais adiante: «Dez anos depois do 25 de Abril os partidos políticos e com eles esta Assembleia, tornaram-se os bodes expiatórios de todos os males que o País padece». Acrescentando: «Mas, mais grave: aquele que é o garante último das instituições, vem agora juntar a sua voz à voz dos que prosseguem uma campanha continuada de descrédito da instituição parlamentar. Por isso, senhor Presidente da República, ouso dizer-lhe, desta tribuna que é a tribuna dos que me elegeram, que ao fazê-lo prestou Vossa Excelência, senhor Presidente, um mau serviço à democracia reconquistada faz hoje dez anos».

Um mau serviço porque «lançando a dúvida sobre o comportamento dos deputados e por consequência, quer o desejasse ou não, sobre a legitimidade desta Assembleia como expressão que é da vontade popular».

«Cortesia não é sinónimo de hipocrisia», justificou Lopes Cardoso o ataque feito ao Presidente. «E porque este é Dia da Liberdade é que o faço».

A última parte do discurso de Lopes Cardoso foi para sublinhar as vantagens da democracia representativa. «A democracia representativa não basta, mas as democracias de base, a democracia 'participativa' nunca existirão sem ela», afirmou.

José Luís Nunes, pelo PS e Magalhães Mota, pela ASDI, ficaram-se pelo elogio de Abril.

O líder socialista começando por homenagear os que, há dez anos, arriscando vidas e haveres, souberam dar corpo à vontade nacional, para depois salientar que «na história só perduram os regimes alicerçados nos princípios da tolerância, da convivência e do respeito mútuo».

«Hoje, disse ainda José Luís Nunes, «é imperioso dever de todos nós prosseguir uma política de larga e completa reconciliação nacional que fortaleça os laços de fraternidade entre os portugueses e o sentimento de que pertencem a um mesmo povo e um mesmo país».

Terminou com a afirmação de que «Portugal é hoje uma casa livre».

Do mesmo modo, Magalhães Mota insistiu no especial valor da liberdade, que é aquilo que importa festejar. «Cada um de nós tem que ser tão inteiro como a liberdade que nos habita. Capaz de dizer sim e dizer não. Esse é o 25 de Abril que será»...

O PCP e o MDP fizeram discursos curiosos. Dias Lourenço insistindo nos aspectos positivos do 25 de Abril, celebrando a Revolução de Abril com «poderosas razões de confiança. Confiança nos grandes ideais que a inspiraram, confiança na perenidade e solidez das conquistas democráticas alcançadas».

Considerou depois que o movimento militar veio coroarf «um longo processo de libertação amassado no sofrimento colectivo de gerações inteiras, levedado na luta tenaz das massas populares, temperado no sacrifício, quantas vezes heróico, de milhares de patriotas».

«Mas, reconheceu também Dias Lourenço, é aos valorosos militares de Abril, aos jovens capitães que com audácia meteram ombros à patriótica arrancada do 25 de Abril que cabe o mérito excepcional da iniciativa histórica».

Depois de salientar os motivos de preocupação hoje existentes, Dias Lourenço salientou «motivos de reflexão» — «a unidade de todos os democratas, de todos os patriotas e antifascistas é hoje um imperativo categórico».

José Tengarrinha, do MDP, fez um discurso que incidiu, fundamentalmente, sobre a actual situação. Em resumo e na sua perspectiva, «estamos, sem dúvida, longe do 25 de Abril».

«Não basta o que se fez no passado para justificar o que se faz no presente» e «como soa falso e ridículo até, nestas condições, falar-se em Estado de Direito, quando nem na substância nem se querem muitos dos seus aspectos formais ele é respeitado» disse Tengarrinha analisando a actual situação.

«Encontramo-nos, acrescentou, no pleno reinado da política politiqueira, da mediocridade, baça e absurda, num País sem rumo, sem sentido, sem nexo, num País que vive do e para o imediato, sem projecto, sem futuro; num País suspenso no tempo, adiado, em que pessoas e coisas se agitam sem saber para onde nem porquê, nem sequer como borboletas tontas atraídas por qualquer luz mas na penumbra incaracterística, cinzenta, movendo-se em gestos lentos, macilentos, soturnos.»

Azevedo Soares do CDS, fez o discurso clássico da oposição anti-socialista. Um verdadeiro programa do CDS para os próximos dez anos, em que sobrepondo a liberdade ao socialismo se garantiria o progresso.

«Deixemos para trás os mitos, os preconceitos e as amarras e façamos da próxima década a década da liberdade, do trabalho e da esperança», disse a concluir.»

Pelo PSD falou o seu líder parlamentar, Fernando Condesso. O discurso foi o pior de quantos ontem se ouviram.

Não se percebeu se o dirigente do PSD queria invectivar o 25 de Abril, se a democracia, se o actual Governo. Uma nebulosa que ninguém entendeu. E que ficou marcado pela grande «gaffe» da tarde, quando Condesso discorreu sobre o dia de Portugal que ontem se comemorava. Acontece, apenas, que o Dia de Portugal se comemora a 10 de Junho...

José Manuel Vilaça

Jaime Gama visita Zimbabwé Moçambique e África do Sul

A visita de Jaime Gama ao Zimbabwé, que ontem começou e amanhã termina, visa contactos essencialmente políticos com um país que se encontra na liderança do grupo da Linha da Frente — disse à ANOP uma fonte oficial do MNE.

O ministro dos Negócios Estrangeiros deixou Lisboa na madrugada de quarta-feira para visitas de trabalho ao Zimbabwé e à África do Sul e, entre as duas deslocações, uma visita oficial a Moçambique, de 28 do corrente a 1 de Maio.

Na capital do Zimbabwé, Harare, Jaime Gama, que viaja acompanhado do director-geral dos Assuntos Políticos do MNE, procurará auscultar o governo quanto às posições defendidas face à conjuntura política da África Austral e dos países da Conferência de Coordenação Económica da África do Sul (SADCC), disse o informador oficial

A data da próxima reunião da comissão mista de cooperação luso-zimbabweana deverá ser estabelecida na oportunidade para decorrer em Maio em Lisboa.

Em Maputo, nos três dias da visita oficial, Jaime Gama debaterá questões políticas com o seu homólogo moçambicano Joaquim Chissano, analisará problemas financeiros das relações económicas entre os dois países e procurará solucionar questões de cooperação bilateral, relacionadas com a atribuição de bolsas de estudo por Portugal a bolseiros moçambicanos e ao trabalho de professores portugueses em Moçambique.

O ministro português estudará também em Maputo as hipóteses de Portugal proceder à abertura de um centro cultural, a funcionar junto da Embaixada na capital de Moçambique.

Gama efectuará uma «visita simbólica» à barragem de Cahora Bassa, devendo assinar, dia 2 de Maio, na Cidade do Cabo, o novo acordo tripartido Portugal-Moçambique-África do Sul sobre aquela barragem de Moçambique.

A visita à África do Sul decorrerá dia 2 e consta essencialmente de uma deslocação à Cidade do Cabo, nomeadamente para conversações políticas com o chefe da diplomacia sul-africana, Roelof Botha.

Reagan desde hoje em visita à China

O presidente dos EUA, Ronald Reagan chegou hoje a Pequim para uma visita oficial de seis dias à China, a primeira de um chefe de Estado americano a este país depois da normalização sino-americana de 1979.

Reagan foi recebido à chegada por vários responsáveis chineses à frente dos quais o ministro dos Negócios Estrangeiros, Wu Xueqian e o ministro da Cultura, Zhu Muhzi.

Durante a sua estada em Pequim, Reagan terá dez horas de encontros com dirigentes chineses, antes de visitar, a 29 de Abril, a antiga capital imperial de Xian, no leste da China e de se deslocar no dia seguinte a Xangai.

O presidente a americano não fez nenhuma declaraçãoà chegada, e partiu imediatamente para Tiananmen, no centro de Pequim, onde tem lugar a cerimónia oficial de recepção.

Durante a sua visita, Reagan terá conversações ao mais alto nível com os dirigentes chineses sobre as relações bilaterais económicas e comerciais entre a China e os Estados Unidos.

Devem ser assinados dois acordos durante a estada de Reagan: um acordo fiscal, visando evitar as taxas duplas para as sociedades americanas que invistam na China, e outro no domínio cultural.

Um acordo nuclear pode também vir a ser assinado ou rubricado, abrindo caminho ao fornecimento pelos Estados Unidos de equipamentos para as centrais nucleares chinesas, representando um mercado de vários biliões de dólares para as companhias americanas.

O presidene é acompanhado por George Shultz, secretário de Estado, que se deve encontrar com várias personalidades chinesas, nomeadamente o ministro dos Negócios Estrangeiros, Wu Xueqian.

Rectificação

Um problema de natureza técnica motivou que, na nossa edição de segunda-feira passada, dia 23, o artigo «A propósito de um dicionário de Geografia» tivesse sido publicado sem o nome do seu autor, o prof. dr. Jorge Gaspar, do Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras de Lisboa. Na mesma edição, na primeira página, na legenda da ção do livro «Trabalho, Sindicalismo e Greves no Regime Fascista», saiu trocada a identificação do dr. José Magalhães Godinho, confundido que foi com o seu irmão, dr. Vitorino Magalhães Godinho. Destes dois lapsos, as nossas desculpas.

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 157 • 26 de Abril de 1984

As cavalgadas de Eric Deschodt

•Um escritor que passeia pela sua própria vida como um viajante cheio de curiosidade por tudo

ERIC DESCHODT conservou do seu meio original as maneiras cuidadas e uma extrema cortesia. Da sua vida, não-conformista e pouco afortunada, herdou uma espécie de incerteza sobre si próprio e de timidez que, apesar dos seus 46 anos de idade, lhe dão um aspecto de rapaz crescido e apenas um bocadinho envelhecido pelos anos.

Desenho de Bérénice Cleeve.

RIC Deschodt conservou do seu meio original as maneiras cuidadas e uma extrema cortesia. Da sua vida, não-conformista e pouco afortunada, herdou uma espécie de incerteza sobre si próprio e de timidez que, apesar dos seus 46 anos de idade, lhe dão um aspecto de rapaz crescido e apenas um bocadinho envelhecido pelos anos.

Na sua «família burguesa clássica», já tinha programado o futuro: estudos secundários em Neuilly e depois estudos superiores. Eric Deschoudt seria mais um licenciado e seguiria a carreira bancária ou da administração pública, decerto; mas, no fim do primeiro ano, «deixou tudo». Segundo ele, sem grande mérito: «Não tive medo, pois julgo que sou bastante irresponsável, e não sei se agi devido a um verdadeiro enfado quanto às carreiras que me prometiam ou, mais simplesmente, para justificar a minha preguiça».

Começava então singular percurso de um homem que passeia pela sua própria vida como um viajante cheio de curiosidade por tudo, até pelas tarefas sem glória e pelas experiências inseguras ou desastrosas. O ex-aluno do liceu fez-se rapidamente repórter – estava a acabar a guerra da Argélia – e em seguida correspondente da rádio francesa em Brazzaville, no Congo, onde esteve mais de um ano. De regresso a França, Eric Deschodt foi vendedor de máquinas agrícolas em Orléans e depois representante de tintas antes, segundo diz, do «episódio pouco brilhante da minha casa editora, minúscula e marginal, que apenas publicou um livro».

Depois desse fiasco, arranjou um emprego como jornalista por intermédio de Marcel Dassault. Em **Vingt--Quatre Heures,** que só se publicou durante onze meses, bem como depois, no **Jours de France**, Eric Deschodt não oculta o facto de ser «antes do mais, um homem de direita» – coisa que lhe facilitou o ter estado sete anos naquela publicação.

O despedimento, em 1972, não o deixou aflito. Foi para a Camargue... para criar enguias, enquanto a esposa e os três filhos (que hoje são quatro) continuavam a viver em Paris. «Aquilo foi uma rápida catástrofe – diz ele com aquele género de negligência que põe no relato da sua vida –. Mas fiquei na Camargue três anos. Foi no fim dessa estadia que apresentei à Lattès o manuscrito das **Demoiselles sauvages.** O meu livro foi aceite...».

Com perto de 40 anos, era necessário fazer o ponto e verificar que «esta vida é uma sucessão de becos sem saída». Apenas na escrita pôde acalmar-se a irredutível instabilidade de Eric Deschodt.

Do relato da aventurosa vida do **Général des Galères** (Lattès, 1979), Eric Deschodt passou a um romance inspirado no seu gosto pelos pântanos e pela caça, **Les Îles captives** (Lattés, 1981) e em seguida a uma biografia de Saint-Exupéry (Lattés), antes de publicar **La Gloire du Liban** (Lattès, 1982), «romance situado na actualidade. Em 1980, eu estava em Beirute. Fui lá porque o que lá se estava a passar me apaixonava e eu não podia imaginar-me ausente dali».

«A viagem de Gary e de Ajar»

Outro livro seu, recentemente publicado – **O rei mandou rufar o tambor**, ou a louca aventura do cadete de La Pivardière, tão pouco preocupado com as leis da sua época que era bígamo –, é o seu primeiro «verdadeiro romance histórico». A história do cadete bígamo, no reinado de Luiz XIV, e da maquinação judicial que da sua primeira esposa fez uma vítima, acusada de o ter assassinado, ocupava apenas umas quarenta páginas do livro **Causes célèbres et intéressantes** da biblioteca da família.

Foi, sem dúvida, por uma simpatia instintiva por aquele homem que preferiu os caminhos ocultos às avenidas da respeitabilidade, as máscaras à baça nudez de um único rosto, que Eric Deschodt teve vontade de «dar-lhe vida». Mas o escritor diz também ter sido «fascinado» pela pertinácia com que um juiz quis demonstrar que a justiça não se podia enganar – um frenesi que de século em século foi herdado por certos magistrados, para sempre persuadidos de que a máquina judicial segrega a sua própria coerência.

Eric Deschodt soube representar e desmontar tudo isso numa narrativa rápida como a da vida de La Pivardière, ritmada de mentiras, amores, lances teatrais – uma vida dupla em que o «suspense» se mantém até à última cavalgada.

«Claro que tenho prazer em tal romande histórico – conclui o autor –, mas ver-me encerrado num género literário causar-me-ia enfado». É difícil imaginar Eric Deschodt encerrado – ele, que consegue evadir-se de tudo, até da narração linear, quando se entusiasma com a leitura de Claude Simon. E acontece-lhe até sonhar com a evasão suprema, para fora da sua identidade: «Estamos sempre a sonhar com essa viagem... A viagem de Gary e de Ajar...».

JOSYANE SAVIGNEAU

* Le Roi fait battre tambour, **de Eric Deschodt. Lattès, 393 p., 75f.**

PARIS PAS CHER (I)

Lisboa-Paris-New York

Ramiro S. Osório

Ramiro S. Osório
17 de Dezembro

Olá Lia,

Desculpa este atraso enorme. Depois te explicarei.

Porquê «LISBOA-PARIS--NEW YORK»? Como sabes, os grandes perfumes e as jóias (mesmo pequenas ou médias) ostentam nas suas embalagens um colar de metrópoles. Lisboa não pertence à seita. Mas é para aí que escrevo. Porquê «PARIS PAS CHER»? Como sabes, floresce agora em Paris uma cadeia de lojecas pilecas onde vendem o refugo de incêndios, falências e outras minicatástrofes pessoais. *A part ça:*

«O regresso a Paris não lhe trouxe alegria» – cito de cor Valery, in Gide, Les faux--monnayenrs.

Desde 1962, nunca me ausentara tanto de Paris. Meio ano. E metade de mim ainda aqui não está.

É meio-dia e escrevo com a luz acesa. Ironia chamarem-lhe Cidade-Luz. Falta pelo menos o adjectivo eléctrica.

É depois acontece que mal chegado dou com um livro «Visão em Nova Iorque». Abro-o. Na página 25:

«Gosto de Nova Iorque. Viveria nela com prazer se tivesse posses para isso. Céu aberto, muito alto; sol forte, cortante; oceano; ar de oceano; luz que faz acordar; comprimento de ondas nítido. A França e Paris são antes para mim um confinamente, um exílio».

18 de Dezembro

Yannick Noah dá o fora. «O vencedor de Roland-Garros espera afogar em Nova Iorque o blues que o assalta em Paris».

19 de Dezembro

Conspiração ou coincidências da atenção selectiva?

A televisão tráz-me outro exilado de Nova-Iorque (Nestor Almendros) e alguns autóctones verdadeiros ou falsos (Ray Bradbury, Bob Benton, Saul Bass, Woody Allen). E Manhattan de novo, cristalina e mágica.

É um programa de uma série à qual habitualmente fujo. Um convidado traz ao estúdio os seus próprios convidados. Face à assembleia, a França profunda ronrona então. preludiando o oó intercalar – entre o metro que a trouxe a casa e o que a fará voltar ao trabalho no dia seguinte.

O convidado desta noite foi (o artista gráfico belga-parisiense) Jean-Michel Folon. Aceitou o convite sob duas condições: corealizar a emisão e trocar o estúdio das Buttes-Chaumont por Nova Iorque ao vivo.

Foi um bom programa. Tão bom que valha a pena incomodar leitores distantes com estas linhas?

Claro que hesitei em fazê-lo. O programa de Folon é um móbil aparente. Por detrás: uma cebola. Múltiplas capas.

Significar este outro papel de Paris em relação a Lisboa: estar mais perto do resto. Que a tal resto se chame mundo ou outro beco é secundário. O que me parece importante é ter acesso a mais parcelas. E não forçosamente para as adicionar. Nem está dito que elas sejam adicionáveis. Se 1 + 1 fosse sempre igual a 2, Godard teria dado ao seu fime o título do resultado.

Continua na pág. 2

Folon, «A Prévert» (Nouvelles images, ed.)

Diário de Lisboa LER ESCREVER

Férias repartidas

AS Instituições recomendam-nos férias repartidas e eu meti-me nelas convicto de que me eram mais fáceis do que as outras – as seguidas – demasiado extensas para o vencimento dum escriturário nacional.

E fiz logo planos, como toda a gente que ainda os faz. Consultei vários programas de viagem, estudei atentamente a desapoiada queda do escudo, e decidi-me viajar com dólares ou marcos. De seguida, pensei em vários locais de interesse. Não faltam.

Contudo, à medida que fazia as minhas contas e verificava que os meus dólares e marcos eram escudos antes de cambiados, diminuía o trajecto possível. E tão minguado ficou que concluí que podia cobrir fácilmente de bicicleta e num só dia.

Então, estaquei nas minhas cogitações itinerantes, pus de parte uma série de mapas por onde o meu dedo circulava à vontade, percebi que a minha aritmética estava em ordem (há sempre aspectos positivos em todo o desaire...) e decidi-me por um «cruzeiro» ao Rio Tejo ou uma ida à Feira Popular. Ou, como alternativa, uma deslocação ao Mosteiro dos Jerónimos, à Torre de Belém, ou viajar um pouco mais longe, digamos à Praia de Santo Amaro de Oeiras.

Espantado com as soluções que arranjara, achei que era um programa aliciante se eu vivesse, por exemplo, na Patagónia, ou num sítio distante como esse. Mas como não vivo, esfumou-se de imediato o encanto e dei um pontapé numa cadeira – talvez para me convencer que estava surpreendido com a situação.

Acalmei, e o que é que me ocorreu? As inúmeras viagens feitas pelos meus compatriotas-governantes e o sacrifício que representa para eles todas essas deslocações ao longo do ano. Cai o avião, não cai o avião; aqui um idioma, ali outro; um dia Paris, noutro a China, mais tarde o Japão; embarques e desembarques; separação da família e dispêndio com as prendas para a esposa, quando não vai, e para os meninos, quando ficam; jantaradas empanturrantes; discursatas obrigatórias e que enrouquecem qualquer um... E tudo sem falar na preocupação que todos os governantes transportam consigo e que é a de saberem como fica por cá a rapaziada. Seguramente interrogam-se amiúde: «Estarão bem os lusos? Ainda tomam a bica e fumam o seu cigarrito»? Suponho que já não lhes ocorre o bife e o resto...

Evocando todos estes sacrifícios a que se sujeitam os nossos governantes, senti um grande alívio por não fazer parte da elasse dirigente. Se assim não fôsse, lá ia como eles a apertar o cinto do avião (faço parte dos cidadãos que nunca desapertam o cinto); a comer com pauzinhos na China; a mudar de vestimenta conforme as recepções; e tudo o mais inerente a quem viaja, particularmente ao serviço do Estado.

Exultei com a minha tomada de consciência a respeito dos nossos sacrificados viajantes e até pensei que se lhes ocorresse os pensamentos que me ocorreram, por certo recusavam-se a viajar ao serviço da Pátria e lá ficávamos para aqui perdidos, isolados, e sem as benesses que nos trazem lá de fora.

Entretanto, coloquei de novo a minha imaginação ao dispor das minhas férias repartidas.

E um tanto sem o prever, encontrei com facilidade o lugar ideal para as mesmas: o meu bairro e a minha casa. Sim, sim, pareceu-me o sítio adequado.

Vivo nos subúrbios da capital e mal conheço o meu bairro e até a minha casa.

De manhã, corro para o comboio e não vejo mais nada. No regresso, à noite, como o bairro é deficientemente iluminado, mal distingo uma casa de outra. E a minha própria casa, apesar das suas poucas divisões, nunca a apreciei devidamente. Chego tarde, como a sopa, folheio o jornal, pespego-me em frente da TVê, e quando dou por mim já estou deitado a dormir. Ao meu filho quase só dou as boas-noitres, e a minha mulher, como faz o trajecto de regresso comigo, quando entramos em casa já não temos conversa.

Nos fins de semana, são os banhos, o levantar mais tarde, uma olhadela para os cadernos do miúdo, uma ida ao café empatar o tempo, e pouco mais. E, de qualquer modo, nos fins de semana, o bairro não se mostra tal qual é, a sua movimentação modifica-se, e eu desconheço bastante o seu real dia-a-dia.

Mas agora tenho a oportunidade de conhecer bem o meu local de vivência. Achei até a escolha tão acertada que me deu para interpelar-me nuns termos um tanto duros. Disse-me assim: «És um safardana, pá. Nem sabes o que tens. Vives num bairro democrático, podes deslocar-te nele à vontade, e falar mesmo com duas, três ou mais pessoas ao mesmo tempo. Não estás sujeito a guerras pois a defesa do território está cometida a ministros que se preocupam contigo, e, se andares com cuidado e não tropeçares, evitas até uma ida ao hospital e poupas s famigeradas taxas de saúde. Que mais queres, pá? E nem te falo no Sol, tão procurado pelos estrangeiros e distribuído sem restrições pelo teu bairro. Certo que, às vezes, falta a água e a electricidade mas também não queiras o paraíso...»

Sim, senhor, ouvi-me atentamente, e achei a conversa retemperadora.

E neste estado de espírito não duvidei que ia ter as férias que merecia.

Deixava de correr para o comboio, de viajar espartilhado, de ouvir o chefe, e de tudo o mais de que necessitamos livrar-nos pelo menos durante uns tempos.

E, na primeira manhã de férias, abri a porta da rua, dei uma volta ao quarteirão, respirei fundo, e plantei-me num café a ler o jornal. E foi nessa postura que me ocorreu que um dia eu e o meu bairro entramos para a CEE. Sei que se fazem esforços nesse sentido. E aí voltei a interpelar-me desta forma: «Quando esse maravilhoso dia chegar podes continuar gozando as férias no teu bairro que as passas num bairro Grande CEE, o que é muito mais «chique».

Um poema *Carlos Leite*

Menos que em silêncio
estás, rouxinal lírico,
mudo,
cantando. (O som que vemos, fílmico,
é o da gaivota, electrónico, ou,
com mais determinismo
o da gaiola
apenas). Uma fábula quis
que te elevasses assim
tal
nos ares
canto d'homem, pobre
— como um rouxinol — fulgor
dum instinto, dum dia, dum Verão
e que outro homem recolhesse, fixo.
Vemos. Ouvimos. Lemos. Mas
antes ou entretanto, algo, uma
alma, alga, o
sonoro,
se te colara à pele, se te enleara
no coração, quem a recolherá: voz
primaveril tardia de juvenal bucólico
latinista triste. Terás dito então
com Bernardim
«Ante mim mesmo e mim», enlevado
de silêncios que te enlevam **como a medo uma**
canção havida durante uma tempestade no mar,
sobrevoo de albatroz que um vento veloz
em suas asas, perdido
de rumo,
acolhe:
Terás dito e não dito. A alma,
tua alga,
não canta — propôs-se, pro
voca-se-te, corrente
eléctrica. Nada
que houvesses a cantar,
rouxinol homem, houveras de cantar.
Porque te sobrepões então ao canto do silêncio?
Por quê?

O NORTE DA PINT

I — Johan Var

Nunca, talvez como **Duplo retrato dos esposos Arnolfini (1437)** uma tela assim se constituiu de puros efeitos de **pintura.**

Ausente a transcendência do símbolo, o que temos é isto: uma cena de interiores e uma produção de sentidos a partir dos próprios signos e efeitos (relações do significante) de pintura. Quer o sentido literal quer o sentido moral não passam de **sentidos segundos** em relação ao novo sistema de significação que advém da própria composição do quadro como estrutura de relações entre signos (índices de sentido) e efeitos de pintura (disposição no espaço e jogos de luzes que os cifram).

Face a uma tela como esta, bem se pode dizer: **«Esta tela existe, logo nasceu a pintura!»**

Acto de nascimento que, contudo, um pouco como sucede com a importância do estado de espelho para a própria delimitação do Sujeito (a criança) como unidade e estrutura, não podia deixar de ser **(auto-)reflexivo** — isto é, de assentar num **dispositivo de especularidade** (segundo e crítico) (7).

Repare-se, assim, como o centro da tela é deixado prepositadamente **vago,** no primeiro plano (e **para trás,** de modo a acentuar a profundidade de campo); as duas figuras, apanhadas num espaço quase intermediário — (o cão, por exemplo, está à sua frente), com efeito, como que flutuam; deste modo, se tivermos em conta a importância do centro (da tela) para a deposição do sentido em pintura, não devemos estranhar que, a surgir algo nesse meio termo, esse elemento deva ser sempre uma **marca** que feche e sobredetermine o sentido (e o campo) global da pintura.

O que aparece, então, nesse centro?

Antes de mais uma cadeira, vazia. Depois, um espelho convexo, redondo, no qual, além dos dois esposos (motivo manifesto da pintura), podemos distinguir uma porta que se entreabe para dois intrusos — um dos quais, escusado (quase) seria dizê-lo, segundo alguns comentadores, representaria o próprio pintor (8); por fim, e por cima do espelho — possuindo-o em si (conteúdo manifesto) e no outro lado (do espelho) dos seus mecani(ci)smos —, uma inscrição perfeita, numa caligrafia cursiva: JOAHANNES DE EYCK FUIT HIC («Johan Eyck esteve aqui»). Como Francis Ponge escreveu num dos textos de **Pour un Malherbe,** o pintor, **por duas vezes,** o quadro assina (tal é, justificadamente, o seu júbilo e orgulho): primeiro, com a sua **imagem (de voyeur** e visto) reflectida; depois, com a sua escrita e **assinatura** (9).

Em última instância, o que o pintor nos diz é que o vazio — ou a suspensão, na tela, de um sentido (suspensão criada tanto pela dispersão, no espaço, dos objectos e dos signos, como pelo intervalo existente no primeiro plano entre as duas figuras — ou o contraste entre a cena de interiores e a iluminção do exterior, que através da janela se precisa...) — representa um índice da própria vontade do autor de marcar a sua tela como um **artifício** (com o qual se identifica).

É essa, se quizermos, a novidade revolucionária desta pintura: ainda há bem pouco nascida, esta tela sela já **a emancipação** (futura?) **da pintura!**

Na **Madona do Cavaleiro Rolin** processa-se também, de um modo ainda talvez mais claro, a **racionalização** (mais global e homogénea) do espaço (místico) do figurativo da pintura do anterior período (que marca ainda de forma muito visível, como conceptualização de conjunto, o político do **Cordeiro místico** — menos tido como um conjunto de telas/tábuas: pinturas do que como um **ícone**).

Essa racionalização (e já não só relativização) do espaço da pintura, podemos detectá-la em vários planos que entre si se articulam.

Por um lado, o cenário do primeiro «acto» (alegórico ou místico) é já não só o do **teatro** mas

PARIS PAS CHER (I)

Lisboa-Paris-N

Continuação da pág. 1

Lisboa-Paris-New York não estabelece uma hierarquia absoluta entre essas cidades. A coisa é bem mais complexa. Simplesmente, direi que ver Ray Bradbury falar do seu trabalho me foi salutar, enquanto que as aparições quotidianas de Ron Reagan na televisão portuguesa não me faziam desejar o dia seguinte.

20 de Dezembro

Que outras capas na cebola onde me meti?

Ousar o discurso não linear. Informar indirectamente. Fornecer parcelas. Privilegiar o que não é notícia. Dar eco a esta luta sem vencedor: céu alto, céu baixo. luz do sol, luz da culturas, sub-repticia e panteónica.

21 de Dezembro

Fui ao Centro Beaubourg para arranjar um bilhete postal de Folon.

Mal entrei dei de ventas com toneladas de Calder. Recordei a primeira vez que vim a Paris, o que calcorreei para acertar com a Unesco afim de saborear o meu primeiro Calder.

Escalas. A do tempo, a da habitação, a inerente a um sobredesenvolvimento.

TURA

Fernando Guerreiro

n Eyck: invenção da pintura

ais visivelmente o de um **cubo** berto numa das faces e cujo pla- o inferior, a base de apoio do uadro, é um tabuleiro de xadrez, m **ladrilhado** a branco e negro 10). O **acto** (teatral) da alegoria ê-se assim enquadrado (é bem o ermo) por uma estrutura especu- r e matemática que o reduz e o oca por meras regras de cálculo e de perspectiva). O **doador**, o enhor do palco (ou das regras do go), recebe deste modo já em ua casa (no seu terreiro — e nos eus próprios termos) as divinas guras.

Por outro lado, se o cubo se bre na sua face anterior (para ue a tela seja transparente, visí- el, a essa perda de dimensão — u de limite — corresponde a **denda** do outro lado, ao longe e um fundo de paisagem (em ue está contido o ponto de fuga o infinito). É evidente que aqui, omo sucederá mais tarde, a de- notação na própria pintura **da tela como «quadro»** tem um «efeito e ricochete» sobre o sentido da cção no primeiro plano investida isto, quando não a reescreve por completo ou condiciona, modifi- ca). Compreende-se, deste modo, como o infinito geométrico o ponto de fuga (intuído) com- pleta a racionalização (como du- pla compatimentação, quadratu- a) do sentido «místico» da pintu- a. Como? **Contrapondo-se, enquanto infinito representável (é a passagem da Metáfora à Metonímia), à irrepresentabilidade do sentido do infinito** (ou seja, **opondo-se** à própria intraductibilidade, impossibilidade de reconversão do Símbolo).

Conclusão prematura: enquanto o **Duplo retrato dos esposos A.** nos dava o próprio processo de produção da pintura. a **Madona do Cavaleiro Rolin** permite-nos antever a fórmula de formalização (sistematização figurativa) do seu sentido. O episódio alegórico já não constitui o suporte de um processo de transcendência do sentido — que viria cobrir o significante (em falta) da pintura —, limitando-se pelo contrário cada vez mais a ser uma **excredência heterogénea** que o quadro, enquanto estrutura, à sua ordem submete e só muito a custo admite (ou solicita).

Desta diferença de natureza nasce o **hiato** que é a **fonte de desequilíbrio** (e de produção) de toda a (posterior) pintura...

Lisboa/1977, Gand/1983

(7) Interessante é também observar como, no próprio momento em que se instaura o novo espaço da Representação clássica *– o que implica, como vimos noutros art.°s, uma distorção da experiência empírica da visão, de acordo com um* modelo *de interpretação dos dados dos sentidos («O quadro, construído de acordo com as regras da perspectiva, dá a ver aquilo que, só por nós, nunca conseguiríamos ver... Ele realiza – mostra – na representação que faz do espaço, enquanto quadro, aquilo de que a experiência imediata nunca tem conhecimento – ou seja, a homogeneidade e o infinito – e, ao mesmo tempo, porque o mostra, o dá a ver, o comunica à nossa experiência, transforma espaço psicofisiológico* [e a perspectiva natural] *num espaço geométrico matemático* [a perspectiva artificial]», *Louis Marin,* Détruire la peinture, *Galillé, p. 152) –, por meio destes jogos ópticos (e de perspectiva)* critica-se ou contorna-se o que na concepção desse sistema podia ser tomado de um modo total e absoluto. Escreve ainda L. Marin sobre este assunto: «Sem me deter na frequência com que o espelho convexo *surge na pintura nórdica, referirei que esse dispositivo especular possui o interesse técnico e teórico de, por meio das distorções que provoca,* endireitar *o axioma central da perspectiva linear, o princípio do dispositivo enunciativo-perceptivo»; «o espelho convexo – escreve mais adiante L.M. –, pelas distorções que introduz no dispositivo enunciativo-figurativo,* neutraliza *as neutralizações, os silenciamentos, as distorções que este acarreta na impressão visual do espaço – a saber: 1) o carácter esférico do campo visual perceptivo; 2) a estrutura curva da imagem na retina» – e mais adiante, ainda: «[os espelhos convexos] introduzem na cena, por meio dos reflexos representados, pontos de vista secundários, a partir dos quais se pode ter acesso à parte de trás das coisas» (L. Marin,* Détruire la Peinture, *pp. 150/1).*

(8) Um mecanismo de revelação, por especularidade, análogo, encontramo-lo nas Meninas *de Velazquez. Recorde-se o exacto comentário de Michel Foucault em* As Palavras e as Coisas: *«Ora o espelho nada mostra daquilo que o quadro representa. O seu olhar imóvel vai captar para além do quadro, nessa região necessariamente invisível que constitui a sua face exterior, as personagens que aí estão dispostas. Em vez de abarcar os objectos visíveis, esse espelho atravessa todo o campo da representação, desprezando o que poderia captar aí, e restitui a visibilidade ao que se encontra fora do alcance de todo o olhar. Contudo, essa invisibilidade que o espelho supera não é a do que está oculto: não contorna um obstáculo, não se desvia da perspectiva, dirige-se ao que se mantém invisível devido tanto à estrutura do quadro como à sua existência como pintura. O que nele se reflecte é o que todas as personagens da tela fixam nesse momento, olhando em frente, diante delas (...)» (p. 23 da trad. port. de Ant.° Ramos Rosa, Portugália). Esse centro, também aqui – e de uma forma talvez ainda mais abusiva, possessiva – é «simbolicamente soberano» (op. cit. p. 31).*

(9) Sublinhando o carácter presencial *desta assinatura, Michel Butor refere que é a* assinatura *que constitui mesmo o «acto essencial» de toda a tela (op. cit. p. 97).*

*(10) Hubert Damisch, citando George Kernodle (*From Art to Theater, Form and Convention in the Renaissance, *1944) refere essa relação entre as séries (artísticas) paralelas – que por vezes se relacionam e interpenetram – do teatro e da pintura – e escreve: «Com G. Kernodle poder-se-ia pensar que, na ausência de uma tradição contínua, a arte da Idade Média teria legado ao teatro da Renascença muitas das convenções da cena antiga e que a elaboração das modernas formas teatrais se tivesse elaborado ao mesmo tempo que a nova ordem figurativa – já que eram os mesmos indivíduos que, muitas vezes, se encontravam implicados, simultaneamente, numa actividade e na outra. No entanto, se esses diferentes modos de expressão interferem sem cessar entre si, eles não deixam de constituir em si ordens distintas (...). Assim que um objecto é subtraído à ordem do espectáculo para ser introduzido, sob uma forma pictural, noutro sistema de significação sui generis, ele passa de um plano de realidade para outro:* do plano da realidade espectacular, *em que ele é definido por meio de termos operatórios, para o da* realidade figurativa, *em que desempenha funções de natureza diferente» (H. Damisch,* Théorie du Nuage, *p. 111).*

O ladrilhado *(na base do quadro, que se levanta da frente* – grau 0 da superfície – *para o ponto de fuga, horizonte, do fundo) constitui, assim, tanto um modo de* quadricular *o espaço (de o reduzir, integrar numa determinada grelha, estrutura: a da* perspectiva – *que H. Damisch caracteriza como uma «*estrutura de exclusão*», cuja coerência se fundamenta numa série de «*refus*», op. cit. p. 171), como de, a partir dessa base de interpretação (apoio),* reformular a própria quest ão do espaço – *i.e., de sugerir uma* 3.ª dimensão, o fundo *(«a ilusão da profundidade do espaço tem por condição um* découpage, *uma correcta articulação do plano de projecção», id. p. 164). Quer H. Damisch (op. cit) quer Jean-Louis Scheffer* (Scénographie d'um tableau, *Seuil), entre outros autores, chamam a atenção para a contemporaneidade existente entre a articulação (matemática e geométrica) do novo espaço figurativo e a introdução (e expansão) no Ocidente de outro jogo de racionalização (e abertura, álea) do acaso: o* Xadrez *(recordam-se do* Decameron *de Pasollini – e, noutro continente, do mais recente* O Jogador de Xadrez *de Sayajy Ray?). Ao fim e ao cabo, a questão que deste modo, em diferentes campos, se punha era a da própria* conceptualização (ou Metáfora) do Infinito: *como refere Damisch, o* modelo de Brunelleschi *e a perspectiva «leva a colocar em termos picturais a questão do Infinito – já metaforicamente marcado como um ponto (...); no entanto, longe de se apoiar numa infinitização explícita do espaço, a construção perspectiva, pelos* limites *que a si própria se aplica, implica pelo contrário um* fechamento da cena representativa» – *e acrescenta: «com efeito, a questão do infinito estava bem longe de ser apenas uma questão matemática e sob diferentes formas, entre as quais as picturais, ela não deixará de* laborar *toda a cultura do Renascimento» (op. cit., p. 225. Os sublinhados são nossos). O* ponto de fuga *sugerido – mas de qualquer modo como Representação, lugar na tela,* detectável (visível) *– é, assim, e em todos os sentidos, o* ponto *(ao mesmo tempo a* Metáfora *– da questão do Infinito – e a* metonímia *– dentro do espaço homogéneo, e homólogo do natural, da pintura) em que o Sistema (e com ele* todos os Sistemas) *se* fecha. *Daí a sua dupla importância: do ponto de vista* defensivo *(a questão que através dele se põe é a da perspectiva) e* ofensivo *(como o compreenderam, bem cedo, Caravaggio, os barrocos – p. ex,. Salvatore Rosa – e os maneiristas).*

(11) Veja-se a Madona do Cónego Van der Päele *(:1434) (talvez menos rica do que a anterior, embora não difira muito dela do ponto de vista do funcionamento da fórmula representativa). Atente-se, sobretudo, nos diversos «pontos de fuga», anedóticos, por onde se perde a transcendência da (alegórica) figura da Virgem (entalhes na madeira do trono e sobretudo o papagaio (!) que a criança, Jesus, nas suas mãos segura). Valerá a pena referir, ainda, a aliança matrimonial, na mão da Virgem? Ou o pequeno adorno de campestres flores que pela criança lhe são oferecidas? Esta* deperdição da inteligibilidade do símbolo *é um dos aspectos mais interessantes, e inovadores, desta pintura...*

New York

22 de Dezembro

5.000.000 de franceses irão skiar no Natal. Os da região parisiente serão transportados por 700.000 automóveis e 1.280 combóios.

Florence Delay (a Joana d'Arc de Robert Bresson) ganhou o Prémio Fémina 1983. Entrevistada por Gérard Meudal, disse:

«Ainda assim o mais curiosos é dizer de si próprio não sou um *roman de gare* e estar lá à venda.»

Só não dedico este dia a John dos Passo por excesso de sentido evidente.

Diário de Lisboa LER ESCREVER

O Mapa Cor de Rosa

Cartas de Londres de Maria Velho da Costa

A Colecção Autores de Língua Portuguesa, de Publicações Dom Quixote, acaba de ser enriquecida com um dos nomes mais importantes da nossa literatura: Maria Velho da Costa.

«O Mapa Cor-de-Rosa» é o título do mais recente livro da Autora publicado agora por Publicações Dom Quixote e o primeiro das suas obras que esta Editora irá publicar futuramente.

Subtitulado «Cartas de Londres», «O Mapa Cor-de-Rosa» sugere-nos de imediato dois países, duas realidades: Inglaterra e Portugal, de Londres a Lisboa, de Brighton a Algés, sobre as suas gentes, amigos ou não, políticos, factos diversos, homens e mulheres encontrados ao acaso, nos fala Maria Velho da Costa. Sobre tudo isto, o seu olhar analítico, por vezes a sua agressividade e até mesmo a sua ironia cortante.

Pedaços de vivência consertados magistralmente em peça única, o MAPA COR-DE-ROSA, na tradição das Cartas de Inglaterra de Eça, é um livro de leitura fundamental no panorama das letras portuguesas.

Ilustrada com excelentes desenhos de Óscar Zarate (são também seus os desenhos de «FREUD PARA PRINCIPIANTES» e «LENINE PARA PRINCIPIANTES», editados em Portugal por Publicações Dom Quixote), a publicação desta obra representa uma aposta continuada nos valores da literatura portuguesa contemporânea.

Maria Velho da Costa, actualmente leitora do Departamento de Português e Brasileiro do King's College da Universidade de Londres, foi um dos nomes apontados para o recente prémio de novelística atribuído pela APE. Em 1978, Maria Velho da Costa obteve o Prémio Cidade de Lisboa com o romance «CASAS PARDAS», que será o seu próximo livro a editar, em 3.ª edição, por Publicações Dom Quixote, na Colecção Autores de Língua Portuguesa.

A prática actual da escrita

Silva Carvalho

DIAS há em que uma vaga impressão pressiona todo o leque da consciência e surge sóbria uma melancolia que se espalha espelho sobre o olhar. Elevado ao cúmulo de mim mesmo sinto nuamente o notável brilho de uma força que ignora a energia e diz directos direitos da lei larvar. Então passo a passo silêncio o universo no seu imo imaginário: vejo sem o auxílio das três dimensões a eclosão caótica do sopro sensual. E do fundo hipotético de onde subo e sou nasce fonte um choro claro como o selvagem grito da pausa milenária que conhece a desgraça. Assisto comovido ao movimento arbitrário do pensamento real que se articula com o zelo febril da emoção capaz de fecundar o sonho. Destruído e reconstruído recebo a sucessiva ressaca sem mãe nem mar: a questionação cósmica lê no silêncio o corpo diáfano da dor. Um silvo terrível saído do nada, nado na fímbria do espaço novo que lambe casualmente o mistério material do tempo que coisifica. Perplexo e precipitado sem palavras escrevo a memória invisível elo que culmina no canto e na casa, sítio solene de profano morrer. Soam os clamores calores de cores divididas em espasmos de odores que não correspondem ironicamente ao sentido e simulacro da verdade. Além é mais longe. Um braço estendido que toca vazio o eterno beijo da procura sem alcance humano. Sinal do declínio no âmago do ser. Embora pense que tudo vive do veio veloz que produz sangue nos meandros e planícies do sentimento ainda hoje martirizado. Assim sedoso saio sublime do gume que corta a barreira da luz que explicita a prática actual da escrita nos escaninhos revelados. Perde-se o prazer e arde o desejo: é outra coisa, o caso é jovem. Algures aqui sua a suave voz vertical na vibratilidade do homem. Explosão atómica do verbo primitivo no clima simbólico capaz de futuro.

DEZ ANOS DE LITERATURA PORTUGUESA NA "COLOQUIO LETRAS"

O último número da Revista «Colóquio/Letras», dirigida pelo Prof. Dr. Jacinto do Prado Coelho e numa cuidada edição da Fundação Gulbenkian, é dedicado a uma panorâmica dos últimos «Dez anos de Literatura Portuguesa (1974-1984)», com estudos de Eduardo Lourenço, Fernando J.B. Martinho, Maria Alzira Seixo, Eduardo Prado Coelho e Luís Francisco Rebelo, com os títulos, respectivamente de «Literatura e Revolução», dedicado ao Prof. Jacinto do Prado Coelho; «Poesia»; «Ensaio» e «Literatura Teatral». Trata-se de um amplo trabalho de apreciação da actividade literária naquele período, através de trabalhos notavelmente esquematizados e até de certo tom crítico. De destacar ainda os «Balanços de 1983», que abrangem os seguintes trabalhos: «A Literatura infanto-juvenil em Portugal», por Natércia Rocha; «Brasil: o ano literário», por Fausto Cunha, Flávio Moreira da Costa e Mário Pontes: «Poesia», com poemas de Carlos Drummond de Andrade e Luiz Neto Jorge. A Revista insere ainda a secção de «Notas e Comentários», com a colaboração de Luciana Stegagno Picchio («Maria Vitalina Leal de Matos e o canto na poesia de Camões») e de Francisco Maciel Silveira, que apresenta um estudo sobre «Vieira: o discurso engenhoso». Seguem-se as Cartas de Espanha, e de Buenos Aires e as secções não menos importantes de «Livros Sobre a Mesa», com a colaboração de Álvaro Salema e João Rui de Sousa; as «Recensões Críticas» sobre obras de Literatura Portuguesa, Literatura Angolana e Literatura Brasileira, com a colaboração, entre outros, de Casimiro de Brito, Eugénio Lisboa, Liberto Cruz, Miguel Tâmen, Albano Nogueira, Maria Alzira Seixo, etc. A finalizar, a revista insere a secção de Letras em Trânsito e a Revista das Revistas, com motivos de muito interesse, como habitualmente.

DOIS POEMAS
J.O. TRAVANCA-REGO

UTERO (S)

1.
Quando cai o frio,
como libras de oiro,
as mulheres
são mais quentes e mais belas:
O volume
das ancas e das pernas
e dos seios
incha nas ruas —
à medida que sobe o gelo;

E os seus cabelos
são um «cache-col»
para a nudez dos sonhos-frios.

2.

— Lentamente,
apagar a solidão:
Beber, por tuas mãos,
um cálice de sangue.
Morrer — enquanto não —
será precoce...
E no inverno, ao coração,
— por Ti — chamo-lhe sol!

3. ÚTERO

Um templo um templo circundado
este lugar minúsculo do tempo!
Que o vento/aqui não entre dentro
roendo, como o estupro dum punhal envenenado,
este breve sinal de ter havido o tempo!

ORFEU: DEPOSIÇÕES DO OURO

Preferia ser coroado na praça
do coração de minha amiga/seus braços
em redor (frio) de meu olhar;
«Diz-me **(ela diria)** amigo
«que — de tão difícil —
«em teu coração se passa?

É um archote o meu coração
de gelo tangendo numa harpa:
As praças estão cheias (são um ovo de sangue),
palavras
estão podres e outras são
de cinza ou da traça a vaga
dicção somente poluída/e

o meu coração quase (se não gelasse)
sangue ou nada seria.
— É um archote, o meu coração,
de gelo tangendo numa harpa.